

# TECNOLOGIA E INTERAÇÕES NA AMAZÔNIA PARAENSE

um estudo com jovens da ilha de Murutucu - Belém/PA



Monique Feio Igreja  
Belém, 2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA  
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Monique Feio Igreja

TECNOLOGIA E INTERAÇÕES NA AMAZÔNIA PARAENSE:  
um estudo com jovens da ilha de Murutucu – Belém/PA

BELÉM - PA  
2016

Monique Feio Igreja

TECNOLOGIA E INTERAÇÕES NA AMAZÔNIA PARAENSE:  
um estudo com jovens da ilha de Murutucu – Belém/PA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de Concentração: Comunicação. Linha de Pesquisa: Mídia e Cultura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Alda Cristina Silva da Costa

BELÉM - PARÁ  
2016

Monique Feio Igreja

TECNOLOGIA E INTERAÇÕES NA AMAZÔNIA PARAENSE:  
um estudo com jovens da ilha de Murutucu – Belém/PA

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Mestrado em Ciências da Comunicação, para a Defesa de Dissertação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Alda Cristina Silva da Costa

RESULTADO:      (   ) APROVADO      (   ) REPROVADO

Data:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Alda Cristina Silva da Costa (Orientadora)

---

Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro (Examinador Interno)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Vânia Maria Torres da Costa (Examinadora Externa)

BELÉM - PARÁ  
2016

*Aos jovens de Murutucu, que enriqueceram  
esta pesquisa com as suas experiências.*

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração, apoio, amizade e amor de muitas pessoas, as quais sempre farão parte da minha história. Porém, em primeiro lugar, agradeço a Deus, por sempre me conceder sabedoria nas escolhas dos melhores caminhos, coragem para acreditar, força para não desistir e proteção para me amparar.

Aos meus pais e irmão, os quais sempre me encorajaram em minhas decisões, pelas palavras de conforto nos momentos difíceis, pelo amor e apoio que sempre me impulsionam em direção às vitórias dos meus desafios.

Aos meus avós paternos Jacy e Célia e maternos Mário (*in memoriam*) e Dalva (*in memoriam*), modelos em que procuro me espelhar sempre. Exemplos de amor e honestidade, figuras de grande importância em minha formação.

À minha madrinha Terezinha, pelas constantes orações e vibrações com as minhas vitórias.

À professora e orientadora Alda Costa, que me acompanhou desde as etapas de graduação e especialização, sempre me apoiando para a concretização deste sonho. Seus ensinamentos foram além da academia. Obrigada pela orientação segura, por todas as críticas construtivas, sugestões e estímulo.

À professora Voyner Cañete, pelo incentivo no ingresso do mestrado, pelas palavras de motivação e pelo saber que compartilhou, colaborando no solucionar de dúvidas no decorrer deste trajeto.

Ao professor Fábio Castro, pela atenção e contribuição dispensadas na elaboração deste projeto e ao longo do estágio docência. Obrigada pelos momentos partilhados.

À professora Vânia Torres, que fez parte da banca de qualificação deste estudo, pela disponibilidade, contribuições e recomendações.

Aos jovens que integraram esta pesquisa, pois, sem eles, não seria possível a construção deste projeto. Agradeço pelo interesse em participar e por terem sido tão gentis e atenciosos comigo.

Às amigas do mestrado, que estiveram comigo nos momentos de aflições e alegrias que envolveram esta trajetória.

A todos os amigos e familiares, que participaram diretamente deste trabalho e que me auxiliaram em todos os momentos.

## RESUMO

A presente pesquisa objetiva analisar as formas que se estabelecem as interações mediadas pelo *smartphone* entre jovens moradores da ilha de Murutucu, localizada no município de Belém, estado do Pará, que vivem em uma realidade marcada pela transição entre urbano e rural na Amazônia paraense. Na escuta dos jovens, realizamos uma pesquisa qualitativa, composta por observação direta participante, entrevistas e questionários semiestruturados, envolvendo questões relativas às interações (GOFFMAN, 2012), contempladas em três níveis analíticos: socioculturais, espaço-temporais e tecnológicas. A rotina dos componentes deste estudo se desdobra entre Murutucu e Belém, para onde precisam se deslocar cotidianamente com o objetivo de estudar, adquirindo, assim, diferentes percepções espaço-temporais e novas formas de sociabilidades (SIMMEL, 2006). Nesse sentido, os jovens estão inseridos no contexto das novas ruralidades (CARNEIRO, 2012), entendidas a partir da junção entre elementos presentes na cultura local e a incorporação de novos hábitos e técnicas. Murutucu tem dinâmicas particulares em seu contexto: é entrecortada pelos chamados furos, não conta com ruas que conectem suas residências, nem possui espaços institucionalizados de lazer que integrem os jovens locais. Dessa forma, o acesso à Internet, facilitado com o uso dos *smartphones*, adquire um papel fundamental nas interações tecidas pela população juvenil, pois este dispositivo permite uma mobilidade informacional que não é limitada pela mobilidade física. O *smartphone*, com sua característica ubíqua, portátil e móvel, insere os jovens de Murutucu em uma mobilidade ampliada e é entendido como uma forma de mediação, que configura usos diversificados. Porém, a utilização de aparatos tecnológicos e a consequente ampliação de formas de interação não implicaram na perda de vínculo dos jovens com o espaço habitado. A ilha lócus desta pesquisa é considerada como detentora de elementos essenciais ao modo de vida dos jovens, tais como a segurança, a tranquilidade e o silêncio, que revelam sentidos de intenso pertencimento ao local de origem. Para os sujeitos que compõem este estudo, a tecnologia é tida como uma verdadeira redentora, que traz a salvação da manutenção de suas relações interpessoais, mas não é utilizada para reverberar as problemáticas existentes em Murutucu, que não tem acesso a serviços que satisfaçam as necessidades humanas básicas, como educação, saúde, sistema hídrico e de saneamento. O *smartphone* é relacionado pelos entrevistados como um meio de comunicação e transpõe as limitações físicas presentes no território da ilha. Dessa forma, a juventude costuma interagir amplamente no ambiente virtual.

**Palavras-chave:** Jovens. *Smartphone*. Murutucu. Amazônia paraense. Interação.

## ABSTRACT

This research aims to examine the ways that interactions are established and mediated by smartphones among young islanders of Murutucu, located in the city of Belem, state of Pará, living in a reality marked by the transition between urban and rural in the Amazon of Pará. Listening to the young people, we conducted a qualitative study, consisting of direct observations, interviews and semi-structured questionnaires, involving issues related to communicative interactions (GOFFMAN, 2012), contemplated in three analytical levels: sociocultural, spatio-temporal and technological. The routine of the components of this study unfolds between Murutucu and Belém, where they have to travel daily in order to study, acquiring that way different spatio-temporal perceptions and news forms of sociabilities (SIMMEL, 2006). This way, the young people studied are framed in the category covering the new ruralities (CARNEIRO, 2012) that can be translated from the junction of elements present in the local culture and the incorporation of new habits and techniques. Murutucu has particular dynamics in its context: it is intersected by so-called holes; it does not have streets that connect their homes or have play areas that integrate the local youngsters. In this context, access to the Internet, facilitated with the use of smartphones, acquires a fundamental role in the interactions woven by the young population, because this device allows an informational mobility that is not limited by physical mobility. The smartphone, with its omnipresent, portable and mobile features inserts the youngsters of Murutucu in a larger mobility and is understood as a form of media coverage, which sets diverse uses. However, the use of technological devices and the consequent expansion of forms of interaction did not result in a loss of the bond of the young people with the inhabited place. The local island of this research is considered owner of essential elements of the way of life of the young people, such as security, tranquility and silence, revealing an intense sense of belonging to the place of origin. For the subjects that make up this research, the technology is seen as a redeeming truth that brings salvation, maintaining their interpersonal relationships; however, it is not used to reverberate existing problems in Murutucu who do not have access to services that meet the basic human needs such as education, health, water and sanitation system. The smartphone is related by the interviewed as a mean of communication and transposes the limitations present in the territory of the island. This way, the youth usually interact in a wide form in the virtual environment.

**Key-words:** Young People. Smartphone. Murutucu. Amazon of Pará. Interaction.



## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> - Uso do smartphone pelos jovens	81
<b>Gráfico 02</b> - Meios de comunicação identificados pelos entrevistados	97
<b>Gráfico 03</b> - Faixa etária dos participantes	108
<b>Gráfico 04</b> - Nível de renda familiar	109
<b>Gráfico 05</b> - Principais atividades praticadas nos momentos de lazer	112
<b>Gráfico 06</b> - Identificação dos entrevistados	127
<b>Gráfico 07</b> - O passar do tempo na visão dos jovens	139
<b>Gráfico 08</b> - Posição da ordem de importância do celular	148
<b>Gráfico 09</b> - O acesso à Internet pelos jovens	149
<b>Gráfico 10</b> - Aplicativos utilizados no smartphone	150

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> - Área de pesquisa	14
<b>Figura 02</b> - Foto de satélite das ilhas do Combu, Murutucu e Ilha Grande	15
<b>Figura 03</b> - A jovem Tainara navega na Internet pelo <i>smartphone</i>	25
<b>Figura 04</b> - GPS indica a velocidade da rabeta utilizada	27
<b>Figura 05</b> - Área de entrada da residência de Tainara	27
<b>Figura 06</b> - Rabeta utilizada para o deslocamento à ilha	28
<b>Figura 07</b> - Trapiche da Marina Espaço Náutico	28
<b>Figura 08</b> - Posto de combustível	29
<b>Figura 09</b> - Praça Princesa Isabel	30
<b>Figura 10</b> - Prédios situados na orla de Belém vistos a partir de Murutucu	36
<b>Figura 11</b> - A jovem Cléo, na área de entrada de sua residência	40
<b>Figura 12</b> - Foto de satélite da ilha de Murutucu	43
<b>Figura 13</b> - Assembleia de Deus	44
<b>Figura 14</b> - Igreja Deus é Amor	44
<b>Figura 15</b> - Assembleia de Deus: Congregação Filadélfia	45
<b>Figura 16</b> - Residência localizada no rio Bijogó	46
<b>Figura 17</b> - Residência de um dos entrevistados, no Furo da Paciência	46
<b>Figura 18</b> - Residência de um dos entrevistados, no Furo da Paciência	47
<b>Figura 19</b> - Residência de um dos entrevistados, no rio Guamá	47
<b>Figura 20</b> - Jovens sobem no açazeiro	48
<b>Figura 21</b> - Mãos que trabalham: Moradores de Murutucu separam caroços de açaí	49
<b>Figura 22</b> - Trapiche de Murutucu	49
<b>Figura 23</b> - A empresa desativada <i>Amazon Fruit</i>	50
<b>Figura 24</b> - Caldeira que era utilizada pela empresa <i>Amazon Fruit</i>	51
<b>Figura 25</b> - Trilhos de madeira rodeados por açazeiros	52
<b>Figura 26</b> - Escola Acaimu	54
<b>Figura 27</b> - Alunos assistem à aula de Português na escola	55
<b>Figura 28</b> - Aluna em uma sala de aula integrada à natureza	55
<b>Figura 29</b> - Professora Giselle Trindade ministra atividades	56
<b>Figura 30</b> - Lancha escolar que realiza o transporte dos alunos	56
<b>Figura 31</b> - Estabelecimento utilizado para pesquisas dos jovens	90
<b>Figura 32</b> - Cestas de açaí dividem espaço com a televisão na sala de Thays	98
<b>Figura 33</b> - Jovem durante entrevista	106
<b>Figura 34</b> - Dimensões de interação	110
<b>Figura 35</b> - Aparelhos de televisão e rádio, na sala de estar de Jamile	112
<b>Figura 36</b> - Televisão na sala da residência das irmãs Tainá e Tainara	113
<b>Figura 37</b> - Trapiche de embarque dos estudantes	116
<b>Figura 38</b> - Jovem aguarda no barco o retorno para a ilha de Murutucu	116
<b>Figura 39</b> - Chegada na Praça Princesa Isabel	122
<b>Figura 40</b> - Ana utiliza seu <i>smartphone</i>	123
<b>Figura 41</b> - André espera retorno à Murutucu no barco-escola	123
<b>Figura 42</b> - Trânsito de embarcações no Furo da Paciência	136
<b>Figura 43</b> - Aglomerado de rabetas na entrada do Porto da Palha	143
<b>Figura 44</b> - Chegada de açaí no Porto da Palha	143
<b>Figura 45</b> - Transporte dos cestos de açaí	144
<b>Figura 46</b> - Chegada na residência de Dona Janice	144

<b>Figura 47</b> - Joice conversa pelo <i>Whatsapp</i>	146
<b>Figura 48</b> - Momento em que o motor da rabeta foi desligado	147

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> - Perguntas do Questionário	22
<b>Quadro 02</b> - Dados sobre os jovens pesquisados	23-24
<b>Quadro 03</b> - Relação de visitas feitas à Murutucu	26
<b>Quadro 04</b> - Identificação dos participantes	107

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS</b>	19
<b>CAPÍTULO 1 – PARA ALÉM DAS DUALIDADES: A RELAÇÃO URBANO-RURAL NA AMAZÔNIA PARAENSE</b>	33
1.1 Território insular de Belém: histórico e características	34
1.2 Os sentidos do rio	39
1.3 Murutucu: aspectos que entrecruzam sua realidade	41
1.3.1 A atuação da empresa <i>Amazon Fruit</i> em Murutucu	50
1.3.2 A escola Acaimu	54
1.4 Questões políticas e sociais que atravessam Murutucu	58
1.5 Um olhar para além da relação dicotômica entre campo e cidade	61
1.5.1 Novas ruralidades	64
1.6 Murutucu: antes e depois da eletricidade	66
<b>CAPÍTULO 2 - INTERAÇÕES COMUNICATIVAS E TECNOLOGIAS</b>	70
2.1 Reflexões sobre a categoria “juventude”	71
2.2 Tecnologia e juventude na contemporaneidade	74
2.3 Sociabilidade e interação	78
2.4 Goffman e as interações	81
2.5 Comunicação e tecnologia	85
2.6 Realidade mediada	91
2.7 A sociedade da informação e seus amplos contornos	100
<b>CAPÍTULO 3 - JOVENS DE MURUTUCU E SUAS DIVERSAS FORMAS DE INTERAÇÃO</b>	104
3.1 Procedimentos metodológicos	105
3.2 <i>Corpus</i> de pesquisa	107
3.3 O contexto da pesquisa	109
3.4 Interação sociocultural	111
3.4.1 Conexões conflituosas causadas pelo celular	119
3.4.2 <i>Smartphone</i> : a praça virtual dos jovens de Murutucu	122
3.5 Jovens e processos de identificação	126
3.6 Interação espaço-temporal	131
3.7 Interação tecnológica	141
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	155
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS</b>	160
<b>ENTREVISTAS</b>	167
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS JOVENS</b>	168

## INTRODUÇÃO

Pesquisar a Amazônia é desafiador. As múltiplas realidades inseridas no nosso local de estudo demandam um olhar atento para compreender as diferenciadas matizes das relações sociais estabelecidas por seus habitantes. Pensar a Amazônia significa refletir sobre populações urbanas e tradicionais<sup>1</sup> que se conectam, dialogam, desenham e redesenham suas sociabilidades. Nesse contexto, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) estão cada vez mais presentes na interação comunicativa. Elas permitem que os atores sociais sejam incluídos em contextos muito mais amplos, nos quais os sujeitos que participam desse cenário podem ser verdadeiros protagonistas e produtores de novos sentidos.

A iniciativa de realizar um estudo que envolvesse as TICs e suas relações com populações tradicionais surgiu a partir de aspectos relacionados à minha trajetória como estudante e profissional de jornalismo. Enquanto cursava a graduação, tive a oportunidade de ser bolsista na TV Unama<sup>2</sup>, a qual me permitiu uma aproximação com as práticas culturais da população amazônica. Como jornalista, atuei por um ano na assessoria de imprensa de um parlamentar estadual e desenvolvi contato permanente com diversas comunidades, dentre elas a população de Murutucu.

A ilha de Murutucu é uma das mais extensas da porção sul do complexo insular de Belém - tem 866,16 hectares e está localizada às margens do rio Guamá, situando-se entre a ilha do Combu e a Ilha Grande. De acordo com o Anuário Estatístico do Município de Belém<sup>3</sup>, publicado em 2012, Murutucu faz parte do Distrito Administrativo do Outeiro (DAOUT), um dos oito distritos que compõem a capital paraense.

Antes da primeira visita que fiz à ilha, no início de 2013, ainda não tinha ouvido falar sobre aquele lugar de nome inusitado e de difícil pronúncia. As únicas ilhas de Belém que conhecia eram as de Mosqueiro e Combu. Como a maioria dos habitantes paraenses, meu contato com a ilha do Combu se dava nos finais de semana, em visitas realizadas com um viés turístico, para passear, admirando tudo que o local oferecia: a natureza, a gastronomia e a possibilidade de ver Belém por um ângulo diferente.

---

<sup>1</sup> Conforme Diegues (2008), o termo população tradicional está relacionado a comunidades que têm uma forma de organização econômica e social com baixa acumulação de capital e que desenvolvem atividades econômicas com base em recursos naturais renováveis. As populações tradicionais são caracterizadas como conhecedoras dos recursos e ciclos naturais, entre outros, que são passados de geração em geração.

<sup>2</sup> Suporte de mídia institucional, que divulga as ações da Universidade da Amazônia e assuntos relacionados ao desenvolvimento social e sustentável da Amazônia.

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://www.belem.pa.gov.br/app/c2ms/v/?id=2&conteudo=4485>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

O fato de ser neta de um marajoara e ter passado as férias da minha infância em contato com a natureza, na casa do meu avô materno - localizada em Salvaterra, município da região do Marajó -, motivava-me a estar em contato constante com o meio ambiente. A interação com a natureza despertava uma forte memória afetiva dos tempos de quando era criança. Sempre gostei de atravessar o rio, pois me fazia lembrar das inúmeras travessias feitas de balsa para o Marajó com meus avós maternos, já falecidos, e meus pais, nas quais gostava de fitar aquela volumosa quantidade de água. Para mim, a natureza era sinônimo de contemplação.

Quando visitei Murutucu pela primeira vez, viagem realizada como experiência profissional no exercício do jornalismo, meu olhar foi despertado para o fato de a população ter acesso às tecnologias, mesmo não usufruindo de recursos naturais básicos, como água potável. Pude perceber que os jovens locais vivenciam um processo de intensa articulação com o *smartphone*<sup>4</sup> – enquanto conversava com eles, não paravam de mirar e deslizar seus polegares sobre a pequena tela. Essa percepção me trouxe à tona várias perguntas: Como se estabelece a interação comunicativa desses jovens por meio do *smartphone*? Qual a importância do aparelho em suas vidas? De que forma se dá a mediação cultural produzida por esse dispositivo privilegiado para as trocas comunicativas?

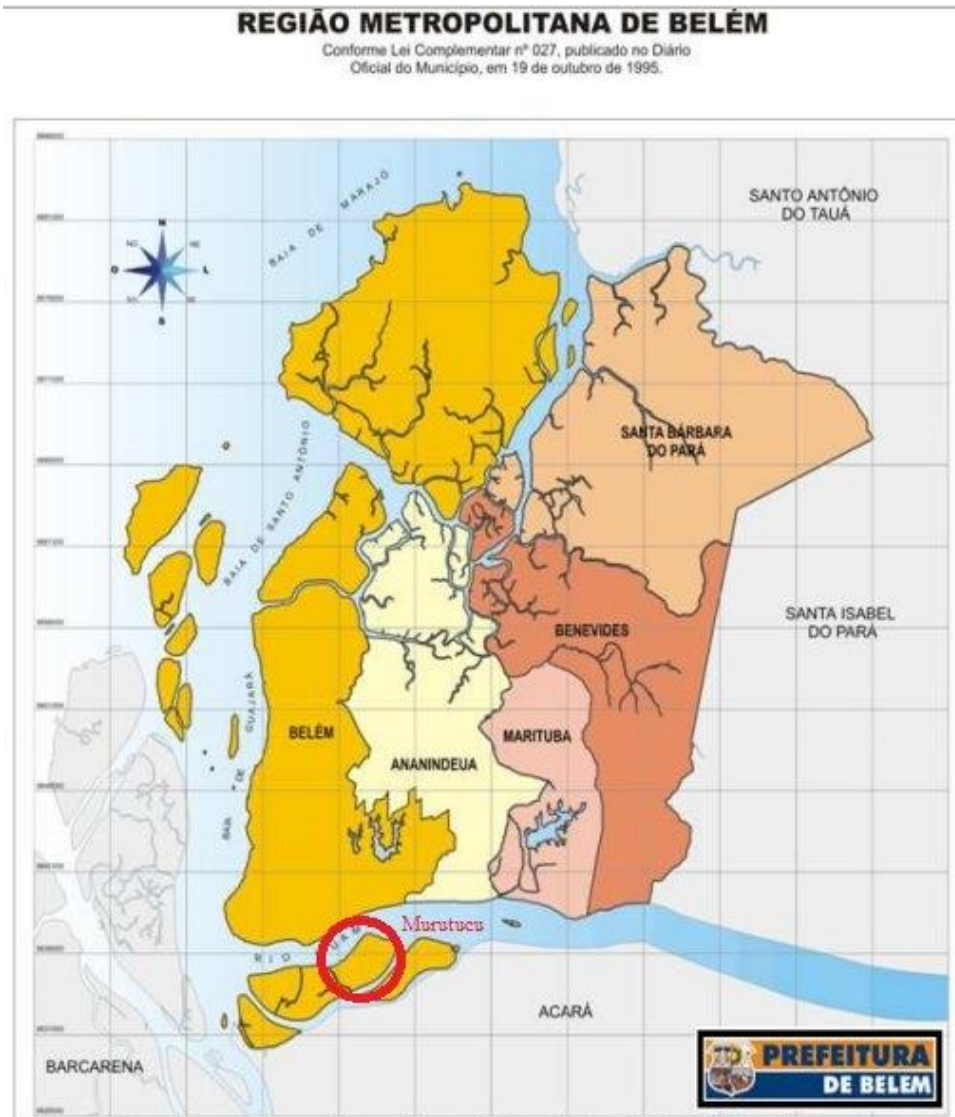
O intenso uso do *smartphone* pelos jovens me causou um estranhamento. Em minhas pré-concepções, acreditava que, ao chegar em Murutucu, encontraria os jovens locais interagindo com o meio ambiente no qual estão inseridos, já que as populações que residem nas ilhas de Belém não costumavam ocupar, no meu imaginário, uma posição de acesso às tecnologias. Outro fator que atraiu minha atenção foi o constante trânsito dos moradores entre as zonas rural e urbana. Quando discursos dominantes tratam de contextos insulares, eles vêm, geralmente, carregados de definições limitadoras, relacionando ilhas ao isolamento. Entretanto, essas ideias não se enquadram à realidade de Murutucu, visto que sua proximidade com Belém (apenas 9 km) faz com que seus habitantes se desloquem com frequência entre a capital do estado e a ilha.

Na primeira visita à Murutucu, também pude observar o quanto as populações ribeirinhas são tratadas, muitas vezes, como invisíveis pelo poder público. Ao conversar com moradores, percebi os paradoxos que permeiam a vida da população: vive cercada por águas, mas não tem acesso à água potável; está situada a apenas 9 km de distância da cidade, mas não

---

<sup>4</sup> A palavra *smartphone* tem origem inglesa e significa “telefone inteligente”. Ele é a evolução do celular, mescla funções de celulares e computadores, oferecendo recursos que vão além das ligações de voz e mensagens de texto SMS presentes nos celulares comuns. Os *smartphones* oferecem múltiplas opções aos seus usuários, como acesso à Internet, e-mail, GPS. Portanto, são verdadeiros computadores portáteis.

usufrui de serviços hospitalares e conta com apenas uma escola pública, que oferta turmas até o 5º Ano, denominada Acaimu. A Figura 01 identifica a localização da ilha de Murutucu no plano do entorno metropolitano de Belém.



**Figura 01** - Área de pesquisa (Fonte: Modificada da Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão – SEGEP).

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE<sup>5</sup>, Belém tinha população estimada em 1.432.844 no ano de 2014. A capital paraense integra a Região Metropolitana de Belém – RMB e é formada por áreas insulares e continentais. Possui 505 km<sup>2</sup> de território, sendo 34,6% constituído pela região continental e 65,4% correspondente a 39 ilhas. Os cursos d'água e canais entrecortam o município, que é composto por 14 bacias

<sup>5</sup> Informação disponível no site: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150140>>. Acesso em: 05 nov. 2015.



hidrográficas e tem algumas localidades situadas a 4 metros abaixo do nível do mar, sujeitas a inundações nos períodos de maré alta<sup>6</sup>.

As vilas e cidades localizadas na confluência do estuário amazônico, polarizadas por Belém, representam o mais relevante aglomerado urbano da Amazônia, devido a sua expressão econômica, demográfica e social (CASTRO, 2006). A expansão demográfica da capital paraense, conforme Castro (2006), tende a se orientar no sentido das ilhas, devido aos limites do território de Belém em sua área continental e ao adensamento populacional recente. A autora destaca que esses fatores tornam tênue a fronteira entre a Belém insular e a continental.

As ocupações que foram delineadas a partir das margens dos rios têm uma economia com base agroextrativista, com função comercial e portuária, detêm o transporte e a comunicação por vias fluviais e estabelecem forte relação social com a floresta e os rios (CASTRO, 2009b). A condição insular das 39 ilhas que pertencem a Belém garantiu, historicamente, a possibilidade de preservar modos de vida tradicionais, apesar da constante integração com a vida urbana. Na imagem a seguir, percebemos os sistemas ambientais localizados próximos a Belém, em contraste com a mancha urbana.



**Figura 02** - Foto de satélite das ilhas do Combu, Murutucu e Ilha Grande (Fonte: Google Earth)

Murutucu é definida como área rural, de acordo com o Anuário Estatístico de Belém, publicado em 2012. Conforme a coordenadora da escola Acaimu, Luciene Botelho, a ilha é

<sup>6</sup> Informações obtidas no Plano Plurianual de Belém - PPA 2014 / 2017. Disponível em: <[www.belem.pa.gov.br/ppa/projeto/5.%20ANEXO%20I%20-%20PPA%202014-2017.pdf](http://www.belem.pa.gov.br/ppa/projeto/5.%20ANEXO%20I%20-%20PPA%202014-2017.pdf)>. Acesso em 22 dez. 2015.

ocupada por 145 famílias<sup>7</sup>, que, em sua maioria, sobrevivem do cultivo, extração e comercialização do açaí, vendido, principalmente, no tradicional Porto da Palha, na capital paraense.

### **Jovens e tecnologia**

Os jovens ilhéus têm um cotidiano de constante fluxo entre Belém e Murutucu, principalmente por precisarem, a partir do 6º ano, frequentar diariamente a capital paraense para estudar, já que a escola local apenas oferta turmas até o 5º ano. O deslocamento a Belém também se dá com outras finalidades, como utilizar serviços hospitalares e fazer compras. Assim, os jovens entram em contato com realidades espaço-temporais diferenciadas: a cidade, com sua infraestrutura que possibilita acesso a vias pavimentadas, complexo de hospitais e detém concentração populacional, em contradição com a ilha, que não conta com postos de saúde, possui população reduzida e não tem acesso a um sistema público de abastecimento hídrico.

Murutucu tem dinâmicas particulares em seu contexto: é entrecortada pelos chamados furos<sup>8</sup> e não conta com ruas, nem caminhos, que conectem as residências inseridas no local. Dessa forma, o trânsito dos moradores se dá exclusivamente por meio de embarcações, principalmente de rabeta, que tem porte pequeno, com motor e hélice traseira não muito profunda, e é utilizada com frequência para o transporte das populações que vivem às margens dos rios. O deslocamento de rabeta é bem mais ágil se comparado ao transporte feito de canoa. As residências localizadas em Murutucu são, geralmente, distantes umas das outras e aquelas que se situam próximas pertencem a integrantes de uma mesma família.

Assim, o deslocamento dos jovens é limitado, pois alguns relataram que os pais não permitem que eles utilizem sozinhos a rabeta. Outro aspecto importante a ser destacado é o fato de a ilha não ter espaços públicos institucionalizados de lazer, como praças, que integrem os jovens locais. Nesse contexto, o acesso à Internet, facilitado com o uso de *smartphones*, adquire um papel fundamental nas interações tecidas pela população juvenil.

O aparelho celular se tornou mais popular entre os habitantes de Murutucu a partir de 2011, ano em que a energia elétrica passou a ser distribuída para muitas das ilhas de Belém, modificando variados elementos inseridos na rotina dos ilhéus. Antes desse período, os

---

<sup>7</sup> Destacamos que houve várias tentativas de contato com a Prefeitura de Belém, por e-mail e ligações telefônicas, para o fornecimento de dados oficiais sobre o número de habitantes de Murutucu, porém, não obtivemos retorno.

<sup>8</sup> Na Amazônia, usa-se a nomenclatura “furo” para denominar os canais que integram os rios do território.

moradores utilizavam gerador movido a óleo diesel para abastecer a energia, dessa forma, muitos não tinham aparelhos como geladeira, televisão e celular, pois a bateria do gerador era utilizada apenas durante o turno da noite, e nem todos os moradores possuíam o equipamento, devido ao seu custo elevado. Até 2011, alguns dos jovens entrevistados nesta pesquisa não possuíam celular e, aqueles que tinham, regravam o seu uso, para que a bateria durasse bastante, pois os moradores apenas podiam recarregá-la à noite.

Os fatores de identificação da ilha, assim como a realidade dos jovens que nela habitam, despertaram em mim um desejo de conhecer mais de perto as dinâmicas presentes em Murutucu e compreender as interações estabelecidas entre os dois espaços - urbano e rural - que, a priori, tomava como distintos e separados, e ajudar a enriquecer o pensamento acadêmico sobre as práticas comunicativas de seus jovens moradores, que são atravessadas pelas tecnologias, em especial pelo *smartphone*, aparelho que tem um significado importante na vida dos agentes desta pesquisa.

O uso do *smartphone* se expande a cada ano. A pesquisa *Mobile Report*<sup>9</sup>, desenvolvida pelo instituto Nielsen Ibope, constatou que, até o segundo trimestre de 2015, o Brasil tinha 72,4 milhões de pessoas utilizando o *smartphone* para o acesso à Internet, o que representa um aumento de 4 milhões de usuários em relação ao primeiro trimestre do mesmo ano.

Os *smartphones* representam um instrumento tecnológico de massificação no mercado brasileiro. São cada vez mais barateados e têm seu consumo estimulado pelas mídias. Dessa forma, passam a ser elemento central no cotidiano dos indivíduos, principalmente dos jovens, que usam a tecnologia não apenas como instrumento, mas como forma de expressão e de criação, permitindo contato com novas experiências de percepção e vivência (OLIVEIRA, 2006).

Os telefones inteligentes se tornaram o que Jenkins (2009, p. 31) denomina de “equivalente eletrônico do canivete suíço” – contêm câmera de vídeo, câmera fotográfica, acesso à Internet, MP3 player, calculadora, agenda, rádio, despertador, jogos, dentre outras funções que acabam tornando a opção de chamada telefônica secundária. Uma das maiores diferenças com relação aos celulares comuns é a possibilidade de personalização das funções do dispositivo, que permite que o usuário sincronize seus dados e agenda telefônica com a Internet, assim como faça o *download* de aplicativos que melhor atendem as suas necessidades.

Os *smartphones* também oferecem funções de conectividade, por meio de *Bluetooth*, *Wi-Fi*, USB e podem até ser usados como controle remoto e bússola. Essa múltipla

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.nielsen.com/br/pt/press-room/2015/Brasileiros-com-internet-no-smartphone-ja-sao-mais-de-70-milhoes.html>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

funcionalidade tornou o *smartphone* popular, principalmente junto a jovens, dentre eles os inseridos nesta pesquisa. O dispositivo permite que a juventude recrie suas identificações, articule novas relações pessoais e garanta aos jovens uma maior autonomia, liberdade e privacidade (ARTOPOULOS, 2011).

As mídias móveis e em rede possibilitam o consumo, mas também a produção e distribuição de informações, portanto, permitem uma mobilidade informacional que não é limitada pela mobilidade física (LEMOS, 2011). O *smartphone*, com sua característica ubíqua, portátil e móvel insere os jovens de Murutucu em uma “mobilidade ampliada”, potencializando as dimensões físicas e informacionais e perfilando formas de interação diversificadas.

Esta pesquisa envolve as relações de jovens pertencentes a um território específico, com práticas marcadas pela relação entre o urbano e o rural, articuladas com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação. Para atender às demandas do objeto deste estudo, o problema de pesquisa deste trabalho pode ser assim apresentado: **De que forma o *smartphone* se insere nas interações comunicativas dos jovens da ilha de Murutucu, na Amazônia paraense?**

A partir da referida questão problema, inferimos os seguintes objetivos na pesquisa:

- **Geral:**
  - Analisar de que forma o *smartphone* se insere nas interações comunicativas dos jovens da ilha de Murutucu no município de Belém, estado do Pará.
- **Específicos:**
  - Identificar e descrever os agentes desta pesquisa que utilizam o *smartphone*;
  - Caracterizar urbano-rural na Amazônia Paraense;
  - Analisar as interações mediadas pelo *smartphone* nas relações dos jovens moradores de Murutucu.

A partir do cenário empírico exposto, apresentamos a seguir o caminho metodológico percorrido neste estudo.

# CAMINHOS METODOLÓGICOS



A teoria e a pesquisa na comunicação são apontadas como instrumentos fundamentais no processo de mudança sociocultural e como formadoras de uma dinâmica psicossocial. (MELO, 2009). A discussão teórica é importante para a elaboração de dissertações e teses, porém, a pesquisa empírica seria a única forma de proporcionar uma disciplina do pensamento, do conhecimento e do rigor reflexivo (BRAGA, 2011).

Braga (2011) defende que a pós-graduação pode ser o único momento apoiado no qual o pesquisador em formação terá a oportunidade de lidar com os desafios práticos, com as dificuldades que envolvem um trabalho de investigação, e defrontam com uma realidade que resiste e que não pode ser resolvida apenas com argumentações e especulações. Diferentes pesquisas demandam variadas aproximações, que serão ajustadas de acordo com as perguntas e objetos de cada investigação: “a metodologia é uma sabedoria na tomada de decisões em que o pesquisador se vê constantemente envolvido” (BRAGA, 2011, p. 8). As decisões escolhidas devem estar em consonância com as visadas específicas da investigação, pois refletirão nos demais processos envolvidos.

Dessa forma, considerando os aspectos inseridos nesta pesquisa, nossa tomada de decisões para desenvolver o “enfrentamento da investigação no mundo empírico” (BRAGA, 2011) teve o seguinte direcionamento: elaboração de pesquisa bibliográfica e pesquisa qualitativa, que envolveu a aplicação de questionários semiestruturados, entrevistas, bem como observação direta participante junto aos jovens moradores da ilha de Murutucu.

Primeiramente, recorreremos à pesquisa bibliográfica para abordar questões referentes à realidade deste estudo. A pesquisa é definida como:

Um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa, bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que permitem recuperá-los quando necessário (STUMPF, 2009, p.54).

Assim, a pesquisa bibliográfica se estabelece não como repetição de algo que já foi dito ou escrito sobre determinada temática, pois oportuniza que o assunto seja analisado e, a partir daí, gere novas possibilidades de enfoque ao estudo (LAKATOS; MARCONI, 2010).

Com o objetivo de obter percepções acerca da realidade estudada, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa junto aos jovens de Murutucu. Jensen e Jankowski (1993) destacam que a investigação qualitativa é uma forma de observação a longo prazo de um fenômeno que está em estudo. Ela representa um cenário que dá ênfase ao comportamento cotidiano e que, por natureza, é frequentemente pautada pela descrição. Orozco e González (2011) também ressaltam a perspectiva qualitativa a partir da compreensão das qualidades de um fenômeno,

em respeito às percepções próprias dos sujeitos que dão lugar, habitam ou intervêm nesse fenômeno. Para os autores, a abordagem qualitativa está interligada à ideia de processo, pois envolve a indagação e exploração do objeto, que sempre é construído por meio de interpretações sucessivas.

Na visão de Sampieri, Collado e Lucio (2006), a pesquisa qualitativa se baseia em um método de coleta de dados que não utiliza a medição numérica e tem o intuito de “reconstruir” a realidade pesquisada. Muitas vezes, o estudo qualitativo é chamado de “holístico”, pois prioriza a abordagem do “todo” e não apenas de suas partes. Destacamos algumas das principais atividades do pesquisador que desenvolve um estudo qualitativo, apontadas pelos autores: observar eventos e atividades cotidianas em seus ambientes naturais, bem como qualquer acontecimento incomum; adquirir um ponto de vista a partir de dentro do fenômeno; realizar análise de aspectos explícitos, manifestados de forma consciente, bem como daqueles que são implícitos, inconscientes; e observar os processos sem modificar ou impor um ponto de vista externo.

Diante do exposto, acreditamos que a perspectiva qualitativa é a mais adequada para compreendermos como o *smartphone* se insere nas interações de jovens pertencentes a um território marcado pela articulação entre urbano e rural na Amazônia paraense, já que permite uma análise mais aprofundada da realidade abordada.

Com a pesquisa qualitativa, desdobramos nossa investigação do seguinte modo: aplicação de questionários semiestruturados, entrevistas e pesquisa de observação participante junto aos jovens ilhéus, procedimentos que serão detalhados a seguir.

### **Questionário semiestruturado, entrevistas e observação participante**

Selltiz et al (1974, p.270) elencam as vantagens da utilização de questionários em pesquisas. Uma delas é que os entrevistados tendem a ter maior confiança em seu anonimato, possibilitando que se sintam mais livres para expressar opiniões que temem ser desaprovadas. Os autores também discorrem a respeito de o questionário exercer menos pressão ao entrevistado, visto que ele não exige uma resposta imediata: “Quando a pessoa tem bastante tempo para preencher o questionário, pode considerar cada aspecto cuidadosamente, em vez de responder com o primeiro pensamento que lhe ocorra”.

Dessa forma, primeiramente, lançamos mão do questionário, com perguntas abertas e fechadas, para obter aspectos referentes a quatro eixos de pesquisa: identificação; a experiência

de morar na ilha; a experiência do deslocamento a Belém; a caracterização do uso do celular e da Internet. As perguntas podem ser visualizadas no quadro a seguir.

**Quadro 01 – Perguntas do Questionário**

Identificação	Experiência de morar na ilha	O deslocamento a Belém	Caracterização de uso do celular/Internet
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gênero</li> <li>• Idade</li> <li>• Escolaridade</li> <li>• Nível de renda familiar</li> <li>• Tempo de moradia na ilha</li> <li>• Atividade remunerada do jovem</li> <li>• Atividade remunerada dos pais</li> <li>• O jovem se identifica como ribeirinho?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pretende morar definitivamente na ilha?</li> <li>• Gosta de morar na ilha?</li> <li>• O que mais gosta do lugar em que mora?</li> <li>• O que menos gosta na ilha?</li> <li>• O que faz nos momentos de lazer na ilha?</li> <li>• Tem contato com jovens de outras comunidades?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O que você faz quando vai a Belém?</li> <li>• Desenvolve atividades de lazer em Belém?</li> <li>• Acha que Belém é longe?</li> <li>• Vai a Belém quando não é para estudar e/ou trabalhar?</li> <li>• Sente diferença no passar do tempo em Belém e em Murutucu?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais os meios de comunicação que tem em casa?</li> <li>• Qual a marca e modelo do celular?</li> <li>• Qual a importância do celular?</li> <li>• Para quê costuma usar o celular?</li> <li>• Costuma levar o celular para a sala de aula?</li> <li>• Quais os meios de Internet? Se sim, para quê?</li> <li>• Tem redes sociais? Quais?</li> <li>• Quais os aplicativos que usa no celular?</li> <li>• Como usa o Facebook no Celular?</li> <li>• A conexão é boa?</li> </ul>

Fonte - Elaborado pela autora



O *corpus* desta pesquisa foi composto por 20 jovens ilhéus, caracterizados no Quadro 02 pelo prenome<sup>10</sup>, gênero, idade, escolaridade e descrição do lugar em que moram na ilha, bem como o tempo em que residem, e identificando se desenvolvem atividades de trabalho.

**Quadro 02** - Dados sobre os jovens pesquisados

(continua)

Nome	Gênero	Idade	Escolaridade	Descrição
Taís	F	17	7º Ano do Ens. Fund. na Escola Estadual Monsenhor Azevedo	Mora desde recém-nascida em Murutucu, às margens do rio Guamá. Não trabalha.
Tainara	F	15	6º Ano do Ens. Fund. na E. Monsenhor Azevedo	Mora desde recém-nascida em Murutucu, às margens do rio Guamá. Não trabalha.
Daniel	M	16	2º Ano do Ens. Médio na Escola Estadual Edgard Pinheiro Porto	Nasceu em Belém, mora desde os 6 anos em Murutucu, às margens do rio Guamá. Não trabalha.
Amanda	F	14	7º Ano do Ens. Fund. na Escola Estadual Monsenhor Azevedo	Nasceu no Acará. Mora desde os 12 anos em Murutucu, às margens do rio Guamá. Não trabalha.
Rayane	F	23	Cursou até o 2º Ano do Ens. M. Faz curso de informática.	Nasceu em Belém. Mora desde os 6 anos em Murutucu, às margens do rio Guamá. Vende produtos da Natura.
Aldair	M	18	2º Ano do Ens. Médio na Escola Estadual Monsenhor Azevedo	Nasceu em Belém, depois residiu no Acará e mora na em Murutucu desde os 15 anos, às margens do rio Guamá. Trabalha com extração de açaí, mas a atividade não é remunerada.
Jamile	F	16	Concluiu o Ensino Médio. Faz curso de inglês em Belém.	Mora desde recém-nascida em Murutucu, às margens do Furo da Paciência. Não trabalha.
Evelyn	F	13	8º Ano do Ens. Fund. na Escola Estadual Monsenhor Azevedo	Mora desde recém-nascida em Murutucu, às margens Furo da Paciência. Não trabalha.
Walter	M	15	9º Ano do Ens. Fund. na Escola Estadual Monsenhor Azevedo	Mora desde recém-nascido em Murutucu, às margens do Furo da Paciência. Não trabalha.

<sup>10</sup> Ressaltamos que, no momento da entrevista, os jovens foram consultados a respeito da forma que desejavam ser mencionados nesta pesquisa, e preferiram que fossem relacionados apenas com o primeiro nome.

**Quadro 02** - Dados sobre os jovens pesquisados

(conclusão)

Nome	Gênero	Idade	Escolaridade	Descrição
Caroline	F	17	2º Ano do Ens. Médio na Escola Estadual Edgard Pinheiro Porto.	Mora desde recém-nascida em Murutucu, às margens do Furo da Paciência. Trabalha como Jovem Aprendiz.
Jéssica	F	24	2º Semestre do curso Gestão de Recursos Humanos, na Universidade Paulista (UNIP), em Belém.	Mora desde recém-nascida em Murutucu, às margens do rio Bijogó. Não trabalha.
Luiza	F	18	2º Ano do Ens. Médio na Escola Estadual Edgard Pinheiro Porto.	Mora desde recém-nascida em Murutucu, às margens do rio Guamá. Trabalha cuidando de uma criança.
Thays	F	21	3º Ano do Ens. Médio na Escola Estadual Alexandre Zacarias de Assunção.	Mora desde recém-nascida em Murutucu, às margens do rio Bijogó. Mudou-se para Belém com cinco anos de idade e, quando completou 14 anos, voltou a residir na ilha. Não trabalha.
Cléo	F	27	Curso técnico de Enfermagem, no Centro de Educação Profissional DNA, em Belém.	Mora desde recém-nascida em Murutucu, às margens do rio Bijogó. Não trabalha.
Joice	F	18	2º Ano do curso Serviço Social, na UNIP.	Nasceu no Acará. Mora desde os 8 anos em Murutucu, às margens do rio Guamá. Não trabalha.
Evanilson	M	16	1º Ano Ens. Médio na Escola Estadual Edgard Pinheiro Porto.	Mora desde recém-nascido na ilha, às margens do rio Bijogó. Não trabalha.
Ana	F	15	8º Ano do Ens. Fund. na Escola Estadual Monsenhor Azevedo	Nasceu em Belém. Mora desde os dois anos em Murutucu, às margens do rio Bijogó. Não trabalha.
André	M	18	2º Ano do Ens. Fund.	Mora desde recém-nascido em Murutucu, às margens do Furo da Paciência. Não trabalha.
Breno	M	15	6º Ano do Ens. Fund.	Nasceu em Belém. Mora desde os três anos de idade na ilha, às margens do Furo da Paciência. Não trabalha
Vanessa	F	16	1º Ano do Ens. Médio na Escola Estadual Edgard Pinheiro Porto	Mora desde recém-nascida na ilha, às margens do rio Bijogó. Não trabalha.

Fonte: Elaborado pela autora

O universo pesquisado foi composto por 14 jovens do gênero feminino e 6 do gênero masculino. A faixa etária que predominou foi a de 15 a 17 anos (50%), seguida pela faixa de 18-23 anos (30%), de 24-27 anos (10%) e 12-14 anos (10%). A maior parte dos entrevistados mora na margem do rio Guamá (40%), enquanto que 30% residem no Furo da Paciência, e 30% às margens do rio Bijogó, localizado na parte de trás de Murutucu. Muitos dos jovens moram desde recém-nascidos na ilha (60%). Os que correspondem a esse percentual relataram que, devido à falta de infraestrutura hospitalar de Murutucu, nasceram em hospitais localizados em Belém e retornaram, posteriormente, à ilha. A maioria dos jovens também relatou não trabalhar (80%).

Em linhas gerais, os depoimentos dos entrevistados refletiram o espaço privilegiado que o *smartphone* tem em suas vidas, já que todos ressaltaram que o aparelho é muito importante para a comunicação com os amigos, relacionamentos afetivos e descontração nos momentos de lazer. Na Figura 03, a jovem Tainara conversa pelo celular com seu namorado na margem do rio Guamá, próximo à sua casa.



**Figura 03** - A jovem Tainara navega na Internet pelo *smartphone* (Foto: Monique Igreja)

Para o desenvolvimento da pesquisa, no total, foram realizadas 10 visitas à ilha, detalhadas no quadro a seguir.

**Quadro 03** - Relação de visitas feitas à Murutucu

<b>Data das visitas</b>	<b>Descrição</b>
08 de janeiro de 2015	Entrevista com Taís, Tainara, Daniel, Rayane, Amanda e Aldair.
11 de janeiro de 2015	Entrevista com Jamile, Evelyn, Walter e Caroline.
22 de maio de 2015	Entrevista com o morador Rodival Navegantes, mais conhecido como Ceará, e visita às instalações da extinta fábrica Amazon Fruit, localizada em Murutucu.
01 de junho de 2015	Visita à escola Acaimu e entrevista com as professoras.
20 de julho de 2015	Segundo momento de entrevistas com as jovens Tainara, Jamile e Evelyn.
15 de setembro de 2015	Entrevista com Joice e Rayane.
16 de setembro de 2015	Entrevista com Ana, Luiza, André e Breno na Praça Princesa Isabel
02 de outubro de 2015	Entrevista com Cléo, Jéssica e Thays
18 de dezembro de 2015	Visita ao Porto da Palha e à residência de Joice e Daniel. Entrevista com Dona Janice, mãe dos irmãos Rayane, Joice e Daniel. Pesquisa de observação direta com Rayane e Joice.
21 de dezembro de 2015	Entrevista com Evanilson e Vanessa, no barco, na praça Princesa Isabel. Visita à ilha para registrar as coordenadas dos principais pontos de Murutucu, como igrejas, escola e mercearia.

Fonte: Elaborado pela autora

A locomoção à Murutucu se dava por meio de rabeta. Com o auxílio de um aparelho GPS, constatamos que a rabeta utilizada para o transporte chegou a uma velocidade de 23 km (Figura 04).





**Figura 04** - GPS indica a velocidade da rabeta utilizada (Foto: Monique Igreja)

Na primeira visita realizada à Murutucu, no exercício do jornalismo, conversei com a jovem Tainara, moradora da ilha, e salvei seu contato telefônico. Em janeiro de 2015, antes de visitar Murutucu com o objetivo de obter informações para esta pesquisa, entrei em contato com Tainara e pedi que reunisse alguns jovens da ilha, para que pudesse entrevistá-los. O encontro foi realizado no dia 08 de janeiro de 2015, na área de entrada da residência de Tainara, registrada na imagem a seguir.



**Figura 05** - Área de entrada da residência de Tainara (Fonte: Monique Igreja)

Nessa oportunidade, os jovens Taís, Tainara, Daniel, Rayane, Amanda e Aldair responderam as perguntas contidas no questionário. Ao concluir a entrevista, em uma conversa informal, Rayane se propôs a prestar apoio no meu traslado de Belém para Murutucu e vice versa, por meio de uma rabeta de sua propriedade (Figura 06), auxiliando, assim, na coleta de dados referentes ao lócus deste estudo.



**Figura 06** – Rabeta utilizada para o deslocamento à ilha (Fonte: Monique Igreja)

As visitas ocorriam a partir de agendamento prévio com Rayane. A jovem me aguardava, conforme data e horário combinados, no trapiche da Marina Espaço Náutico (Figura 07), localizada à Avenida Bernardo Sayão, ao lado do Portão 1 da Universidade Federal do Pará – UFPA. Primeiramente, realizávamos o trajeto até o posto de combustível aquático (Figura 08), situado próximo ao Espaço Náutico, com o objetivo de abastecer a embarcação.



**Figura 07** - Trapiche da Marina Espaço Náutico (Foto: Monique Igreja)



**Figura 08** – Posto de combustível (Fonte: Monique Igreja)

A disponibilidade e boa vontade de Rayane foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. A jovem é conhecedora de grande parte dos jovens ilhéus, pois participa de uma associação de moradores da ilha, a qual busca melhorias para a população local. Rayane também frequenta a Igreja Evangélica Deus é Amor, situada em Murutucu, e atua como revendedora da marca de cosméticos Natura, atividades que demandam um contato intenso com vários moradores locais. Quando havia necessidade de entrevistar os ilhéus, Rayane conduzia até a moradia dos jovens, conversava com eles sobre o estudo e perguntava se havia a possibilidade de realizar entrevistas. Todos os jovens que visitamos aceitaram participar da pesquisa. O fato de os moradores da ilha conhecerem Rayane conferia uma credibilidade maior para que pudéssemos entrar na residência dos entrevistados. A maioria das conversas com os jovens se dava na sala de estar das moradias.

Apenas as entrevistas ocorridas nos dias 16 de setembro e 21 de dezembro foram desenvolvidas na Praça Princesa Isabel, no bairro da Condor, local que é ponto de travessia entre o continente e as ilhas de Belém. Nela, os jovens que estudam em escolas públicas da capital esperam o barco disponibilizado pela prefeitura municipal para voltar à Murutucu. O retorno à ilha só ocorre quando todos os alunos transportados se encontram na praça. Devido a esse fato, muitos ficam aguardando em bancos da Princesa Isabel (Figura 09) ou no barco da prefeitura.





**Figura 09** – Praça Princesa Isabel (Foto: Monique Igreja)

O convívio e a observação do cotidiano dos jovens possibilitaram o conhecimento de seus hábitos e gostos, essenciais para o desenvolvimento do estudo. As frequentes visitas à Murutucu estreitaram as relações entre pesquisadora e alguns dos pesquisados. Foi o caso dos irmãos Rayane, Joice e Daniel, com os quais estabelecia contato por *Whatsapp* e ligações telefônicas. Acredito que devido ao fato de eu ter uma idade aproximada da faixa etária dos jovens entrevistados, havia uma maior aproximação e identificação com eles.

O autor Roberto Da Matta (1987) identifica a pesquisa de campo como um “rito de passagem”, no qual o pesquisador se afasta da realidade que costuma conviver, que lhe é familiar, para interagir com um social que descortina novas relações. Ao entrar em contato com a realidade dos jovens de Murutucu, interagi com uma forma de vida diferente da que estou habituada, observando diversos elementos inseridos no cotidiano dos entrevistados. Para compreender o significado do *smartphone* nas interações tecidas entre os jovens ilhéus, optamos pela utilização da técnica de pesquisa observação participante, que, nos termos de Lakatos e Marconi (2010), consiste na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo. Neste estudo, houve uma aproximação com a rotina dos jovens estudados, com visitas frequentes à ilha aqui abordada, havendo uma integração aos entrevistados, mas sempre deixando clara a finalidade do estudo.

O termo “observação participante” combina o papel do pesquisador (participante) com uma técnica de coleta de dados (observador). Angrosino (2009) ressalta que os pesquisadores podem utilizar outras técnicas de coleta de dados enquanto são participantes da comunidade



estudada, mas, mesmo que estejam desenvolvendo técnicas diferenciadas, continuam sendo observadores das pessoas e eventos que ocorrem ao seu redor.

A observação é uma técnica destinada a conseguir informações, a obter aspectos do pesquisado, e não tem a finalidade de apenas ver e ouvir, como também analisar fatos ou fenômenos que são estudados. Nesse sentido, a referida técnica se torna importante no contexto da descoberta, visto que, por meio dela, o observador estabelece um contato mais direto com a realidade (LAKATOS; MARCONI, 2010).

Na visão de Selltitz et al. (1974), a grande vantagem da observação é possibilitar que o comportamento seja registrado no momento em que ocorre, abarcando diferentes objetivos:

Pode ser usada de maneira exploratória, a fim de conseguir intuições que mais tarde serão verificadas por outras técnicas; seu objetivo pode ser a obtenção de dados suplementares significativos ou que possam auxiliar na interpretação de resultados obtidos por outras técnicas; pode ser usada como o método básico de coleta de dados nos estudos destinados à obtenção de descrições exatas de situações ou à verificação de hipóteses causais (SELLTIZ et al, p. 229, 1974).

Há também necessidade de uma preparação adequada do pesquisador para observar a realidade estudada, conforme enfatiza Selltitz et al (1974), pois, na observação de campo, uma abordagem errada feita ao entrevistado pode ter consequências negativas para o estudo. “Como o método é aplicado na esfera real das pessoas, onde as pessoas estão em contato, trocam opiniões e transmitem boatos, o observador é inevitavelmente comentado, e seus enganos não podem permanecer como incidentes isolados” (SELLTIZ et al, 1974, p. 243-244). Assim, acreditamos que a pesquisa de observação nos ajudou a compreender melhor a realidade estudada.

## **Proposta de Capítulos**

A partir do exposto, definimos a construção teórica e metodológica dos capítulos. No primeiro capítulo, apresentaremos aspectos da relação entre urbano e rural na Amazônia. Nosso olhar adentra o crescente término das fronteiras que isolam campo e cidade, com o objetivo de ir além da visão dicotômica que, muitas vezes, estabelece-se ao tratar esses dois espaços. Abordaremos o histórico relativo à região das ilhas de Belém, bem como a noção de trajetória econômica da produção rural, que integra a população inserida neste estudo. Também versaremos sobre a configuração de sentidos que envolve o rio, elemento essencial no contexto dos jovens moradores de Murutucu.

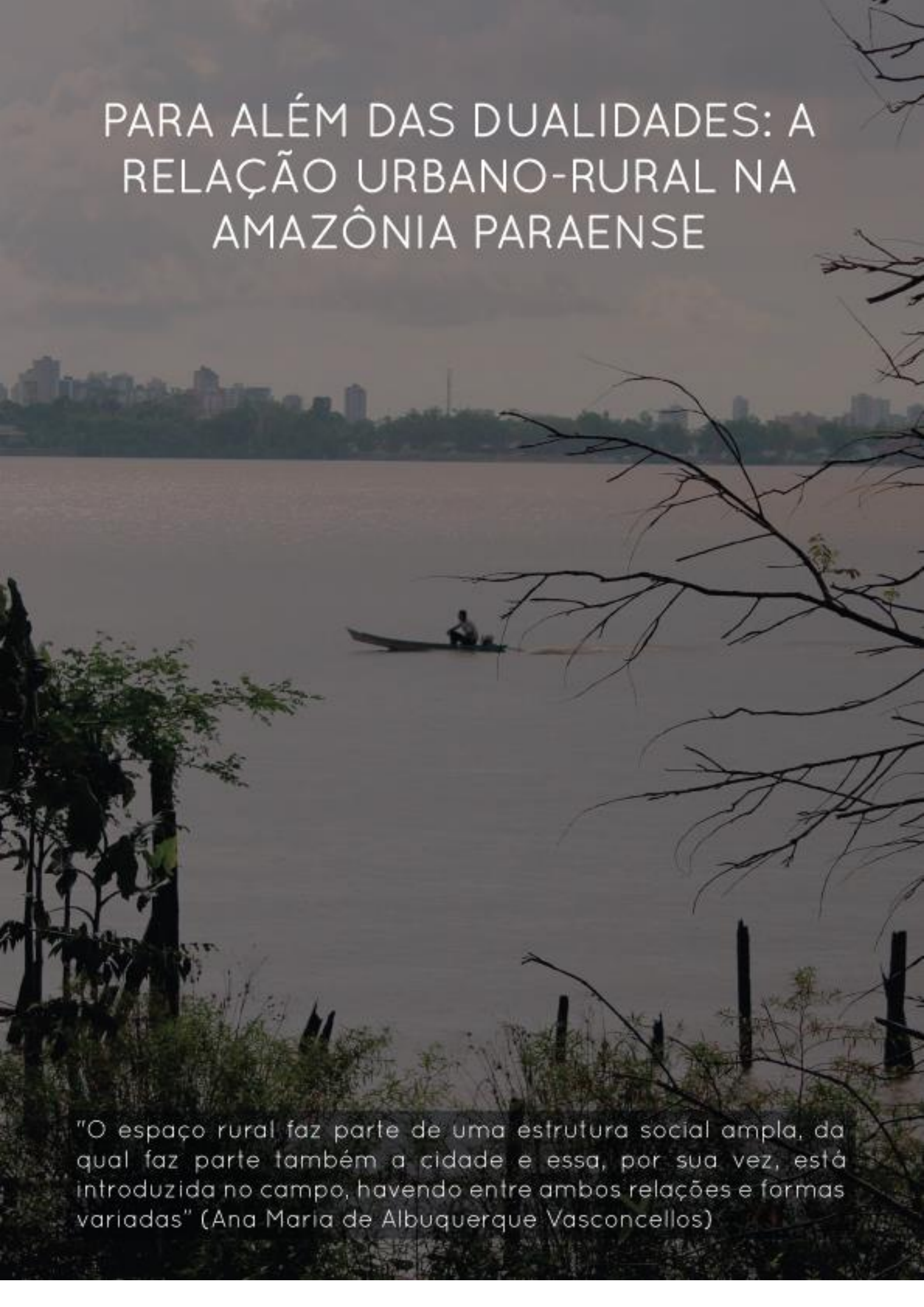
No capítulo inicial, apresentaremos uma descrição da ilha: seus aspectos físicos, econômicos e demais configurações que pautam seu território, dentre elas, destacaremos a atuação de uma empresa de beneficiamento e exportação de açaí, a qual interferia em algumas dinâmicas pautadas entre os moradores ilhéus. A atuação da escola local também será ressaltada, bem como as questões políticas e sociais que atravessam Murutucu. Discorreremos sobre as relações concernentes às novas ruralidades (CARNEIRO, 2012), que compreende os cenários rurais a partir de elementos da cultura local integrados à incorporação de novos hábitos e técnicas que, por vezes, corroboram para uma disputa de valores, produzidos nos universos culturais do campo e da cidade. A ilha de Murutucu passou, em 2011, por uma mudança significativa em seu contexto: a chegada da energia elétrica, a qual pautou a reconfiguração de práticas sociais que serão detalhadas, também, no primeiro capítulo.

No segundo capítulo, por sua vez, refletimos de que forma se dá o processo de interação mediado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) entre os jovens de Murutucu. Para tal, será articulado o conceito de juventude, refletida como uma categoria em constante construção cultural (CHAVES, 2010). Para abarcarmos a relação entre tecnologia e juventude na contemporaneidade, recorreremos ao pensamento de McLuhan (1964), ao observar que as tecnologias são extensões do corpo, que exigem novas relações sensórias. Destacaremos a intensa inserção do *smartphone* no cotidiano dos participantes desta pesquisa, que configura novas formas de interação.

Para tratar da dimensão interacional relativa aos jovens que compõem este estudo, evocaremos as dimensões de sociabilidade e interação presentes em Simmel (2006). Conforme o autor, o ser humano é determinado por viver em interação com outros seres humanos, em toda a sua essência e expressões. O pensamento de Goffman (2012) a respeito das interações também será contemplado, a partir de suas definições sobre as relações sociais tecidas presencialmente. Neste capítulo, abordaremos as configurações contidas na interação presencial e mediada pelo *smartphone*, a partir dos depoimentos dos jovens de Murutucu, bem como as concepções dos entrevistados acerca dos meios de comunicação.

O terceiro e último capítulo será desenvolvido a partir da interpretação das dinâmicas inseridas no contexto dos jovens de Murutucu, por meio das entrevistas e observações realizadas. Para tal, detalharemos os procedimentos metodológicos utilizados, o *corpus* e o contexto de desenvolvimento da pesquisa. As análises serão apresentadas contemplando três dimensões de interação: sociocultural, espaço-temporal e tecnológica, considerando o *continuum* híbrido vivido pelos jovens entre Murutucu e Belém.

# PARA ALÉM DAS DUALIDADES: A RELAÇÃO URBANO-RURAL NA AMAZÔNIA PARAENSE

A photograph of a wide river in the Amazon region of Pará, Brazil. In the center, a person is sitting in a small, narrow boat. The background shows a city skyline across the water. The foreground is filled with dark, silhouetted branches and foliage, creating a layered effect. The overall tone is muted and atmospheric.

"O espaço rural faz parte de uma estrutura social ampla, da qual faz parte também a cidade e essa, por sua vez, está introduzida no campo, havendo entre ambos relações e formas variadas" (Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos)

Neste capítulo, apresentaremos o histórico e características do território insular de Belém, bem como aspectos que entrecruzam a realidade da ilha de Murutucu. Nosso olhar perpassa a compreensão da inter-relação entre o espaço urbano e rural na Amazônia paraense, marcados por uma hibridização que perfila tanto seu território quanto as práticas sociais da população.

### **1.1 Território insular de Belém: histórico e características**

As características dos territórios insulares sempre instigaram navegadores, que tinham a necessidade de desbravar um mundo novo, desconhecido, fazendo com que territórios continentais e insulares fossem desvelados. Desde quando os colonizadores europeus chegaram à Amazônia, estabeleceu-se uma disputa entre variados Estados e segmentos sociais pela área. A partir do aspecto econômico, esse processo teve influência do extrativismo mercantilista, que ocasionou intensas transformações sociais e ambientais. Nesse contexto, o rio é protagonista, visto que atua como principal fornecedor de proteína animal para populações locais, como também é essencial para as trocas comunicativas, transportando pessoas e conhecimentos entre passado e presente (QUARESMA; PINTO, 2006).

As águas em abundância da Amazônia a singularizam como território. Dos 50 mil km de extensão da rede fluvial brasileira, 25 mil km de rios permanentemente navegáveis pertencem à Amazônia, que se estabelece como detentora da maior bacia hidrográfica do mundo. Moreira (1966, p. 63) destaca as águas como elementos primordiais na paisagem da capital paraense: “Belém não deve às águas apenas uma parte de sua beleza, mas a sua própria modelação. Não só no plano geográfico, como no plano histórico, a água é o elemento dinamizador da cidade”. Dessa forma, os rios possibilitam o acesso entre o arquipélago e o continente e detêm uma biodiversidade característica da região, composta por uma diversidade de ecossistemas que permitem que as populações de Belém e demais núcleos de povoamento retirem destes o seu sustento (QUARESMA; PINTO, 2006).

A capital paraense está localizada na confluência dos rios Pará e Guamá, e é retratada por Castro (2006) como uma cidade estuarina, que tem representação tradicional relacionada ao poder econômico e político e, devido a isso, polariza várias cidades ao seu redor. As cidades do estuário amazônico se estabelecem a partir de pontos de um sistema composto de:

[...] redes sociais, culturais e econômicas, fomentando trocas agrícolas, extrativistas, industriais e comerciais, parte dele existindo na informalidade. Redes que expressam as diferenciações sociais inter e intra cidades, bem como

as modalidades de participação dos atores sociais e econômicos. As formas de apropriação do território e de seus recursos são elementos distintivos dessas redes (CASTRO, 2006, p.14).

O conjunto urbano de Belém é definido pelos cursos das águas - a cidade é quase totalmente banhada pelos rios do estuário amazônico. Ela foi assentada em terras baixas e atravessada por pequenos rios e igarapés - configuração que permanece ainda hoje na divisão de seus bairros de terra firme e baixadas -, que compõem fluxos de travessia e de escoamento das águas derivadas das chuvas. Ao norte da cidade, encontramos a baía do Guajará, e ao sul o rio Guamá, que perfilam uma orla extensa, na qual podemos encontrar trapiches, portos, comércios, indústrias, instalações militares e administrativas (CASTRO, 2006).

A capital paraense estabeleceu forte vínculo com as águas desde a sua fundação, em 1616, relação que levou Moreira (1966) a denominá-la de “ribeirinha”. No período inicial de seu surgimento, a cidade se confunde com sua orla, tendo a interferência direta do rio e da baía nos primeiros bairros e ruas. (JR; AMARAL; SANTOS, 2006).

As ilhas de Belém estão distribuídas geograficamente em 39 ilhas localizadas em quatro regiões: norte, centro leste, extremo leste e sul. O volume e o valor produtivo do território insular de Belém já são reconhecidos, mas Guerra (2003, p.157) destaca que as demandas das ilhas ainda não têm a devida atenção do poder público: “elas continuaram funcionando como uma espécie de reserva de terras urbanas ou de fornecimento de produtos primários, sem que políticas públicas claras lhe fossem dedicadas”. Essa afirmação é facilmente percebida na realidade de Murutucu. A partir de alguns pontos da ilha é possível visualizar todo o complexo de prédios situados perto da orla de Belém - inclusive a Universidade Federal do Pará, localizada bem em frente, como podemos observar na Figura 10 -, entretanto, algumas estruturas básicas disponibilizadas pela cidade não estão inseridas na realidade dos moradores da ilha, como serviço escolar e de saúde.



**Figura 10** - Prédios situados na orla de Belém vistos a partir de Murutucu  
(Foto: Monique Igreja)

As ilhas mais próximas a Belém têm sofrido com o desmatamento e poluição de praias e furos, em virtude do aumento da população:

Devido aos limites territoriais do município de Belém em sua parte continental e ao adensamento populacional recente, observa-se que a expansão demográfica tende a orientar-se em direção às ilhas, tornando tênue a fronteira entre a Belém insular e a continental, causando impacto nas áreas que constituem a franja de cobertura florestal mais preservada no município de Belém (CASTRO, 2006, p. 15-16).

A parte insular da Região Metropolitana de Belém a configura como uma metrópole diferenciada se comparada às demais do Brasil, pois nos centros urbanos brasileiros as populações tradicionais geralmente vivem distantes dos centros econômicos (RIBEIRO; CARDOSO; BEZERRA, 2014).

As populações indígenas de grupos tupinambás foram as primeiras a ocupar a parte insular de Belém e, em seu processo histórico, estima-se que enfrentaram frequentemente as populações de origem karib, que dominavam o arquipélago do Marajó. Com o controle desses territórios pelos colonizadores portugueses, as ilhas de Belém passaram a ser ocupadas por populações ribeirinhas. O histórico das ilhas remonta a um passado de tratamento inferior: eram destinadas ao isolamento de pessoas tidas como perigosas pelo governo, que portavam doenças infecciosas ou tinham comportamento considerado marginal (GUERRA, 2003). As ilhas



também tiveram função estratégica durante conflitos armados como a Cabanagem<sup>11</sup> e foram controladas por forças armadas e da União.

Os rios que compõem o contexto amazônico moldam a maneira de vida daqueles que moram ao longo de suas margens, os denominados povos ribeirinhos. Conforme Arenz (2000), a formação dos ribeirinhos na Amazônia se deu a partir da fundação de Belém, em 1616, até o ano de 1870, período que marca o início do ciclo da Borracha. O antropólogo Darcy Ribeiro (2006) explica que essa população surgiu a partir da interação entre colonizador (português) e colonizado (indígena), e constituiu-se como nova e distinta, com forte influência das culturas originárias ameríndias. O modo de vida do ribeirinho é relatado pelo autor, em muitos aspectos, como equivalente ao indígena:

[...] Provia sua subsistência através de roçados de mandioca, de milho e de algumas dezenas de outras culturas tropicais, também herdadas dos índios. Do mesmo modo como os índios, caçava, pescava, coletava pequenos animais, frutos e tubérculos. Navegava pelos rios com canoas e balsas indígenas, construía suas rancharias e as provia de utensílios segundo as velhas técnicas tribais. Ainda como os índios, comia, dormia, vivia, enfim, no mundo de florestas e águas em que se ia instalando (RIBEIRO, 2006, p. 284).

O incentivo à miscigenação entre as culturas europeia e indígena foi uma das medidas adotadas pelo governador do chamado Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, no período Pombalino, ocorrido entre os anos 1755 e 1777. Essa prática se deu frente ao fracasso dos planos dos portugueses que chegaram à Amazônia e tentaram incorporar uma economia voltada exclusivamente para a produção agrícola, durante o período pré-pombalino, de 1616 a 1755 (COSTA, 2010). As condições naturais encontradas na Amazônia, como a baixa produtividade para a agricultura utilizada, fizeram com que a Coroa portuguesa optasse pela exploração das drogas do sertão, tornando-se necessário um maior conhecimento relacionado à região. É nesse contexto que o indígena é destacado como o único capaz de atuar na produção extrativista, devido ao seu maior saber local se comparado a africanos e europeus.

---

<sup>11</sup> A revolução social dos cabanos eclodiu em Belém no ano de 1835 e durou até 1840. Deixou mais de 30 mil mortos e a população local apenas voltou a crescer significativamente em 1860. No movimento morreram mestiços, indígenas e africanos pobres ou escravos, assim como boa parte da elite da Amazônia. “[...] alguns autores modernos discordavam da ideia de uma Cabanagem essencialmente identificada como luta de classes, mas concordavam que o movimento de 1835 se configurava como uma revolta popular armada ou uma guerrilha contra o Estado e seus sectários no Pará. Todo o passado no Grão-Pará transformava-se em exemplo crescente de opressão colonial, de uma infame conquista territorial, econômica e cultural, que teria alijado as camadas populares do poder” (RICCI, 2007, p. 10).

Dessa forma, a miscigenação foi instituída como medida para validar o projeto de “criar” uma agricultura eficaz por meio das famílias nucleadas, que tinham duas características, conforme Costa (2010, p.194-195):

Elas detinham o conhecimento índio da natureza circundante e, ao mesmo tempo, se reproduziam atendendo às necessidades e aos valores europeus. Tais famílias – nem índias, nem brancas: caboclas – têm endogenamente as precondições de conhecimento para viver e produzir fora dos Diretórios, fora, portanto, do controle do sistema produtivo vigente. Pois, ao contrário das famílias dos colonos brancos, elas poderiam lidar sem dificuldades com o meio ambiente e, por outra parte, só com muita dificuldade poderiam viver sem mercadorias europeias. Com tais atributos, essas seriam famílias que poderiam reproduzir-se apenas do trabalho dos seus membros – essa reprodução pressupondo, todavia, a sua inserção, como unidade irreduzível e nuclear, no mundo da mercadoria. Tudo leva a crer que, a partir daí, se pode falar de um campesinato em formação, típico amazônico, que veio a se estabelecer como o campesinato-caboclo próprio da região.

Para melhor compreendermos a caracterização da população abordada neste estudo, recorreremos à noção de trajetória econômica da produção rural da Amazônia, estudada por Francisco de Assis Costa. O autor aborda o conceito de paradigma tecnológico para compreender a evolução do campesinato na Amazônia. Ao evocar Dosi (2006), Costa (2012b) ressalta que um paradigma tecnológico é constituído pela definição de problemas considerando a noção de progresso, um conjunto de procedimentos para resolver tais problemas e um resultado de mecanismos de seleção ligados às dimensões como a economia, cultura, política e ciência.

Dosi (2006) considera que o desenvolvimento tecnológico é operado por condicionantes econômicos, sociais e políticos. Além destes, Costa (2012b) acrescenta o contexto ecológico como base da configuração de paradigmas tecnológicos e suas trajetórias, pois acredita que a natureza, como matéria-prima ou capital físico, é uma força produtiva que impõe ao processo produtivo sua lógica reprodutiva e demarca a diferença entre produção rural e industrial.

Nesse sentido, Costa (2012b) apresenta a noção de paradigma tecnológico empregado à produção rural na Amazônia. O autor constatou que há seis trajetórias tecnológicas em evolução na Amazônia: três patronais, ligadas à pecuária de corte, *plantation* e silvicultura; e três camponesas, que envolvem culturas permanentes, pecuária de leite, sistemas agroflorestais e pecuária de corte. Os sujeitos que participam deste estudo estão inseridos em famílias com características da trajetória definida por Costa com o termo “T2”.

A trajetória camponês T2 agrupa os sistemas camponeses que têm dominância ou forte presença de extração de produtos não madeireiros e apresenta 21% do Valor Bruto da Produção



Rural (VBPR), firmando-se como a terceira mais representativa da região Norte. De acordo com Costa (2012b), a T2 era detentora de 130.593 estabelecimentos em 1995, o segundo maior número se comparado às demais trajetórias. A taxa de crescimento do valor bruto da produção rural foi o maior, de 1995 a 2006, com 12% ao ano. Com relação ao total de terras degradadas, a Trajetória 2 apresentou 3,5%, o terceiro menor percentual.

Francisco Costa considera que, diante das características das seis trajetórias em evolução no Norte, faz-se necessário um fortalecimento das Trajetórias Camponês T1, que converge para a pecuária de leite e permanentes, e T2, que, segundo Costa (2012b, p. 267): “representa o conjunto de soluções que vem garantido a preservação, baseada em produção de grandes parcelas do bioma, com tudo que representa em termos de serviços ambientais diversos”. O autor ressalta que o fortalecimento das duas trajetórias citadas traz um desenvolvimento pautado na sustentabilidade e causa maior impacto nas economias locais, com um menor risco ambiental.

Dessa forma, as populações que vivem às margens dos rios, inseridas na Trajetória Camponesa T2, têm o rio como um dos elementos significativos não apenas para estabelecer interações geográficas, mas também econômicas, socioculturais e comunicativas. Para as populações tradicionais, os rios estabelecem importante significado, pois “assumem uma importância fisiográfica e humana excepcionais” (PAES LOUREIRO, 2001, p. 125). Assim, os rios podem ser definidos como extensões para as comunidades que vivem em seu entorno, possibilitando as interações desses sujeitos com as demais localidades da Amazônia.

## **1.2 Os sentidos do rio**

O rio adquire variados significados no contexto dos jovens moradores de Murutucu. A partir das entrevistas realizadas, observamos que, por vezes, o rio é representado como meio de locomoção e de lazer ao mesmo tempo, como destacou Cléo, uma das participantes desta pesquisa. A jovem, moradora do furo da paciência, foi entrevistada na área de entrada de sua residência, registrada na imagem a seguir.



**Figura 11** - A jovem Cléo, na área de entrada de sua residência (Foto: Monique Igreja)

Quando perguntada se sentiria falta do rio, caso tivesse de se mudar e morar na frente de uma rua, Cléo afirmou: “Com certeza sentiria falta, porque eu tô acostumada, né? Pra mim também é meu meio de locomoção e eu gosto muito de tomar banho, gosto de estar lá. Quando eu tô estressada eu vou e fico lá de molho... pra mim é muito bom mesmo”. A importância do rio também esteve presente na fala de Jéssica, irmã de Cléo. Para a jovem, o rio está relacionado ao atendimento das necessidades básicas, como a prática de tomar banho com suas águas. Ela destacou o problema de fornecimento de água que acomete muitos moradores de Belém, o qual vivenciou quando passou um período morando na cidade: “Quando eu tava lá em Belém e faltava água, eu dizia: ‘Meu Deus, lá em casa não tinha essas coisas, eu tava com o rio lá na frente, nunca ia passar por isso’. Batia aquela vontade de voltar, sabe?!”.

O jovem Evanilson, por sua vez, ressaltou que a locomoção pelos rios é mais democrática, pois o valor de um barco é mais acessível se comparado ao de meios de transporte terrestres: “Se tu tens um casco<sup>12</sup>, tu podes ir pelo rio normal, agora no asfalto não, é mais difícil, porque no asfalto eu tenho que ter uma bicicleta, um carro, e essas são coisas difíceis de conseguir”. A mobilidade física proporcionada pelo rio é facilitadora, no sentido apontado por Evanilson, mas, ao mesmo tempo, limitadora, pois o trânsito nos rios depende dos seus períodos de cheia, como destacou Joice: “A travessia ainda me incomoda um pouco. Às vezes a maré tá grande e eu preciso esperar, isso é a única coisa que me incomoda”. Apesar de a locomoção dos

<sup>12</sup> Na Amazônia, a palavra “casco” é utilizada como sinônimo para canoa pelas populações das ilhas.

jovens ser pautada pelo tempo do rio, Joice apontou que é mais fácil chegar a Belém por meio do rio do que através de ruas, já que nas vias aquáticas não há congestionamento.

O depoimento de Rayane expôs o caráter essencial do rio para a interligação de Murutucu com Belém, cidade que supre grande parte das necessidades dos moradores ilhéus, mas ressaltou que o rio também adquire um sentido de proteção das mazelas da cidade. Quando perguntada se gostaria que houvesse uma ponte ao invés do rio, que interligasse a ilha à capital, a jovem foi taxativa:

Se isso acontecesse, eu colocaria um muro bem no meio da ponte, porque senão ia vir muita gente pra cá, ia ter mais violência, mais roubo. Uma parte ia melhorar, e outra piorar, porque fazendo uma ponte, as pessoas iam ter como fazer comércio, iam fazer muitas outras coisas pra ganhar dinheiro, ia movimentar mais a ilha, mas também tem o ponto negativo. Eu acho que tá bom assim mesmo.

Percebemos os variados sentidos atribuídos pelos jovens ao rio. Sendo visto como meio de locomoção, lazer ou de proteção, ele estende seus braços e alcança a forma de vida dos moradores amazônicos, entrecortando diversos fatores: “[...] a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e a destruição de terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade. O rio está em tudo” (PAES LOUREIRO, 2001, p.125). Os rios fazem parte do cotidiano da população e propiciam uma intensa relação com o meio urbano, fazendo com que variadas relações sejam pautadas entre os moradores da região das ilhas com a cidade, como é o caso da população tradicional que reside na ilha de Murutucu, contextualizada a seguir.

### **1.3 Murutucu: aspectos que entrecruzam sua realidade**

A ilha de Murutucu tem uma área de 866,16 hectares e encontra-se a apenas 9 km, em linha reta, do centro da capital paraense. Como já mencionado, a ilha é uma das 39 que integram o território insular do município de Belém, localizando-se ao sul da capital paraense. Murutucu é banhada pelo rio Guamá ao norte, pelo rio Bijogó ao sul e possui dois “furos” principais em seu território: o da Paciência, no qual há um restaurante chamado “Bar do Boá”, e o do Cacau. A ilha conta com apenas um prédio público, a escola municipal Acaimu, que é administrada pela prefeitura do município de Acará. Murutucu já sediou uma fábrica de beneficiamento de açaí, denominada *Amazon Fruit*, que faliu em 2012.

Outra questão relevante para o estudo é a ausência de espaços institucionalizados de lazer que integrem os moradores na ilha, como praças, por exemplo. O encontro de muitos deles se dá durante os cultos promovidos pelas cinco igrejas protestantes localizadas em Murutucu ou, no caso dos jovens do sexo masculino, em um campo de futebol inusitado: nos bancos de areia que se formam quando a maré está vazando, na confluência dos rios Guamá e Bijogó, chamado de “baixo” pelos moradores. O campo só pode ser visto após a ocorrência de uma grande maré alta, que, com a força da correnteza, desloca os bancos de areia para o local utilizado nas partidas de futebol<sup>13</sup>.

Também é interessante ressaltar que não há estabelecimentos comerciais no local estudado, tais como supermercados, padarias e lojas de roupas, contando com apenas uma mercearia, montada na casa de um morador, que vende desde gasolina até produtos alimentícios, como ovo e leite.

Há uma forte presença religiosa em Murutucu. Como mencionado, a ilha sedia cinco igrejas protestantes: “Assembleia de Deus – Nova Aliança”, “Revelação de Jesus”, “Assembleia de Deus”, “Igreja Pentecostal Deus é Amor” e “Assembleia de Deus - Congregação Filadélfia”. A entrevistada Rayane relatou que, quando havia poucas igrejas na localidade, os fiéis passaram a realizar grupos de oração, denominados “células”, em suas casas. Assim, arrecadaram ofertas em dinheiro para a construção de mais igrejas em terrenos doados pelos integrantes, com o objetivo de facilitar o acesso, já que, de acordo com a jovem, alguns membros não possuíam barco próprio.

Com o auxílio de um aparelho GPS, obtivemos as coordenadas de latitude e longitude dos pontos de Murutucu citados acima, representados na Figura 12.

---

<sup>13</sup> Nos dias 02 de outubro e 21 de dezembro de 2015, visitamos o local onde as partidas de futebol costumam acontecer, mas, já que a maré ainda não havia vazado, não foi possível visualizar o campo.



Figura 12 - Foto de satélite da ilha de Murutucu (Fonte: Google Earth)



Não há nenhuma igreja católica na ilha. Na visão de Rayane, isso se dá devido à falta de organização para implantar uma igreja no local e não pela falta de fiéis católicos. Ela relata que “como não tem [igreja], alguns católicos, que têm necessidade de encontrar Deus, vão numa evangélica, ficam frequentando, e aceitam a doutrina daquela igreja porque se sentem bem”. Nas imagens a seguir, observamos algumas das igrejas de Murutucu citadas acima.



**Figura 13** – Assembleia de Deus (Foto: Monique Igreja)



**Figura 14** – Igreja Deus é Amor (Foto: Monique Igreja)



**Figura 15** – Assembleia de Deus: Congregação Filadélfia (Foto: Monique Igreja)

As moradias da ilha foram construídas sobre estacas altas de madeira, chamadas de palafitas, para permanecerem protegidas dos períodos de cheia do rio. Em Murutucu, as residências costumam se localizar distantes umas das outras. Os depoimentos de moradores locais destacaram que as casas situadas próximas, geralmente, pertencem a pessoas de uma mesma família.

A locomoção dos moradores se dá apenas por meio de embarcações, já que a ilha não conta com estradas. Dessa forma, grande parte das famílias possuem barcos ou rabetas para uso particular. Ao percorrermos a ilha por suas margens, observamos a presença das embarcações na frente das residências. As imagens a seguir ilustram os locais de moradia de alguns dos jovens entrevistados nesta pesquisa, que seguem o padrão de residências típicas da zona ribeirinha de Belém.





**Figura 16** – Residência localizada no rio Bijogó (Foto: Monique Igreja)



**Figura 17** - Residência de um dos entrevistados, no Furo da Paciência (Foto: Monique Igreja)





**Figura 18** - Residência de um dos entrevistados, no Furo da Paciência (Foto: Monique Igreja)



**Figura 19** - Residência de um dos entrevistados, no rio Guamá (Foto: Monique Igreja)

A proximidade com Belém torna Murutucu uma zona híbrida, refletindo no modo de vida de sua população, que se desloca entre a ilha e a capital com frequência, principalmente com o objetivo de vender açaí, fruto abundante em Murutucu, devido à adaptação dos açazeiros ao ambiente de várzea da região e às condições elevadas de temperatura, umidade relativa do ar e precipitação pluviométrica.

As ilhas de Belém, o arquipélago do Marajó e os municípios do Baixo Tocantins são responsáveis pela produção de cerca de 80% do açaí consumido no Pará<sup>14</sup>. O fruto é o maior produto econômico das ilhas e corresponde de 85% a 95% da renda familiar<sup>15</sup>. Na Figura 20, podemos observar dois jovens subindo no açaizeiro, prática que costumam desenvolver desde criança, utilizando a peconha, um artefato elaborado com tecido da saca do açaí.



**Figura 20** - Jovens sobem no açaizeiro (Foto: Monique Igreja)

Morador da ilha há 25 anos, Rodival Navegantes, mais conhecido como Ceará, contou que o trabalho de retirada do açaí começa cedo, às 6h da manhã. Em entrevista realizada no dia 22 de maio de 2015, ele relatou que a cada dia, no período que antecede a safra, consegue retirar 3 peneiras do fruto (Figura 21), que corresponde, em média, 18 litros de açaí.

---

<sup>14</sup> De acordo com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater), em reportagem divulgada no site <<http://www.emater.pa.gov.br/destaque/56>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

<sup>15</sup> Informação obtida no site do Governo do Estado do Pará. <[http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id\\_ver=109528](http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id_ver=109528)>. Acesso em 04 jul. 2015.





**Figura 21-** Mãos que trabalham: Moradores de Murutucu separam caroços de açaí (Foto: Monique Igreja)

De acordo com Rodival, cada peneira é vendida a 180 reais no Porto da Palha. A safra do açaí começa em julho e se estende até dezembro, período em que os extratores costumam obter de 5 a 7 peneiras do fruto. A Figura 22 caracteriza melhor o espaço de pesquisa - mostra um dos trapiches de embarque da produção de açaí da ilha e a área urbana de Belém ao fundo.



**Figura 22 –** Trapiche de Murutucu (Foto: Monique Igreja)

No questionário direcionado aos participantes desta pesquisa, 14 dos 20 jovens afirmaram que seus pais trabalham com extrativismo de açaí. Os demais se dividem entre as atividades de mecânico, vigilante e motorista de transporte escolar fluvial. As mães dos jovens, em sua maioria, não desenvolvem atividade profissional. As que trabalham, atuam com serviços domésticos em Belém e com transporte escolar. Esse dado reflete a predominância da atividade extrativista do fruto na ilha de Murutucu, que já foi sede de uma fábrica de beneficiamento e exportação de açaí, denominada *Amazon Fruit*, que operou entre os anos de 2009 e 2012.

### 1.3.1 A atuação da empresa *Amazon Fruit* em Murutucu

A *Amazon Fruit* se configurou como grande exportadora de polpa de açaí da ilha, comercializando o produto para empresas de cinco continentes (LIMA et al., 2010). Toda a estrutura da empresa ainda pode ser encontrada na ilha - conforme observamos na Figura 23 - incluindo maquinários de processamento de açaí e aparelhos de ar condicionado, que estão inutilizadas e se deteriorando com o passar do tempo.



**Figura 23** - A empresa desativada *Amazon Fruit* (Foto: Monique Igreja)

A coordenadora da escola Acaimu, Lucilene Botelho, destacou a importância que a *Amazon Fruit* tinha para a população da ilha: “Todos os funcionários da fábrica eram moradores da ilha. Quando ela faliu, foi muito ruim para muita gente, porque era a única forma de trabalho da ilha. Agora eles sobrevivem só do açaí”.

Lucilene relatou que no período em que a fábrica funcionava, o serviço de energia elétrica ainda não havia chegado à ilha. Por meio de uma caldeira, que gerava energia elétrica

através da queima dos caroços de açaí seco, a energia elétrica era levada à fábrica e à escola Acaimu. A caldeira utilizada na *Amazon Fruit* ainda pode ser encontrada na ilha (Figura 24). Somente em 2011 a luz elétrica e a Internet chegaram em Murutucu. Antes desse período, a maioria dos moradores usava lamparinas ou geradores. Ainda hoje a população sofre com problemas de energia e de conexão da Internet durante o período de chuvas fortes.



**Figura 24-** Caldeira que era utilizada pela empresa *Amazon Fruit* (Foto: Monique Igreja)

A *Amazon Fruit* foi fundada pelo curitibano Bem Hur Borges, engenheiro florestal que virou empresário do açaí. Depois de três anos de funcionamento, ele vendeu a *Amazon Fruit* para outro empresário, que logo após veio à falência. Durante sua gestão, Bem Hur teve a empresa citada em um artigo jornalístico veiculado pelo jornal Los Angeles Times<sup>16</sup>, com o título *Acai has gone from staple of the Amazon to global wonder-berry*<sup>17</sup>, que destacava o alcance internacional do comércio do açaí e apontava o fruto como um recurso renovável que fornece um meio de vida sustentável para milhares de pessoas.

Na Figura 25, observamos os diversos trilhos de madeira que foram construídos para que vagões pequenos levassem o açaí colhido em mata fechada até a fábrica durante seu funcionamento, e que permanecem até hoje na ilha.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.latimes.com/world/la-fg-acai21-2008sep21-story.html#page=1>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

<sup>17</sup>“Açaí passou de matéria-prima da Amazônia a fruta-maravilha mundial” (tradução nossa).





**Figura 25** - Trilhos de madeira rodeados por açazeiros (Foto: Monique Igreja)

O morador Ceará atualmente é o encarregado de monitorar a fábrica para que não seja invadida e saqueada. Ele recebe um salário mensal do atual proprietário da empresa para desenvolver a atividade. Ceará relatou que com o fechamento da fábrica muitos moradores ficaram desempregados: “ficamos tristes, né, porque ficou sem trabalho pra muita gente”. Quando perguntado sobre o que os ilhéus acham de o patrimônio da empresa estar se deteriorando, Ceará afirmou que os moradores “ficam tristes de tá tudo aí parado, de não ter uma pessoa aí pra tomar conta”.

Segundo Rayane, vários empresários vindos de outros países costumavam visitar a fábrica para conhecer seu funcionamento e, conseqüentemente, realizavam visitas na escola Acaimu, situada a poucos metros da empresa. A jovem contou, com nostalgia, como eram os tempos áureos de funcionamento da *Amazon Fruit*, que proporcionava vários benefícios aos ilhéus:

Muitos gringos vinham praí [para a empresa]. Primeiro, ele [Bem Hur] levava pra escola e pra fábrica, por isso tinha muita ajuda. A gente tinha dentista, material escolar, formatura... Faziam formatura dos alunos [da Acaimu] que passavam, tinha aquela festa. Eles faziam tudo. Traziam frutas, muitas frutas e doavam muita coisa. As pessoas podiam ir lá pegar água potável na escola. Quando precisava, eles levavam a gente de carro lá em Belém e traziam de volta de barco. Quando não tinha merenda, ele comprava com o dinheiro dele merenda pras crianças, uniforme... tudo ele dava. Nessa época não tinha luz elétrica, a escola tinha energia através da fábrica. O gerador não dava conta de chegar nas casas, só onde o Ceará [o caseiro da fábrica] mora e na escola. Os moradores não compravam água, iam pegar lá, pois tinha poço artesiano, de lá eles usavam a água pra bater o açáí.

Rayane afirmou que muitos ilhéus dependiam dos empregos ofertados pela Amazon Fruit, que contava com trabalhadores inseridos nas atividades de serviços gerais, beneficiamento de açaí e carregamento do fruto: “Era muito trabalho que tinha, e era bom porque os pais e os alunos dependiam muito desse projeto<sup>18</sup>. Aí como a fábrica faliu, os projetos começaram a acabar, as ajudas não vinham mais, e agora só tá tendo aula mesmo”.

A mãe dos irmãos Daniel, Joice e Rayane, Dona Janice, foi uma das funcionárias da *Amazon Fruit*. Orgulhosa, ela mencionou que recebeu seu primeiro salário com carteira assinada quando atuava na empresa: “Trabalhava com serviços gerais. A gente também fazia xarope, guaraná... Eram dois turnos”. Apesar de ter permanecido apenas seis meses no emprego, pois precisou se mudar de Murutucu, ela relatou que o período que permaneceu na empresa “foi muito bom” e comentou que os moradores sentem muita falta do funcionamento da fábrica. Rayane discorreu sobre a demanda por uma empresa que ofereça oportunidade de emprego aos moradores de Murutucu:

Se tivesse alguém que pudesse aproveitar aquele espaço [da fábrica], que fizesse outro projeto, pra dar mais emprego pra outras pessoas que moram aqui, todo mundo ia querer. Em tempo de entrevista pra trabalhar, aparecia muita gente, mas nem todos eram chamados. Aí todo mundo ia com esperança. Uns passavam só um tempo (trabalhando) e depois davam chance pra outros. As pessoas viviam lamentando de ter acabado.

Os depoimentos colhidos a respeito da empresa trazem um ar de lamentação e decepção, tanto pelo desemprego causado pela falência da empresa, pois os moradores tiveram que sobreviver apenas com a extração e venda de açaí em Belém, quanto por terem deixado de receber vários benefícios. Entretanto, não há uma reivindicação pelo patrimônio deixado pela empresa, nem houve conflito na relação entre a firma e os ilhéus quando a fábrica faliu.

Um fator influenciado diretamente pela chegada da fábrica de beneficiamento de açaí na ilha foi a criação da escola local, pois sua implantação se deu a partir de uma solicitação de Bem Hur. “Quando ele chegou em Murutucu, viu as crianças sem estudar e foi ao município do Acará solicitar que uma escola fosse instalada”, relatou Lucilene Botelho.

---

<sup>18</sup> As áreas onde a sede da fábrica *Amazon Fruit* e a escola Acaimu estão localizadas são chamadas pelos moradores de Murutucu como “projeto”.

### 1.3.2 A escola Acaimu

É importante esclarecer que Murucutu pertence ao município de Belém, mas a escola existente na localidade está sob a jurisdição do município de Acará, localizado na região do Baixo Tocantins. Paradoxalmente, a ilha fica mais próxima de Belém – a travessia dura, em média, 10 minutos – do que do Acará, cuja viagem de barco costuma durar seis horas.

A Acaimu é a única escola presente na ilha de Murutucu. O espaço atual onde funciona era inicialmente usado pelo antigo proprietário da fábrica *Amazon Fruit* como moradia. Sua estrutura é feita de madeira e seu espaço é bem ventilado, por ser totalmente aberto. A configuração da escola está dividida em uma sala de aula aberta e ampla, a qual permite que os alunos tenham a visão do ambiente que os circunda, do rio que divide a ilha da cidade e dos prédios localizados nas adjacências do rio Guamá. A Acaimu também conta com uma biblioteca, que é utilizada também como sala de aula, secretaria e cozinha. As figuras ilustram o espaço da escola, que é o único prédio público de Murutucu.



**Figura 26** - Escola Acaimu (Foto: Monique Igreja)

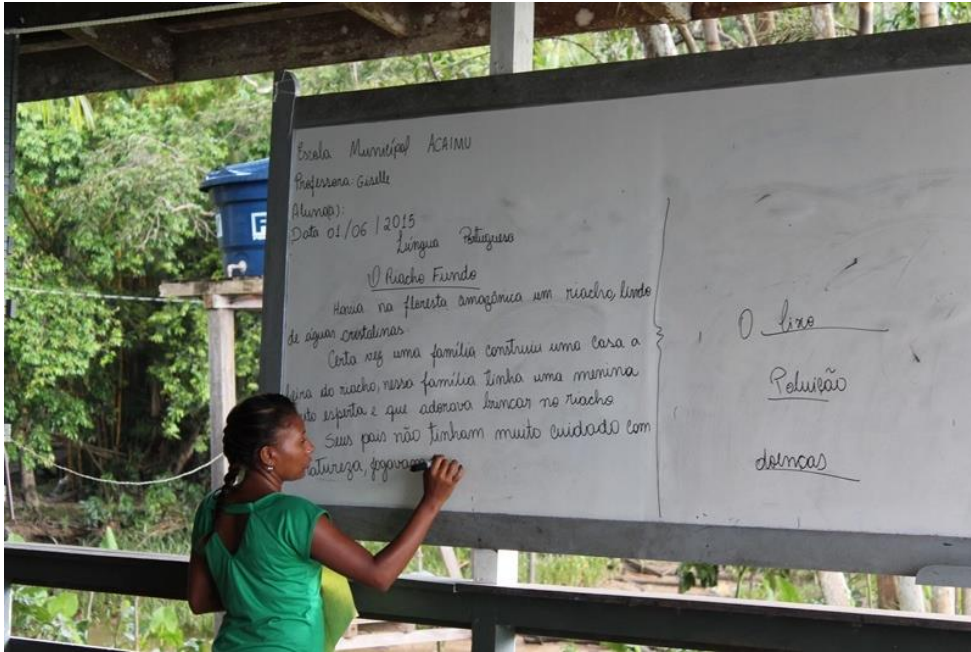




**Figura 27** - Alunos assistem à aula de Português na escola (Foto: Monique Igreja)



**Figura 28** - Aluna em uma sala de aula integrada à natureza (Foto: Monique Igreja)



**Figura 29** - Professora Giselle Trindade ministra atividades (Foto: Monique Igreja)

A escola local é administrada pela prefeitura do Acará, sendo subordinada à escola Boa Vista, localizada no referido município. A Acaimu conta com uma equipe de 13 funcionários, sendo que 3 deles são contratados e o restante concursado. Todo o material didático escolar e uniformes são fornecidos pela prefeitura por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), do governo federal, assim como o transporte escolar dos alunos ilhéus, realizado através da lancha presente na Figura 30.



**Figura 30** - Lancha escolar que realiza o transporte dos alunos (Foto: Monique Igreja)

A escola local disponibiliza quatro refeições diárias aos 97 alunos matriculados em dois turnos – pela manhã oferta turmas de educação infantil e do primeiro ano do Ensino Fundamental e à tarde uma classe do 2º Ano do Ensino Fundamental e uma multisseriada (3º e 4º Ano). Os alunos têm faixa etária que varia entre 3 e 16 anos.

A coordenadora Lucilene Botelho relatou que os moradores de Murutucu sempre reivindicaram a construção de uma escola na ilha que ofertasse séries até o Ensino Médio, para que os alunos não precisassem ir a Belém para estudar. Quando não vão com esse objetivo, raramente as crianças se deslocam à cidade, e quando vão são acompanhadas pelos pais, ficando por um tempo curto para, por exemplo, ir ao médico e às compras. De acordo com Lucilene, alguns ex-alunos da ilha entraram no mundo da criminalidade ao ter um contato mais frequente com a cidade.

As nossas primeiras turmas que foram estudar na capital recebiam elogios de bons alunos, de comportamento, de tudo... Hoje, a funcionária Rosa, que acompanha os alunos na viagem de Murutucu a Belém, ouve nas escolas de Belém que os alunos da ilha são os piores, pois chegam lá e se metem com más companhias, se deslumbram, arranjam companhias diferentes das que tinham na ilha, e acabam indo para um caminho errado. Então, o que sempre a população daqui pediu... por que a gente lutou anos por essas escola? Quando o Edmilson era o Prefeito, a gente tentou essa ponte, mas justamente querendo pedir isso, uma escola de porte maior, até porque, por exemplo, os alunos quando saem daqui ainda são crianças pequenas, e se a escola já estivesse funcionando, não precisariam ir para Belém. (BOTELHO, 2015)

A Prefeitura do Acará atendeu às solicitações da população e, em parceria com o Ministério da Educação, aprovou a instalação de uma nova escola em Murutucu, que ofertará turmas até o 9º Ano e terá seis salas de aula. A escola está em fase de construção. Lucilene Botelho afirmou que os pais dos alunos foram priorizados para trabalhar na construção da escola.

De acordo com o projeto, a nova unidade de ensino Acaimu terá um bloco para atividades administrativas, com diretoria, sala de professores, secretaria, almoxarifado e dois banheiros, outro bloco para atividades de serviços, com sanitários para alunos, cozinha, vestiário para funcionários, dispensa e área de serviço para atividades dos funcionários. No bloco maior, estarão as salas de aula com capacidade para 36 alunos cada, uma sala de leitura e uma de informática.

#### 1.4 Questões políticas e sociais que atravessam Murutucu

Mesmo localizadas próximas a Belém, algumas ilhas foram apropriadas de forma eleitoral e administrativa por outros municípios. Esse é o caso de Murutucu - a ilha é identificada no Anuário Estatístico de Belém como pertencente ao distrito de Outeiro, um dos oito distritos que compõem a capital, mas a Prefeitura do Acará é a responsável pela administração da escola local e o título eleitoral dos moradores é vinculado ao município citado.

Os autores Quaresma e Pinto (2006) atentam para o pouco conhecimento que há sobre as ilhas da capital paraense ainda nos tempos atuais. O desconhecimento de Murutucu, por grande parte da população de Belém, interfere nos discursos elaborados pelos jovens com relação à ilha em que residem. Nos depoimentos colhidos para esta pesquisa, muitos dos participantes contaram que não afirmam que moram em Murutucu, quando precisam se apresentar aos habitantes da cidade. Cléo, por exemplo, relatou que, quando menciona o nome da ilha, a maioria das pessoas reage da seguinte forma “Como? Hã? Muru... o quê?”. Devido a isso, ela não costuma falar o nome da ilha na qual mora, ou então, afirma que reside na ilha do Combu: “Não falo qual é a ilha que moro, só quando perguntam, porque eu acho ridículo o nome da ilha: Murutucu. Tem gente que acha engraçado, faz piadinha, não entende. Então, quando perguntam, eu costumo dizer que sou mais da ilha do Combu”.

As jovens Thays, Jéssica e Joice também afirmaram proceder da mesma forma que Cléo: sempre dizem que residem na ilha do Combu, que tem um viés mais turístico, portanto, é mais conhecida entre os moradores da capital paraense. “Eu dizia que era da ilha de Murutucu, aí eles [os amigos de Belém] começavam a rir: ‘Como? Repete?’ Aí, me irritava, tinha vezes que eu nem respondia mais, ou então falava que era do Combu”, relatou Jéssica.

O fato de morar em uma ilha faz com que alguns dos jovens não se sintam pertencentes a Belém. É o caso de Joice, que devido ao estranhamento e preconceito de habitantes da capital paraense, sente-se moradora de um interior.

A gente faz parte de Belém, mas não se sente moradora de Belém. Mesmo se a gente fosse falar ‘Ah, sou moradora de Belém’, logo iam perguntar: ‘Qual o teu bairro?’, e eu ia responder: ‘Rio Guamá’, aí iam dizer: ‘Ah, então não és de Belém, tu és do interior’. Então, acho que sou do interior mesmo.

Percebemos que os discursos reproduzidos pelos moradores de Belém interferem na forma que Joice constrói suas referências sobre a cidade. O autor britânico David Harvey (2002) expõe que a aparência e os modos como uma cidade se organiza formam uma base material com a qual podemos pensar, avaliar e realizar um leque de possíveis sensações e práticas

sociais. No caso de Joice, a sensação de não pertencer a Belém está relacionada à ideia de que uma cidade necessita de bairros e ruas, configuração que não está presente na ilha.

O baixo conhecimento sobre a área continental de Belém é refletido em Murutucu, pois não há dados oficiais que indiquem as características demográficas e socioeconômicas de sua população. Quaresma e Pinto (2006) ressaltam que muitas ilhas de Belém não têm população estimada, o que dificulta que um panorama maior seja produzido.

Durante o decorrer desta pesquisa, tentamos o contato com a Prefeitura de Belém e com a Prefeitura do Acará, para que as questões políticas da ilha de Murutucu fossem esclarecidas, como também com o objetivo de ter acesso a dados oficiais a respeito do contingente populacional da ilha, porém, não obtivemos retorno. A única informação oficial foi obtida, via e-mail, pela Administração Regional de Outeiro (AROUT), distrito o qual a ilha de Murutucu é pertencente. A partir das informações fornecidas, Murutucu é também denominada como Murutura e, entre outras 27 ilhas, pertence a Outeiro por disposição legal<sup>19</sup>. A AROUT foi criada para fins administrativos regionalizados e para gestão geral das ilhas que pertencem somente ao município de Belém.

O dado que tivemos acesso com relação ao número de unidades familiares da ilha foi o fornecido por Lucilene Botelho, resultante de um levantamento dos agentes de saúde que visitaram a população de Murutucu em 2014, que totalizaram 157 famílias. Ela afirmou que a escola costumava fazer o levantamento demográfico da ilha a pedido do empresário Bem Hur, que era o proprietário da *Amazon Fruit*, pois os moradores recebiam doações e era preciso ter o conhecimento da população total. Mas, desde que a empresa deixou de ser administrada por ele, Lucilene afirmou que o levantamento não foi mais realizado.

Um dos maiores problemas vivenciados por moradores de Murutucu e das demais ilhas que se encontram perto de Belém é a falta de água potável, que acarreta em um grande risco de contágio de doenças que têm origem hídrica. Uma pesquisa<sup>20</sup> realizada por professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, em 2012, teve o objetivo de constatar a viabilidade de aproveitamento da água da chuva para abastecer com água potável as ilhas Grande e Murutucu. Para tal, foi realizado um levantamento demográfico, que identificou que há em Murutucu 357 moradores com idade acima de 12 anos e 172 com menos de 12 anos, totalizando 529 pessoas.

---

<sup>19</sup> Nos termos do inciso II, do Art.7º, da Lei Ordinária Municipal nº 7.682, de 05 de Janeiro de 1994.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro6/anais/ARQUIVOS/GT9-966-844-20120630232259.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2015.



As formas de obtenção de água pelos habitantes das duas ilhas supracitadas foram diagnosticadas pela pesquisa:

consumo direto do rio, manualmente ou por meio de equipamento de recalque (bomba), [...] a compra de água mineral, água do poço na própria propriedade ou do vizinho, trazida, sem custos financeiros, de Belém ou Acará e compra de água. Segundo os moradores, a compra de água é praticada em duas modalidades: pelo pagamento de R\$2,00 a cada 20 litros de água a um barqueiro que entrega porta a porta os recipientes, ou ainda, pelo pagamento de R\$3,00 mensais às associações de moradores de 4 localidades próximas pertencentes ao município de Acará: Itancuã, Guajará, Boa Vista e Santa Maria, que cobram tal taxa para a liberação, a moradores externos, pela retirada de água dos poços localizados nas comunidades” (VELOSO; MENDES, 2012, p.8-9).

De acordo com o estudo, das 131 famílias de Murutucu entrevistadas, 39 não realizam nenhum tratamento na água utilizada (29,8%), enquanto que 73,9% da população de Murutucu indicaram fazer uso do Hipoclorito de Sódio, devido ao fácil acesso ao insumo, que é distribuído regularmente por agentes de saúde locais. A pesquisa apontou que metade dos moradores de Murutucu acredita que a água consumida pode provocar doenças - 76,9% deles afirmaram que desenvolveram doenças nos últimos seis meses.

A ocorrência dos sintomas não reflete o fato de aproximadamente 70% dos ribeirinhos da ilha Murutucu afirmarem realizar tratamento na água. Esta situação indica que o tratamento fornecido esteja sendo inadequado ou insuficiente (VELOSO; MENDES, 2012, p.13).

A condição do recurso hídrico consumido pelas populações ribeirinhas da capital paraense demonstra que o volume e o valor produtivo do território insular de Belém já são reconhecidos, mas as demandas das ilhas ainda não têm a devida atenção do poder público. Conforme Guerra (2003, p. 157): “[...] elas continuaram funcionando como uma espécie de reserva de terras urbanas ou de fornecimento de produtos primários, sem que políticas públicas claras lhe fossem dedicadas”.

Essa afirmação é facilmente percebida na realidade de Murutucu, que é identificada pelo Anuário Estatístico de Belém como área rural. Assim, as relações entre campo e cidade apresentam um constante processo de polarização, principalmente na Amazônia paraense, que configura um hibridismo nas relações sociais.

### 1.5 Um olhar para além da relação dicotômica entre campo e cidade

As associações de ideias referentes ao campo e à cidade são variadas. De acordo com Williams (1989), o contraste entre rural e urbano, como modos de vida fundamentais, tem origem na antiguidade clássica e cristalizou noções específicas para cada uma dessas realidades: o campo estaria ligado a uma forma natural de vida, que envolve a paz, a inocência e virtudes simples. Já à cidade estaria reservada a ideia de “centro de realizações – de saber, comunicações, luz” (WILLIAMS, 1989, p.11). Associações negativas à cidade e ao campo também são relacionadas: “[...] a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação” (WILLIAMS, 1989, p.11).

As recorrentes interseções ocorridas entre os meios rural e urbano inviabilizam a aplicação do conceito de que o urbano é a oposição do rural (GARCÍA-CANCLINI, 2010). Os critérios geográfico-espaciais são relatados como uma forma de definição que é aplicada desde a escola de Chicago<sup>21</sup>, com a cidade sendo enquadrada como localização extensa e composta por atores sociais heterogêneos. Na definição de cidade, o critério econômico é destacado por Canclini (2010), ao abordar o urbano como centro do desenvolvimento industrial e do capitalismo. O rápido fluxo de troca de mensagens é outro fator apontado como característica dos habitantes da cidade.

O autor discorre sobre os aspectos inseridos no contexto rural e urbano, ao considerar o campo como local em que predominam as relações primárias, enquanto que a cidade se pautaria por relações secundárias. A cidade é apresentada como núcleo da modernidade, no qual há a desvinculação de contatos intensos, típicos das relações pessoais familiares de pequenos povos ou cidades. No centro urbano predominariam as relações constituídas pelo anonimato de seus indivíduos.

As características existentes no mundo rural continuam presentes, mesmo na modernidade - a história, cultura e aspectos sociais permanecem reforçando este ambiente como detentor de uma realidade única, que o insere de forma diferenciada no contexto social (WANDERLEY, 2001). O espaço rural pode ser entendido por meio de dois aspectos, segundo Wanderley (2001): o relacionado ao território, referente à utilização da terra e demais recursos naturais, e o que aborda a forma de vida e a identidade do pertencente ao meio rural, a partir da maneira que o mesmo é inserido na sociedade.

---

<sup>21</sup>A escola de Chicago surgiu nos Estados Unidos, no início do século XX, e foi pioneira em estudar o pensamento comunicacional sistemático. O espaço urbano é tido por seus teóricos como forte influenciador no processo de formação do indivíduo.

Ao discorrer sobre o crescente término das fronteiras que isolam os espaços rural e urbano, Wanderley (2001, p.32) apresenta o conceito de “continuum rural-urbano”. Sob o ângulo do “continuum urbano”, é relacionada a ideia de que o urbano é o responsável por possibilitar o progresso e dominar a sociedade, enquanto que o “continuum rural” seria menosprezado frente à total relevância do urbano. Nas palavras da autora:

Levada às últimas consequências, esta vertente das teorias da urbanização do campo e do continuum rural-urbano apontam para um processo de homogeneização espacial e social, que se traduziria por uma crescente perda de nitidez das fronteiras entre os dois espaços sociais e, sobretudo, o fim da própria realidade rural, espacial e socialmente distinta da realidade urbana (WANDERLEY, 2001, p.32-33).

Na segunda vertente exposta por Wanderley (2001), o rural e urbano, mesmo com suas características diversas, se integrariam e mudariam de forma profunda suas relações. Entretanto, essas mudanças não ocasionariam o fim do polo rural. A partir do âmbito das representações sociais estabelecidas em ambos os meios, são nítidas as diferenças que os caracterizam e repercutem na formação social, como também nas posições ocupadas por seus atores sociais.

Ao refletir sobre o desenvolvimento rural, Abramovay (2000) cita duas correntes contemporâneas de pensamento: uma ressalta as proporções do desenvolvimento territorial, a qual ele aponta não estar relacionada às vantagens e obstáculos geográficos de localização e sim à criação de redes, convenções e instituições que possibilitem ações cooperativas para o alcance de bens públicos, tais como educação, saúde e informação. A outra corrente refere-se ao capital social, conceito que reúne recursos como confiança, redes e sistemas, capazes de aumentar a eficiência da sociedade e melhorar a manipulação dos ativos econômicos pelos atores sociais.

A junção das duas correntes é evocada por Abramovay (2000) como necessária para a melhor compreensão do meio rural. Considerando essa abordagem, a Amazônia apresenta um constante processo de polarização, no qual as características que permeiam o meio rural e urbano coexistem. As distinções entre os modos de vida rural e urbano, existentes no passado, foram perdidas devido a aspectos como condições de acessibilidade e dinâmica econômica (CARDOSO; LIMA, 2006).

O espaço amazônico apresenta uma relação complexa entre mata, campo e cidade. Muitas vezes, esses espaços não são realidades estanques e isoladas entre si, e as populações que os ocupam apresentam estratégias diferenciadas de integração social, transitando entre eles



em sua vida cotidiana. Esses processos tendem a se intensificar à medida em que os territórios mais isolados ganham acessibilidade ao uso de tecnologias de informação e comunicação e, também, naturalmente, à medida em que se integram às dinâmicas econômicas e culturais da sociedade nacional brasileira e do ocidente em geral. Porém, falar em intensificação das trocas econômicas e culturais não significa, necessariamente, falar em homogeneização dos espaços e em simplificação das estratégias de reprodução social de sociedades tradicionais – como indígenas, ribeirinhos e quilombolas, dentre as populações tradicionais da Amazônia.

Mudanças intensas têm sido observadas nos territórios pertencentes aos países que compõem a Amazônia, principalmente nas últimas quatro décadas. O papel da região vem se reformulando, devido ao confronto originado pelos variados modelos de apropriação de território e de integração em mercados globalizados (CASTRO, 2009a). A modificação do papel das estruturas urbanas é destacada por Castro (2009a, p. 8) como uma das importantes mudanças na sociedade e na economia da Amazônia: “O local está irremediavelmente ligado, nas relações econômicas, ao global, ainda que por processos diferenciados”.

Conforme Vasconcellos (1999, p.14), a Amazônia detém um relevante problema na abordagem do campo e da cidade: “O espaço rural faz parte de uma estrutura social ampla, da qual faz parte também a cidade e essa, por sua vez, está introduzida no campo, havendo entre ambos relações e formas variadas”. O autor destaca que as práticas culturais e econômicas mantidas pelos habitantes do espaço rural se diferenciam devido à relação entre homem e natureza, oportunizando a aquisição de experiências diferenciadas, que são refletidas no modo de vida de seus atores sociais.

As cidades na Amazônia têm diferentes significados para os variados agentes sociais inseridos na produção do espaço urbano e rural: “As estratégias dos agentes revelam redefinições do urbano em meio a um rural em transformação” (CARDOSO; LIMA, 2006, p. 82). A afirmação de que todas as sedes de municípios são tidas como cidades, conceito reapresentado na Constituição de 1988, tornou-se determinante para que as vantagens políticas decorrentes da origem de novos municípios disseminasse cidades em um território amazônico anteriormente diferenciado, pois era “[...] dominado pela cultura rural, carente de infra-estrutura e de referências de comportamento urbano” (CARDOSO; LIMA, 2006, p. 90).

A análise dos ambientes rural e urbano deve ser tecida a partir de percepções dos contextos culturais e das subjetividades relativas aos povoados, vilas, aldeias, pequenas e médias cidades, pois estes contêm afinidades históricas e culturais, fato que demanda um entendimento para além da dicotomia existente entre rural e urbano (CASTRO, 2009a). Assim, os atores sociais merecem destaque, pois “as cidades na Amazônia assumem diferentes

significados para os diversos agentes sociais envolvidos na produção do espaço urbano-rural” (CASTRO, 2009a, p.10).

Dessa forma, abordar a Amazônia é tratar de uma realidade diferenciada, entrecortada por rios, como também por dinâmicas rurais e urbanas e compostas por populações com matizes diferenciadas. Na presente pesquisa, a ilha de Murutucu é analisada a partir das múltiplas realidades que compõem seu território, em que urbano e rural se tornam um “continuum”, buscando refletir as interações sociais tecidas e os vínculos gerados com essa relação.

A migração rotineira de moradores de regiões localizadas próximas a centros urbanos amplia as fronteiras do universo social e origina uma pluralidade de referências espaciais (CARNEIRO, 2012). Por meio dos questionários direcionados aos jovens participantes desta pesquisa, observamos que são atribuídas características diferenciadas a Belém e Murutucu, portanto, há marcadores nítidos da espacialidade e subjetividade dos entrevistados, mas questões como a diferença entre o espaço rural e urbano não estão presentes nos depoimentos.

Carneiro (2012) destaca que, no contexto atual, as culturas podem ser exercidas em variados territórios por meio da comunicação e da mobilidade. Assim, compartilhamos com a visão da autora, ao defender que a cultura deve ser entendida como um processo dinâmico, que está em constante recriação e envolve sempre a comunicação com o “outro”. Portanto, Carneiro enfatiza que pensar cenários rurais significa compreendê-los a partir de elementos da cultura local, mas com a incorporação de novos hábitos e técnicas, que perfilam o que podemos denominar de “novas ruralidades”, categoria apresentada a seguir.

### **1.5.1 Novas ruralidades**

Maria José Carneiro (2012) reflete sobre a necessidade de termos um olhar crítico a respeito da imagem hegemônica que define o rural como um espaço de tradição e o categoriza como impermeável a mudanças. É preciso reconhecer que há “também no chamado mundo rural, uma diversidade de dinâmicas e de atores sociais” (CARNEIRO, 2012, p. 28).

A constituição da Sociologia Rural é apontada por Carneiro (2012) como uma disciplina específica que corroborou para reiterar a imagem que opõe campo e cidade e os caracteriza como pertencentes a universos completamente distintos, relacionando o urbano à indústria, ao comércio e serviços, e o rural à produção agrícola. A sociologia de tradição urbana industrial americana e alemã é relacionada pela autora como uma das principais incentivadoras do modo de pensar que valoriza o urbano, associando-o ao progresso, civilização e modernidade, cabendo ao rural a ideia de ambiente estático, atrasado e tradicional. Carneiro também destaca

outra vertente de pensamento que é defendida principalmente por antropólogos. Nela, o modo de vida do rural é tido como superior e “protegido” de males da cidade, como violência e criminalidade. “A cidade passa a ser representada como uma ameaça constante ao meio rural, submetida passivamente à força destruidora dos valores da sociedade do consumo e à ação homogeneizadora da cultura de massa” (CARNEIRO, 2012, p. 33).

Na sociedade contemporânea, a reflexão sobre o rural vai incorporar também a noção de não-material, correspondente a um rural visto não apenas como produtor de bens materiais, mas como possuidor de bens simbólicos, que encadeiam uma dinâmica nova, no âmbito econômico e social. Assim, a natureza se torna o centro dessa nova noção do rural:

O rural, associado a essa ressignificação da natureza e da cultura, passa a ser visto como lugar de um outro tipo de trabalho, não mais restrito à produção de alimentos e de matérias-primas para as indústrias, mas como produção de bens simbólicos que alimentam a indústria cultural e a comunicação entre universos culturais distintos, de origem urbana ou de origem rural [...] (CARNEIRO, 2012, p. 35).

Maria José Carneiro (2012) destaca a ressignificação do rural na contemporaneidade, tratada a partir da reconfiguração de suas percepções por meio do termo “novas ruralidades”. Um dos principais fenômenos relacionados pela autora a esse novo rural é a ocupação de localidades rurais por cidadãos, devido ao interesse pelas características presentes no campo, como “simplicidade de vida” e “natureza”, causando um movimento cotidiano dos indivíduos entre cidade e campo. Os jovens que são estudados nesta pesquisa podem ser enquadrados na categoria que abrange as novas ruralidades, já que sua rotina se desdobra entre Murutucu e Belém, para onde precisam se deslocar cotidianamente com o objetivo de estudar e realizar outras atividades, como lazer. Esse deslocamento regular é salientado por Carneiro (2012, p. 37) como um modo de vida que origina uma: “inserção social sempre parcial dessa população em seus diferentes espaços de sociabilidade – o do trabalho, o da casa, o do lazer. A mobilidade como um valor das sociedades contemporâneas coloca em xeque o sedentarismo como um valor das sociedades tradicionais”.

A migração cotidiana gera, conforme a autora, uma ambiguidade entre símbolos e custos, refletida nas formas que as relações sociais são perfiladas - as fronteiras do universo social dos indivíduos são ampliadas e uma pluralidade de referências espaciais é originada. Carneiro considera uma possível consequência desse fenômeno:

Um acirramento do desenraizamento de uma população que será, ao mesmo tempo, ‘rural’ e ‘urbana’, ‘de dentro’ e ‘de fora’, ‘nativa’ e ‘estrangeira’. Ou se, ao contrário, é o desejo de enraizamento no nível local que estimula os

nativos emigrados a retornarem à aldeia e aí se estabelecerem, reativando os laços sociais com a localidade, colocando-se, na maioria das vezes, como mediadores entre os moradores nativos e os que vieram de fora. Esse movimento, observado como um fenômeno social das sociedades europeias nas últimas décadas, também é perceptível no Brasil, ainda que em menor escala, em regiões mais próximas dos grandes centros urbanos (CARNEIRO, 2012, p.38).

Nesse sentido, uma população de jovens, como os que habitam em Murutucu, vive uma interação entre urbano e rural constante, que dificulta o estabelecimento de demarcações fixas e sólidas do que cada um representa. Essa configuração social se torna ainda mais complexa com o uso do *smartphone*, que possibilita o acesso interativo a um ambiente que extrapola as barreiras físicas e invade o virtual.

Diante desse contexto, Carneiro (2012) reforça a necessidade de desvincular a localidade da ideia de espaço reificado – é preciso que seja refletida como um espaço que está em contínua construção social, reformulada por meio das diferentes relações sociais tecidas, pela confluência e conflito entre visões de mundo e de culturas. A autora elucida que o “novo” está relacionado às ocupações que se instauram e que não estão necessariamente ligadas à questão agrícola. Para Carneiro (2012, p.39), “[...] a novidade do rural contemporâneo estaria na combinação, nos mesmos espaços, de atividades tidas até então como ‘típicas’ do meio urbano, tais como as do setor de serviço, com as ocupações ‘características’ do meio rural, ou seja, as agrícolas”.

Assim, a nova ruralidade pode ser traduzida como um “continuum” entre urbano e rural, sem demarcações fixas e sólidas do que cada um representa, mas como espaços híbridos que também passará a ser constituído, aqui na presente pesquisa, com a mediação da tecnologia, ou seja, a partir das interações comunicativas. Esses espaços híbridos são interfaces e entrelaçamentos entre esferas físicas e virtuais, estabelecida também com a comunicação mediada por *smartphones*. Ressaltamos que o acesso dos jovens de Murutucu às tecnologias se deu, principalmente, após a chegada da energia elétrica na ilha, em 2011. Dessa forma, é essencial destacarmos algumas práticas sociais integrantes do modo de vida anterior e posterior ao acesso à eletricidade.

## **1.6 Murutucu: antes e depois da eletricidade**

Os moradores de Murutucu reivindicaram por muitos anos a execução de obras de distribuição de energia elétrica na ilha. “As pessoas iam pras reuniões, faziam abaixo-assinado, foi uma luta. As pessoas lutaram muito pra chegar a energia pra cá”, relatou a jovem Rayane.

A eletricidade passou a atender boa parte das ilhas de Belém apenas em 2011 e modificou diversas dinâmicas inseridas no cotidiano de seus habitantes. A energia dos geradores movidos a óleo diesel garantia, até 2011, o uso dos eletrodomésticos e pautava práticas rotineiras dos jovens, como o horário de dormir, os alimentos consumidos e as formas de uso dos meios de comunicação.

Joice lembrou que, quando não havia energia elétrica, a sua família costumava dormir cedo: “Umas 7h, 7h30 da noite a gente já estava dormindo, por causa que não tinha televisão pra assistir”. A jovem relatou que poucos moradores da ilha tinham gerador, pois seu custo era elevado, assim, grande parte das famílias passou a adquirir eletrodomésticos apenas com o fornecimento público de energia:

Geladeira a gente não tinha, a gente comprava gelo pra tomar água gelada e a comida a gente comprava todo dia, porque não adiantava deixar no gelo porque estragava. Aí depois que veio a energia, o povo começou a comprar eletrodomésticos, geladeira, televisão, essas coisas, aí agora já não dormem mais cedo por causa da televisão, aí fazem compra pra semana toda, e colocam no congelador, porque tem energia mesmo.

A distribuição da energia nas residências de Murutucu também popularizou o uso do celular. Alguns jovens entrevistados já tinham o aparelho antes de 2011, mas relataram que o uso era restrito, devido à dificuldade para recarregá-lo, como apontou Cléo: “Quando não tinha energia, eu já tinha celular. A gente, antes, tinha que ter aquele tempo limitado de ficar mexendo, porque a gente carregava a bateria só à noite, quando ligava o gerador. Agora tá tudo mais fácil”. Rayane, por sua vez, contou que adquiriu o celular quando a energia passou a ser distribuída na ilha e afirmou que a maioria dos habitantes também procedeu dessa forma: “A chegada da energia mudou completamente, porque eram poucas as pessoas que tinham celular e essas pessoas iam até onde tinha motor pra recarregar o celular, e com a chegada da energia as pessoas começaram a comprar”.

Percebemos que o uso dos geradores tinha um caráter coletivo. Como destacou Rayane, alguns moradores doavam a energia gerada em suas residências para a recarga da bateria do celular de outros habitantes. Junto com o uso do celular, também foi modificada a forma de assistir à televisão, como destacou Jéssica: “Mudou muito porque a gente não podia assistir televisão na hora que queria”.

Rayane relatou uma prática inusitada que envolvia o aparelho televisivo. Seis meses antes de a ilha receber a energia elétrica pública, a jovem e um grupo de quatro mulheres de sua família gostavam bastante da novela “Esmeralda”, exibida no turno da tarde pela emissora televisiva SBT, e se esforçavam para não perder nenhum capítulo. Nesse período, o avô do

marido de Rayane tinha um gerador, mas apenas adquiria óleo para ligar o motor durante a noite.

Então, o grupo de mulheres se reunia e cada uma contribuía com um valor para comprar óleo diesel, abastecer o gerador e, assim, poder ligá-lo com o objetivo de assistir à novela. “A gente fazia um esforço imenso pra comprar óleo, que nesse tempo era caro, e a gente é que acionava o gerador. Era imenso ele, precisava de quatro mulheres pra ligar: uma rodava e as outras puxavam a corda, mas a gente conseguia”, contou Rayane. A jovem relatou que o ato de se reunir para assistir à telenovela integrava mais o grupo de mulheres: “Depois que chegou energia, todo mundo começou a comprar as suas televisões e ficou cada um nas suas casas assistindo. Antes as pessoas eram mais unidas, as novelas principalmente, faziam com que as mulheres se reunissem”.

Outro aspecto salientado por uma das jovens que participaram da pesquisa foi a diferença na utilização do rádio antes e depois da chegada da energia. Cléo afirmou que costumava usar pouco o aparelho, pois era movido à bateria: “Às vezes, a bateria secava muito rápido e a gente ficava mais no silêncio, sem ouvir nada, porque o rádio não podia ficar ligado”. Cléo relatou que ela e sua irmã, Jéssica, ouvem bastante as músicas de uma emissora evangélica, enquanto que a mãe das jovens prefere ouvir no rádio as canções veiculadas pela emissora radiofônica 99 FM. É interessante notar que Cléo foi a única entrevistada que citou o rádio como um aparelho que faz parte de seu dia a dia.

A jovem Cléo também destacou que atividades simples, como bater frutas no liquidificador para fazer suco, foram inseridas em seu cotidiano. Os hábitos alimentares dos residentes da ilha também foram alterados. Rayane contou que, antes da chegada da energia, os moradores consumiam mais comidas salgadas, que não precisavam ser armazenadas no refrigerador: “Com a falta de energia, as pessoas não comiam muito frango, carne, e sim comidas mais fáceis, comidas salgadas: charque, panqueca, sardinha, ovos. Isso tudo não precisa gelar, dura mais tempo”.

É possível perceber que o acesso à energia elétrica modificou práticas pertencentes a diferentes sentidos no cotidiano dos jovens, inclusive as relações das famílias. Uma fala de Joice, durante a entrevista, ressaltou como as interações presenciais ganharam novos contornos com o acesso às tecnologias. A jovem afirmou que, devido ao período de chuvas, a energia elétrica estava sendo interrompida com frequência em Murutucu, e sua residência permaneceu por um dia inteiro sem eletricidade. Ela contou como transcorreram as interações durante este dia:

Ontem faltou energia, desde meio-dia até umas oito e meia, voltou só nove horas da noite. Então, não tinha energia, não tinha vela, e os celulares estavam todos descarregados. Aí todo mundo ficou deitado, parece que reúne todo mundo pra conversar, né? Aí a gente estava conversando e depois que chegou a energia todo mundo pegou o celular, foi ver as suas mensagens, não ficou mais aquelas pessoas reunidas conversando. Ficou cada um no seu lugar, assistindo televisão e no celular, aí é totalmente diferente. Aí é muito engraçado. No meu ponto de vista, a energia mudou bastante aqui na ilha.

Na centralidade da comunicação contemporânea, a dimensão tecnológica interfere diretamente na vida social e cultural. A chegada da energia representa a abertura para a possibilidade de tecer interações por meio das tecnologias, como bem demonstrou o depoimento de Joice. Nesse contexto, a tecnologia se apresenta como extensão dos corpos e sentidos (MCLUHAN, 1964). A necessidade de utilizarmos nossos sentidos por meio das tecnologias é tão imediata quanto respirar, o que explica a necessidade de mantermos, por exemplo, a televisão e rádio ligados continuamente, como assinala Mcluhan (1964, p.88): “A pressão para o uso contínuo independe do ‘conteúdo’ dos programas ou do sentido de vida particular de cada um, testemunhando o fato de que a tecnologia é parte do nosso corpo”.

As tecnologias, como extensões, inserem os indivíduos em uma comunidade virtual, que comunica de forma instantânea. Nesse sentido, os *smartphones* se destacam como dispositivos privilegiados nas interações comunicativas. Em meio à natureza de Murutucu, há a presença maciça das tecnologias entre os jovens.

Dessa forma, abordar a Amazônia é tratar de uma realidade diferenciada, entrecortada por rios, como também por dinâmicas rurais e urbanas, e compostas por populações com matizes diferenciadas. Considerando que a Amazônia paraense é uma área de mudança intensa e que as TICs<sup>22</sup> vêm se inserindo de forma crescente em seu contexto, estudos nessa perspectiva são relevantes, pois permitem destacar mudanças e movimentos, articulando realidades locais com discussões mais amplas dentro do contexto comunicativo. No capítulo a seguir, discorreremos sobre como são tecidas as interações com a tecnologia, que permitem a mediação dos jovens de Murutucu entre a sua realidade e as demais, assim como possibilita a ligação com novas identificações.

---

<sup>22</sup> Neste trabalho, entende-se por TICs todas as tecnologias que influenciam os processos comunicativos e informacionais dos indivíduos. O termo também está relacionado ao conjunto de recursos tecnológicos integrados, que possibilitam e potencializam a comunicação, por meio de *hardware*, *software*, telecomunicações e automação, que envolvem os processos de negócios, pesquisa científica, ensino e aprendizagem, assim como a vida social (CASTELLS, 1999).

# INTERAÇÕES COMUNICATIVAS E TECNOLOGIAS

“Acho que a televisão é um meio de comunicação, mas não é como o celular, porque o celular é mais importante do que a televisão. A televisão a gente não conversa, a gente não fala, a gente só vê o que tá acontecendo distante, acho que por isso o celular é mais importante” (Rayane)



Neste capítulo, refletiremos de que forma se dá o processo de mediação operado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), com objetivo de compreender como as interações são constituídas e como se dão a partir do momento em que se tornam mediadas pelos sofisticados aparelhos denominados *smartphones*. Discorreremos ainda sobre a categoria jovem e sua relação com as TICs.

## 2.1 Reflexões sobre a categoria “juventude”

A juventude não somente abre as portas para a idade adulta, mas abre principalmente as portas de casa. Ela habilita o trânsito das pessoas pela cidade, entrega a elas os fascínios do resto do mundo (CHAVES, 2010). É durante a juventude que os ilhéus que compõem esta pesquisa têm maior contato com a cidade, já que precisam frequentar a escola de Belém por falta de uma escola local que oferte turmas a partir do 6º Ano. Os espaços e dinâmicas sociais presentes no urbano se tornam obrigatórios em seu cotidiano e interferem nas referências, interações, discursos e posicionamentos tomados por eles. Os jovens passam a ter liberdade para transitar na cidade sem os olhares controladores dos adultos, que sempre os acompanhavam nas idas a Belém.

A jovem Ana Aline, de 15 anos, foi entrevistada na praça Princesa Isabel enquanto esperava os demais alunos voltarem de suas escolas, para que o barco levasse-os às suas residências. Ela contou sua experiência quando passou a estudar em Belém:

Eu fui ficando mais madura, porque eu fui ficando longe da minha mãe, aí eu fui criando maturidade, porque ela nem sempre vai estar aqui pra me defender, então eu tenho que me defender sozinha, tomar mais cuidado, porque não é com qualquer um que a gente tem que fazer amizade todo dia. Aí lá [em Murutucu] não, todo mundo se conhecia, conhecia meus pais, era mais fácil. Aí pra cá [Belém] não, a gente tem que fazer novas amizades, o professor não conhece os nossos pais.

O depoimento de Ana retrata essa grande diferença de vida que ocorre a partir do momento em que os jovens de Murutucu precisam estudar na cidade. Enquanto estudavam na ilha, os professores e amigos eram conhecidos pelos pais, que tinham um maior controle na vida dos filhos. Ao se deslocarem cotidianamente a Belém, uma nova realidade se desvela para os jovens, que são “obrigados” a amadurecer, frente às situações de risco que a cidade pode ocasionar. O ciclo de amizades se expande e o relacionamento com os professores muda.

Na juventude, a vivência que, até então, perpassava o privado, torna-se mais pública, trazendo consigo “sensaciones e imágenes del riesgo, libertad, aire, vitalidad, sociabilidad. Y

también la del peligro<sup>23</sup>” (CHAVES, 2010, p.15). É importante ressaltar que a juventude apenas passa a viver uma vida mais pública a partir da metade do século XX, quando há uma irrupção dos jovens como sujeitos e eles adquirem a possibilidade de se constituir como jovens.

Chaves (2010) observa que cada etapa da vida corresponde a um espaço delimitado: para o bebê, o espaço ocupado é o corpo da mãe; já para a criança, o quarto, a casa e logo depois as calçadas. Na juventude, a rua, bairro, cidade e o mundo se tornam espaços de ocupação. Assim, a diversidade de expressões, identificações e sociabilidades, bem como as formas de apropriação desigual dos meios de produção material e simbólico não permitem que abordemos de maneira generalizada uma única juventude. É necessário pensá-la a partir da heterogeneidade, como uma categoria em constante construção cultural (CHAVES, 2010).

Diferentes organizações e marcos legais delimitam parâmetros etários sobre a juventude. A legislação brasileira, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)<sup>24</sup>, considera crianças as pessoas de até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aqueles que têm entre doze e dezoito anos de idade. O ECA representou um grande progresso para a defesa dos direitos de crianças e adolescentes. O Estatuto reconheceu a adolescência como uma etapa única no desenvolvimento humano e instaurou várias medidas que abarcam, por exemplo, o direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito e à dignidade. Apesar de não tratar do termo “jovem”, contemplando apenas parte de sua parcela, os adolescentes, o ECA garantiu uma maior visibilidade e atenção das políticas públicas voltadas à juventude como um todo (SILVA; SILVA, 2011).

Em 2013, a Presidência da República instituiu o Estatuto da Juventude<sup>25</sup>, que dispõe sobre os direitos de jovens, princípios e diretrizes das políticas públicas da juventude e criou o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve). São considerados jovens pelo Estatuto pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade. Já a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu a faixa de 15 a 24 anos como a pertencente à juventude, em assembleia realizada em 1985. No ano de 1995, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) reafirmou a faixa de idade defendida pela ONU, destacando que a juventude representa um segmento da sociedade que varia de acordo com cada país e cultura, portanto, o contexto sociocultural interfere diretamente na configuração do segmento (FREIRE, 2002).

---

<sup>23</sup> “sentimentos e imagens de risco, liberdade, ar, vitalidade, sociabilidade. E também o perigo” (CHAVES, 2010, p. 15, tradução nossa).

<sup>24</sup> Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 22 jul. 2015.

<sup>25</sup> Lei nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acesso em: 22 jul. 2015.

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), criada em 1945, é um fórum que promove debates políticos a respeito de questões correlatas à alimentação, agricultura e ao desenvolvimento sustentável, com ações também voltadas a jovens rurais, categoria abordada a partir da faixa etária de 12 a 25 anos. O segmento de idade é definido de forma mais ampla pela FAO, pois considera que muitos jovens se inserem cedo no trabalho rural, fator que necessita de um alargamento em sua categorização (FREIRE, 2002). Dessa forma, nesta pesquisa, compreendemos que a faixa etária definida pela FAO seja a mais adequada para tratar da realidade vivenciada pelos jovens da ilha de Murutucu, já que vivem em um espaço denominado pelo poder público como rural.

De acordo com Chaves (2010), a noção de “cronologização da vida”, que trata a vida a partir de etapas, inicia-se no século XIX acompanhada pela institucionalização do curso da vida. A intervenção do Estado por meio da escolarização, saúde pública, exército, bem como do discurso jurídico, científico, a mudança do sistema de produção econômica, o mercado de consumo, a indústria midiática e do entretenimento se somaram a esse processo de institucionalização. As ações das pessoas se tornam regidas por uma norma única e cada sociedade constrói a definição de idade a partir da sua concepção de pessoa: “La edade contada sobre el rígrado critério del tiempo absoluto se torna la mejor forma de reducir todas las diferencias sociales e individuales reales a um denominador común y universal: el individuo abstracto y jurídico de la modernidad [...]”<sup>26</sup> (CHAVES, 2010, p. 26).

As formas que organizam grupos de idade em: infância, juventude, idade adulta e velhice são vistas como naturais, mas são construções históricas, que não existiam desde sempre, portanto, fazem parte de um processo sociocultural de idades.

A juventude foi vista como um setor social específico apenas após a Segunda Guerra Mundial, a partir de variadas mudanças, como a aparição de um mercado voltado para o consumo juvenil, a ascensão da mídia de massa e sua ligação com a cultura dos jovens, os efeitos decorridos da guerra em crianças que nasceram nesse período, como ausência dos pais e violência, a criação de escolas específicas para a faixa etária e a chegada de um estilo distinto de se vestir e ouvir música. Esse conjunto de mudanças possibilitou que os jovens internalizassem as imagens que eram projetadas sobre eles, desenvolvendo uma consciência de grupo de idade que os converteu em um grupo social independente (CHAVES, 2010).

---

<sup>26</sup> “A idade contada sobre o rígrado critério do tempo absoluto se torna a melhor forma de reduzir todas as diferenças sociais e individuais reais a um denominador comum e universal: o indivíduo abstrato e jurídico da modernidade [...]” (CHAVES, 2010, p. 26, tradução nossa).

Com a definição da juventude, a partir de 1950 essa faixa etária se torna melhor contemplada pelo Estado, com o desenvolvimento de políticas públicas específicas. A mobilização dos jovens no contexto político é salientada por Abramo (1997), que discorre sobre a importância da participação juvenil nas décadas de 1960 e 1970, período de ditadura militar no Brasil no qual os jovens participaram de forma intensa e por isso passaram a ser vistos como ameaça à ordem social.

Edgar Morin (1997, p. 147) ressalta a capacidade de liderança de jovens, enfatizando a capacidade juvenil de mudar o curso da história:

Todo impulso juvenil corresponde a uma aceleração da história; porém, mais amplamente, numa sociedade em rápida evolução e, sobretudo, numa civilização em transformação acelerada como a nossa, o essencial não é mais a experiência acumulada, mas a adesão ao movimento.

Abramo (1997) observa que o caráter revolucionário juvenil foi perdido na década de 1980, quando houve um desaparecimento dos jovens da cena política e a geração adquiriu um viés individualista, consumista e conservador. Nos anos 1990, a juventude tem sua imagem um pouco alterada pela presença nas ruas, em ações individuais e coletivas, mas a maioria dessas ações continua voltada para o individualismo, relacionada à “fragmentação e, agora mais do que nunca, à violência, ao desregramento e desvio (os meninos de rua, os arrastões, o surf ferroviário, as gangues, as galeras, os atos de puro vandalismo)” (ABRAMO, 1997, p.31-32), questões que são inerentes aos tempos modernos.

## **2.2 Tecnologia e juventude na contemporaneidade**

A condição juvenil atual é refletida por Martín-Barbero (2008) por meio das ideias de Hoppenhayn (2004). O autor destaca os paradoxos que emergem do cenário vivido pelos jovens na contemporaneidade: A oportunidade de alcançar educação e informação é maior, mas há menos acesso ao emprego e ao poder; a aptidão para as mudanças produtivas se ampliou, porém a juventude acaba não participando desse processo; vemos um aumento do consumo simbólico, mas restrição ao consumo material. Há também um “grande senso de protagonismo e autodeterminação, enquanto a vida da maioria se desenvolve na precariedade e na desmobilização; e, por fim, uma juventude mais objeto de políticas do que sujeito-ator de mudanças” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 12).

Martín-Barbero ressalta que o ensino e a aprendizagem, na contemporaneidade, estão diretamente conectados aos universos do audiovisual e da tecnologia, e aponta fatores

negativos: a coesão juvenil e a divisão social reproduzidas, que aumentam as diferenças entre as formas de relação com a tecnologia e sua interatividade. Ele aborda questões levantadas com a “Segunda Pesquisa Mexicana Sobre Juventude”, que corroboram seu pensamento:

O acesso aos meios tecnológicos é, hoje, menos desigual do que a posse do equipamento, a lacuna continua sendo enorme entre aqueles para os quais a tecnologia digital faz parte do ambiente familiar e cotidiano e para aqueles que só podem acessá-la ocasionalmente; isso se traduz – como afirmou Bourdieu – na marca de classe que a posse deixa sobre o modo de relação com os dispositivos e recursos (MARTÍN-BARBERO, p. 15, 2008).

Para o pesquisador, atualmente, a tecnologia é uma das metáforas mais poderosas para entendermos as redes e interfaces da construção da subjetividade. Na visão de Martín-Barbero, os sujeitos que fazem parte das novas gerações estão marcados por relações sociais pautadas pela sensibilidade, demonstrada por meio de vestimentas, tatuagens e adequação aos parâmetros ditados pela sociedade. “Disto resulta um movimento de jovens que transitam entre o repúdio à sociedade e o refúgio na fusão tribal” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 22). E a partir dessa conjuntura é que são tecidas as mediações interativas por meio da tecnologia, detentora de um potencial alternativo que, muitas vezes, é criticado. O autor expõe sua opinião contrária aos apocalípticos que demonizam as interações tecnológicas, quando se referem a elas como causadoras de vícios e de distanciamento dos sujeitos da realidade:

A maior parte da visão apocalíptica – sobre a maneira como se inserem as mediações tecnológicas nas interações sociais – parte de uma percepção do *normal* identificada com o *natural* [...] a ideia de natureza que se conserva nas arestas da moderna racionalidade é seu último resíduo metafísico: muitos adultos e professores pensam as tecnologias como o *artificial*, opondo-o, enquanto tal, a relações sociais, que *seriam naturais*. A pergunta é: quando foram naturais as relações sociais? Claro está que o sujeito humano tem uma natureza, mas ela é tão social e artificial quanto a tecnologia com a qual se veste, se alimenta e sonha (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.23, grifos do autor).

Valendo-se do pensamento de Michel Serres (2006), Martín-Barbero (2008, p. 23-24) reforça o potencial das tecnologias, que reverberam a criatividade humana, mas destaca seu poder limitador: elas não solucionam os problemas sociais, tampouco podem renovar a democracia. “Não há potência na tecnologia que não seja moldada, mediada, pelas tendências sociais profundas, tanto as que se voltam à emancipação quanto as que se destinam à dominação e à exclusão”. Dessa forma, a tecnologia não é produtora de desigualdades, ela apenas reforça as relações de exclusão que são geradas pela própria sociedade, que atua concentrando o poder e o saber, e reproduz a submissão.

Esse caráter limitador apontado pelo pesquisador colombiano, que envolve as tecnologias, é facilmente percebido na realidade de Murutucu. Os jovens moradores da ilha tiveram acesso à luz elétrica em 2011; hoje têm a possibilidade de utilizar as inúmeras funções disponibilizadas pelo *smartphone*, que se insere tanto em realidades urbanas quanto rurais. Entretanto, a tecnologia, sozinha, não é capaz de mudar os problemas sociais vivenciados pelos moradores da ilha, que não têm acesso à água potável, a um sistema sanitário, nem a hospitais e escolas.

O acesso à tecnologia diluiu as fronteiras de tempo e espaço, e inseriu jovens moradores de zonas rurais, como os de Murutucu, em múltiplas possibilidades de interação no ciberespaço. Michel Serres (2013) reflete sobre as mudanças culturais juvenis ocorridas principalmente depois dos anos 1970, com a habitação de um espaço virtual e a possibilidade de manipulação de diversas informações ao mesmo tempo. O filósofo francês sugere que as crianças e jovens “não têm mais a mesma cabeça” de seus pais, ao usufruir de um leque de possibilidades nunca antes vivenciado.

Por celular, têm acesso a todas as pessoas; por GPS, a todos os lugares; pela Internet, a todo o saber: circulam, então, por um espaço topológico de aproximações, enquanto nós vivíamos em um espaço métrico, referido por distâncias. Não habitam mais o mesmo espaço” (SERRES, p. 19, 2013).

O corpo, a expectativa de vida, comunicação e percepção de mundo dos jovens mudaram. Eles são chamados por Serres (2013, p. 20) como “polegarzinhos”, devido aos rápidos polegares que digitam mensagens em telas de celular, “mais rápidos do que eu jamais conseguiria com todos os meus dedos entorpecidos [...]”, relata o filósofo. Enquanto a jovem Tainara respondia a algumas perguntas elaboradas informalmente, sentada na cadeira da cozinha de sua casa, os polegares percorriam a tela de seu *smartphone* LG. Os ouvidos permaneciam atentos às perguntas, mas os olhos fitavam o celular, que estava com a página do *Facebook* conectada. A jovem afirmou que passa grande parte do tempo produzindo e distribuindo informações por meio do dispositivo: “Fico direto no celular, não largo. Enquanto eu faço tudo, o celular tá comigo. Fico mandando mensagem direto, *Whatsapp*, qualquer coisa que tenha mensagem eu tô mandando”.

Com o uso das tecnologias, o corpo não é mais apenas um suporte para a comunicação e sim um agente, pois afeta e é afetado em sua materialidade pela tecnologia (ERTHAL, 2007). Marshall McLuhan observa que (1964, p.63): “Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou auto-imputação do nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo”. Os sentidos da audição, tato e visão são acionados por

meio do *smartphone*, que possibilita novas relações sensoriais aos indivíduos: com nossos polegares percorrendo a pequena tela do dispositivo, podemos visualizar imagens, ouvir áudios gravados de forma instantânea, ter acesso a vídeos. Em aplicativos como o bloco de notas, é possível arquivar informações importantes, além da opção de salvarmos números de contatos pessoais na agenda, função que já era disponibilizada nos primeiros celulares fabricados. Assim, como reflete McLuhan, o homem projeta para fora de si um modelo vivo do próprio sistema nervoso central, fato que ocorreu primeiramente com o advento da tecnologia elétrica.

McLuhan evoca o mito grego de Narciso para expor a relação do homem com a tecnologia. Narciso vem da palavra grega *narcosis*, que significa “entorpecimento”. No mito, o jovem Narciso toma seu próprio reflexo na água por outra pessoa: “A extensão de si mesmo pelo espelho embotou suas percepções até que ele se tornou o servomecanismo de sua própria imagem prolongada ou repetida” (MCLUHAN, 1964, p.59). Da mesma forma que Narciso se fascina pelo reflexo, o autor afirma que os homens ficam fascinados por qualquer extensão de si, que esteja em qualquer material que não o deles próprios.

É a contínua adoção de nossa própria tecnologia no uso diário que nos coloca no papel de Narciso da consciência e do adormecimento subliminar em relação às imagens de nós mesmos. Incorporando continuamente tecnologias, relacionamo-nos a elas como servomecanismos. Eis porque, para utilizar esses objetos-extensões-de-nós-mesmos, devemos servi-los, como a ídolos ou religiões menores. Um índio é um servomecanismo de sua canoa, como o vaqueiro de seu cavalo e um executivo de seu relógio (MCLUHAN, 1964, p. 64).

Nesse contexto, percebemos a intensa inserção do *smartphone* no cotidiano dos indivíduos, principalmente de jovens, modificando as práticas cotidianas, que sempre são realizadas acompanhadas pelo *smartphone*, conforme notamos no depoimento da entrevistada Tainara: “Eu arrumo a casa, vou deitar e assisto televisão enquanto eu fico no *Whatsapp*”.

O aparelho está inserido em variadas atividades da rotina, como observa a jovem Ana:

Acordo e mexo no celular, porque eu acordo com ele me despertando, aí eu mexo nele, trago ele pra escola, venho escutando música, aí quando chega aqui na escola nem uso mais, aí eu já volto pra casa, vou escutando música, mexendo na Internet. O celular está comigo 24 horas, mas nem sempre eu tô mexendo nele.

Por meio do depoimento de Ana, notamos a relação de extensão com a tecnologia abordada por McLuhan. Por mais que a jovem não esteja utilizando o *smartphone*, ele permanece com ela durante todos os momentos do dia, configurando novas formas de



sociabilidade e interação. Assim, o aparelho não se integra à vida do jovem apenas como um canal, mas também com suas funções de comunicação que se associam aos processos sociais dos jovens: “[...] uma tecnologia de ampla difusão, ‘invasiva’, como o telefone celular, se insere nos valores desse segmento, crescendo e abarcando uma proporção cada vez maior em seu grupo de referência” (ARTOPOULOS, 2011, p.36).

### **2.3 Sociabilidade e interação**

A obra de Georg Simmel é essencial para compreendermos a interação como fundamento das relações sociais articuladas pelos jovens que residem na ilha de Murutucu. Ao abordar a realidade manifestada ou vivida a partir do sujeito individual ou coletivo, Simmel (2006) aponta que, em um sentido mais amplo, o conceito de sociedade é definido como a interação psíquica entre indivíduos, delimitação que não pode ser enquadrada em algumas situações, como quando duas pessoas se olham rapidamente ou quando se esbarram em uma fila. Porém, o autor afirma que haveria um aprisionamento do termo “social” se apenas as interações duradouras - aquelas relacionadas a unidades com características definidas, como Estado, família e corporações - fossem analisadas:

Além destas, porém, há inúmeras formas de relação e modos de interação entre os seres humanos que aparecem em casos isolados de maneira insignificante, mas que, inseridos nas formalizações ditas oficiais e abrangentes, sustentam, mais que tudo, a sociedade tal como a conhecemos (SIMMEL, 2006, p. 16).

Todos os tipos de relações que unem pessoa a pessoa, chamadas pelo autor de supraindividuais, interligam-as, mesmo sendo momentâneas, inconscientes ou inconsequentes. “Todos esses grandes sistemas e organizações supraindividuais, aos quais se deve o conceito de sociedade, não passam de cristalizações [...] de efeitos múltiplos imediatos, vividos a cada hora e por toda uma existência de indivíduo para indivíduo” (SIMMEL, 2006, p.17). Assim, as pessoas exercem e sofrem constantemente influências mútuas.

De acordo com o autor, é importante entender que o ser humano é determinado por viver em interação com outros seres humanos, em toda sua essência e em todas as suas expressões. Ele afirma ainda que essa interação vai surgir sempre devido a impulsos ou a partir de determinadas finalidades, ou seja, “sociações”, segundo o autor.

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros que fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de

convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros (SIMMEL, 2006, p. 59-60).

O fenômeno da sociabilidade, por sua vez, é explicado por Simmel (2006) como uma forma de sociação que vem acompanhada por sentimentos e pela satisfação de o indivíduo estar inserido em um grupo. Para haver sociabilidade, é preciso que haja o máximo de força e eficácia de estar em grupo, o que vai além da pura interação e engloba o valor pela formação de uma sociedade. Entretanto, Simmel aponta que o mundo da sociabilidade é composto por uma artificialidade, pois é constituído por indivíduos que têm o interesse de produzir entre si uma interação “pura” que não seja interferida por nenhuma tensão material. Fator que é criticado pelo autor, já que quando as relações são tecidas, as pessoas trazem consigo suas carências, excessos e atribulações, que interferem diretamente nas relações.

A natureza da sociabilidade se configura pela interação que há entre iguais: “Pela sua natureza, ela precisa criar seres humanos que se desapegam de seus conteúdos objetivos e que, assim, modificam seu significado interno e externo para se tornarem sociavelmente iguais” (SIMMEL, 2006, p. 71). Dessa forma, o autor afirma que o indivíduo só pode obter para si os valores de sociabilidade se as pessoas com quem interage também os obtenham.

Simmel (1983) destaca que, além da sociabilidade, as maneiras de interação são importantes ao abordarmos seus conteúdos. Assim, a conversação é salientada como um veículo genérico para tudo que os homens agregam em comum. Essa experiência trivial pode ocorrer quando as pessoas conversam para comunicar ou entender um conteúdo, ou em uma reunião social, quando indivíduos conversam pelo simples ato de conversar, sem finalidade imediata. O autor afirma que todas as formas pelas quais essa troca se realiza estão a serviço de variados conteúdos e propósitos da vida humana, criando um admirável jogo de relações entre seus participantes. A conversação tem uma natureza que envolve a habilidade de mudar rapidamente seu assunto - já que ela é apenas um meio, assume as características dos demais meios, sendo casual e permutável, e conjectura duas partes: ir e voltar. Na concepção simmeliana:

A conversa é a forma mais pura e elevada de reciprocidade [...] [é] uma relação que, por assim dizer, não pretende ser nada além de uma relação - isto é, na qual aquilo que usualmente é a mera forma de interação torna-se seu conteúdo auto suficiente (SIMMEL, 1983, p. 177).

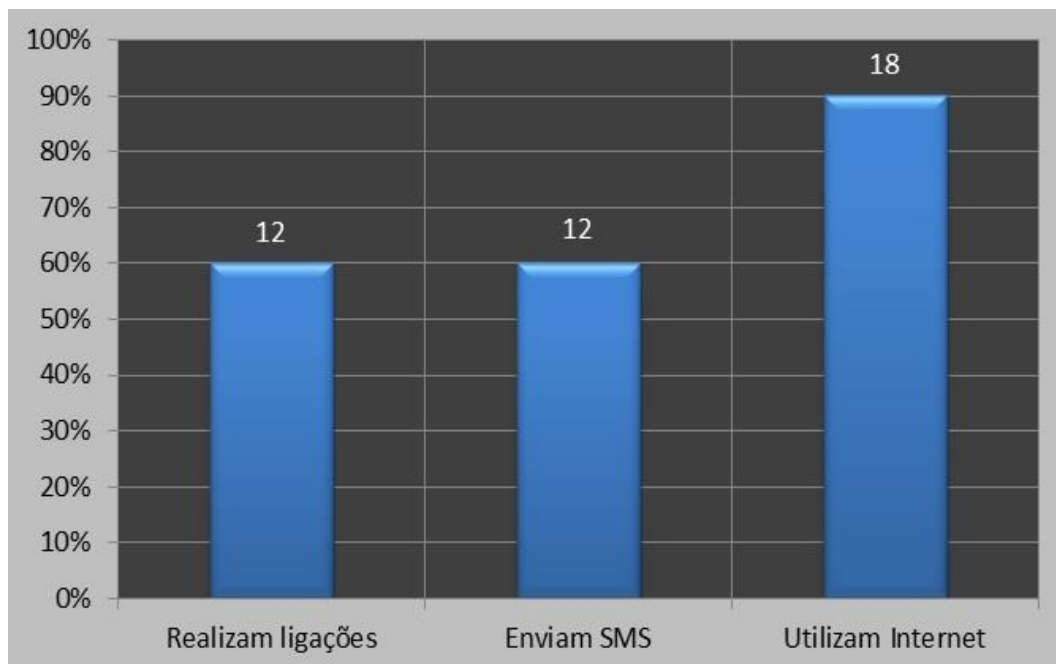
O fato de os jovens ilhéus transitarem com frequência entre os espaços urbano e rural, coloca-os frente a diferentes cenários sociais que perfilam variadas formas de sociabilidades. Elas são compostas por ligações que se estabelecem com familiares, grupos de amigos - que pertencem à Murutucu, demais ilhas localizadas próximas, como Combu e Ilha Grande, e Belém

- em espaços de lazer, constituídos muitas vezes pelo rio e campos de futebol localizados perto da ilha, bem como em espaços institucionais, relativos às escolas de Belém que frequentam e que permitem a interação constante com os alunos e professores da cidade.

As sociabilidades desenvolvidas nos tempos atuais também se dão em espaços virtuais, pelas tecnologias digitais, que perfilam novas formas de ser e de estar no mundo, inserindo-se cada vez mais nas interações dos indivíduos e em suas subjetividades, principalmente de jovens que já nasceram na era tecnológica, os chamados “nativos digitais” (PRENSKY, 2001). As trocas comunicativas dos jovens estão relacionadas diretamente ao local em que estão inseridas. No caso de Murutucu, é estabelecida uma interferência significativa nas formas de sociabilidade desenvolvidas pelos jovens e nas suas posições enunciativas – a ilha, muitas vezes, impõe dificuldades e limitações às relações face a face, já que as casas de Murutucu, em geral, encontram-se distantes umas das outras, fator que insere o *smartphone* como um facilitador para conversas.

Como afirma Simmel (1983), a conversação é um veículo genérico de agregação de conteúdos comuns. No caso dos jovens pesquisados, essa conversa se dá muitas vezes por meio do *Whatsapp*, aplicativo que exige que o *smartphone* tenha acesso à Internet para que seja executado e permite a troca instantânea de mensagens, chamadas de voz e envio de fotos e vídeos. Na pesquisa realizada, 16 dos 20 entrevistados declararam utilizar o aplicativo para marcar encontros e conversar com amigos.

Apesar da popularidade do *Whatsapp*, percebemos que as chamadas telefônicas ainda são praticadas pelos jovens, assim como o envio de torpedos SMS. Quando perguntados sobre os motivos do uso do *smartphone*, 18 dos 20 entrevistados indicaram que acessavam a Internet, 12 relataram realizar ligações telefônicas e 12 jovens também afirmaram enviar torpedos, pois, às vezes, estão sem crédito para comprar pacote de dados de Internet ou têm problemas de conexão, principalmente durante o período de chuvas fortes. O gráfico a seguir apresenta os dados coletados, e suas respectivas porcentagens.

**Gráfico 01** – Uso do *smartphone* pelos jovens

Fonte: Elaborado pela autora

Para pensarmos as formas de interação que têm pautado o modo de vida dos jovens, recorreremos ao arcabouço teórico do sociólogo canadense Erving Goffman, que destinou suas pesquisas a compreender a perspectiva situacional das relações, desenvolvendo uma sociologia das interações cotidianas, para estudar como os indivíduos são moldados pela interação social.

## 2.4 Goffman e as interações

Erving Goffman fez parte da corrente de pensamento sociológico chamada Intencionismo Simbólico, que se destinou a estudar a comunicação a partir das interações sociais, desenvolvendo-se desde a primeira metade do século XX até o começo dos anos 1980. Ao lado de Goffman, seus principais pensadores foram Herbert Blumer, George Herbert Mead, Charles Horton.

A partir de quadros de referência, Goffman (2012) exercita a compreensão dos acontecimentos e vulnerabilidades que os sujeitos estão submetidos, por meio do isolamento de esquemas de compreensão que existem na vida social. Ao analisar o quadro da conversação, o autor se destina a observar o modo informal da fala, a conversa, caracterizada como: “aquele tipo de fala que supõe um fácil intercâmbio de papel falante-ouvinte e envolve um pequeno número de participantes engajados num ou mais momentos de ócio agradável” (GOFFMAN, 2012, p. 603). O autor discorre sobre a organização presente na fala, que obedece as regras da

linguagem e os momentos de falar e ouvir do participante. A conversa é enquadrada como detentora de uma forma mais “frouxa” de ligação com o mundo do que outros tipos de enunciados. A maior parte dos momentos dessa fala mais informal é composta por evidências que o indivíduo deseja incitar, como simpatia, compreensão ou divertimento, “e o que os seus ouvintes estão primariamente obrigados a fazer é mostrar algum tipo de apreço típico de uma plateia. Eles devem ser instigados não a agir, mas a mostrar sinais de que ficaram comovidos” (Ibidem, p. 609).

Goffman (1999) defende que há uma ordem social na interação conversacional - estudada através de uma microanálise - na qual os atos são integrados de forma coerente, formando atos de comunicação ou mensagens. Portanto, qualquer mensagem emitida por um dos participantes durante uma conversa é relevante e aceitável pelos demais integrantes como um ponto de partida para que outra mensagem seja fornecida logo em seguida.

Em uma interação, há a expectativa de que os indivíduos se comportem de acordo com determinados limites moralmente aceitos na vida em sociedade. Quando as regras não são cumpridas, os participantes perdem referência de como se portar ou sobre o que devem esperar dos outros, originando uma desordem social associada como “embaraço”. Esses delitos praticados na interação conversacional são chamados pelo autor de inconveniências, lapsos, gafes etc. Goffman (1999) aponta que, na maioria das vezes, os participantes da conversa são tolerantes com o infrator das regras que compõem a ordem da interação, para que a interação seja mantida.

Os objetivos privados de cada participante são relacionados por Goffman como “compromissos de trabalho”, que envolvem as estratégias de ganho desenvolvidas para se chegar a determinado objetivo. O autor, por muitas vezes, designa os participantes de uma conversa como atores, ressaltando a performance pessoal que os falantes desempenham com frequência, o que exige uma carga de dramatização para reproduzir uma experiência passada e para organizar a conversa, como explica Goffman (2012, p. 614-615):

[...] muitas vezes o que os falantes se empenham em fazer não é fornecer informações a um receptor, mas apresentar dramas a uma plateia. De fato, parece que passamos a maior parte de nosso tempo não empenhados em dar informações, mas em dar espetáculos. E note-se que esta teatralidade não está baseada em meras exhibições de sentimentos ou em falsas mostras de espontaneidade, nem em qualquer outra coisa que, bufando de irritação, poderíamos chamar depreciativamente de teatral. O paralelo entre o palco e a conversa é muitíssimo mais profundo do que isso. O fato é que geralmente, quando um indivíduo diz algo, ele não o está dizendo como uma simples afirmação de fato em benefício próprio. Ele está recontando algo. Ele está

recapitulando uma faixa de acontecimentos já determinados visando o engajamento de seus ouvintes.

Assim, fora do palco, os indivíduos precisam reconduzir o ouvinte ao estado de informação que tinha à época do ocorrido, e se preocupam em convencer as pessoas de que o fato contado é verdadeiro (GOFFMAN, 2012). Para manter o seu “compromisso de trabalho” em uma interação conversacional, os atores sociais também tendem a manter a aparência para evitar desacordos e diminuir embaraços (GOFFMAN, 1999).

Um dos temas recorrentes em sua obra é a diferença da interação entre pessoas que não estão e estão presentes no mesmo espaço físico. Para o autor, aquelas presentes são tratadas de forma diferente das ausentes:

Pessoas que se tratam com atenção quando estão face a face não demonstram, a maior parte das vezes, a mínima consideração uma pela outra, quando se encontram em situações em que a origem dos actos de despossessão não pode ser imediata e incontestavelmente identificada pela pessoa atingida (GOFFMAN, 1999, p. 107).

Dessa forma, Goffman (1999) define que a interação social apenas se desenvolve em situações sociais nas quais dois ou mais indivíduos estão presentes fisicamente para fornecer respostas. Para ele, o telefone e o correio apenas ofertam versões reduzidas de uma situação real, pois a condição humana requer que a presença do outro esteja inserida em nossa vida cotidiana, sendo a relação face a face uma das pré-condições universais da vida social devido ao seu caráter “indicador” e “promissório”:

Não se trata apenas do facto (sic) da nossa aparência e as nossas maneiras darem indicações sobre o nosso estatuto e as nossas relações. Acontece também que a linha da nossa atenção visual, a intensidade do nosso envolvimento e a forma das nossas acções (sic) iniciais permitem aos outros adivinhar a nossa intenção imediata e o nosso objetivo, e tudo isto independentemente do facto (sic) de estarmos ou não envolvidos numa conversa verbal com eles (GOFFMAN, 1999, p. 198).

Nesse contexto de transformação de práticas sociais, o pensamento de Goffman se torna relevante para compreendermos a ordem interacional que está pautando as novas relações originadas com o uso exponencial das tecnologias, principalmente o *smartphone*. O caráter dramático e as interações face a face pesquisadas pelo sociólogo nos fornecem possibilidades de problematizar como se dá o processo de interação entre os jovens que fazem parte desta pesquisa.



Para compreendermos como se dá a interação presencial e a mediada pelo *smartphone* entre os jovens ilhéus, questionamos se eles acreditam haver diferença entre conversar pelo celular e presencialmente. A entrevistada Rayane relata que há diferença:

Porque quando tu tá olhando pra pessoa, tu vê a reação dela, a expressão, às vezes a gente tem mais coragem de falar por mensagem do que face a face. Mas eu acho que é melhor falar pessoalmente, muito melhor, porque às vezes a gente tá com saudade de alguém e só escreve, podendo estar pertinho também. Se falasse com uma pessoa só pelo *Whatsapp* ia sentir falta dela, claro, porque eu queria que ela tivesse perto de mim. Ia sentir falta com certeza.

Enquanto Rayane respondia às perguntas na cozinha de sua casa, a irmã, Joice, ouvia a entrevista da porta da cozinha e balançava a cabeça, em sinal negativo. “Discordo totalmente da Rayane”, exclamou. “Claro, ela é menos sentimental, não sente falta de ninguém”, brincou Rayane. A partir das entrevistas realizadas, percebemos que alguns dos jovens não demonstram sentir falta do contato face a face. Ao ser perguntada sobre como se dava a interação presencial e pelo *Whatsapp*, Joice afirmou que acredita ser melhor estar com amigos pelo aplicativo de mensagens:

Acho que pelo *Whatsapp* é melhor pra estar com os amigos, porque tu tá conversando com eles, aí tu não tá vendo eles, eu acho que é melhor, mais interessante. Acho que não tem tanto assunto quando tô vendo eles. Quando tu tá no *Whatsapp*, tu manda mensagem pra cada um, aí tu começa a conversar com um, com outro, aí fica mais importante. Aí com aquele amigo que tu não fala há um tempão, tu fica lá no *Whatsapp*. Tem uma diferença.

Quando questionada se sentia falta de falar presencialmente com os amigos, apenas quando conversava pelo *Whatsapp*, Joice relatou: “Na minha opinião não, eu já tô falando com ele por *Whatsapp*. É porque é muito difícil algum amigo meu vir pra cá [para a casa da jovem]. Eu acho melhor pelo celular mesmo”. O irmão de Joice, chamado Daniel, diz que não vê diferença entre falar pessoalmente e pelo aplicativo de conversa instantânea com os amigos: “É a mesma coisa. Eles falam muito do mesmo jeito”. Daniel também foi perguntado se sentia falta de conversar presencialmente com os amigos que interage pelo *smartphone* e respondeu que não: “Só falando pelo *Whatsapp* tá bom”.

A jovem Vanessa, por sua vez, afirmou que não há diferença entre falar pelo aplicativo de conversas e conversar face a face com os amigos, mas relatou que não é suficiente interagir pelo *Whatsapp*: “porque pra se aproximar das pessoas não é só Internet, tem todo o afeto, carinho com as pessoas que a gente gosta, ou seja, com nossos amigos, com familiares, tem tudo isso”.

O entrevistado Evanilson acredita que conversar pelo *Whatsapp* “é a mesma coisa” que falar face a face, e diz que prefere trocar mensagens pelo aplicativo. “Quando falo pelo *Whatsapp*, não faço muita questão de ver eles, não. Acho que falar assim [presencialmente] tem a timidez, né, isso atrapalha um bocado, já pela Internet tu conversa bacana sem tá olhando pro rosto da pessoa, né?!”.

Conforme Goffman (1999), quando estão em presença mútua, os indivíduos vão de encontro aos seus limites pessoais, tornam-se vulneráveis aos objetos que trazem consigo, assim como às suas palavras e demonstrações corporais - desempenhadas e lidas a todo momento pelos atores sociais -, que penetram na estrutura psíquica.

De fato, em relações face a face nos expomos a riscos que podem ser premeditados e desviados quando a interação ocorre por meio de aparatos tecnológicos. Ao usar o *smartphone*, por exemplo, nossas palavras podem ser meticulosamente pensadas em uma troca de mensagens de texto e a timidez passa a ser contornada. O caráter afetivo dos indivíduos também tem sido diretamente interferido pelas tecnologias, produzindo uma ideia de liquefação da intersubjetividade<sup>27</sup>.

Para discorrermos acerca das tecnologias de informação e comunicação que vêm integrando as dinâmicas econômicas e culturais da sociedade, é essencial que sejam expostos alguns horizontes conceituais para melhor esclarecermos as relações entre meios e comunicação.

## 2.5 Comunicação e tecnologia

O sociólogo francês Louis Quéré (1991) ressalta que a análise dos fenômenos sociais a partir do aspecto da comunicação tem uma trajetória que integra desde o pragmatismo americano, o interacionismo simbólico até o estruturalismo. Mas, segundo o autor, houve um

---

<sup>27</sup> Por meio TICs, passou a ser mais prático até mesmo terminar uma relação amorosa e se esquivar do peso de uma ruptura presencial. Esse fato pôde ser notado em uma pesquisa realizada pela psicóloga Helen Elizabeth Haste, que atua como professora nas Universidades de Harvard e Bath. O estudo envolveu 687 jovens de 11 a 21 anos e detectou vários aspectos de suas relações sociais, um deles foi relacionado aos conflitos amorosos. Quando perguntados sobre o uso de diferentes formas de tecnologia para discutir ou terminar um relacionamento, 33% deles afirmaram se sentir confortável ao finalizar a relação amorosa por meio de mensagem de texto, e 31% através de uma conversa telefônica. A pesquisa foi realizada em 2004, período em que ainda não havia uma distribuição massiva de *smartphones* e está disponível em: <<https://www.ipsos-mori.com/Assets/Docs/Archive/Polls/nestlesrp3.pdf>>. Atualmente, essa tendência tem se mostrado mais presente, como enfatiza reportagem publicada no *website* do jornal Folha de São Paulo, intitulada “‘Meu namoro de 4 anos terminou por Whatsapp’; veja casos de fim virtual”, disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2015/07/1655326-meu-namoro-de-4-anos-terminou-por-whatsapp-veja-casos-de-fim-virtual.shtml>>.

aprofundamento da abordagem comunicacional nas últimas décadas, com os estudos da fenomenologia, hermenêutica e da análise wittgensteiniana da linguagem.

Quéré (1991) discorre sobre a mudança de paradigma que fixou duas grandes concepções opostas da comunicação: a epistemológica e a praxiológica. A primeira, herdada do século XVII e também denominada esquema informacional da comunicação, está centrada na racionalidade da produção e transferência de conhecimentos sobre o mundo e as pessoas, a partir de um esquema de representação. Com relação a este esquema representacionista, o sociólogo aponta algumas características que o constituem. Destacamos algumas delas: a necessidade de difusão e recepção de representações do mundo real que estão no espírito, na forma do pensamento - assim, conhecer seria representar de forma adequada o que está no espírito; a crença de que a comunicação significa suscitar no destinatário representações ou ideias semelhantes das pertencentes ao remetente da mensagem; e o tratamento da comunicação como transmissão de informações intencionais.

Assim, para o modelo informacional, a comunicação seria um desafio cognitivo que contribui para transformar a cognição dos agentes sociais. A vertente praxiológica, por sua vez, vale-se de um esquema de constituição de um mundo comum por meio da ação. Quéré (1991, p.6) argumenta que:

A ideia fundamental é então que a comunicação é não um processo no qual os estados intencionais são previamente providos de suas determinações, onde os fatos e as hipóteses (representações de um mundo real pré-definido) tornam-se mutuamente manifestos, mas uma atividade conjunta de construção de uma perspectiva comum, de um ponto de vista compartilhado, como base de inferência e de ação. Em particular, esta perspectiva comum permite aos parceiros especificar o modo pelo qual eles se relacionam temporariamente uns com os outros e com o mundo, e então, construir, de maneira coordenada e de acordo com o modo do “sentido encarnado”, aquilo que eles tornam a si mesmos manifesto ou sensível na interação: a saber, uma maneira de se ligar, uma estrutura de expectativas recíprocas, um mundo e um horizonte comuns, e seguramente um conteúdo de comunicação.

Para o modelo praxiológico, a comunicação é justamente o ato de modelar em conjunto uma perspectiva comum, o que não significa que os pensamentos compartilhados precisem ser uniformes, e sim que haja uma construção de um lugar comum na relação entre sujeitos, e entre eles e o mundo. Dessa forma, baseia-se em uma organização de perspectivas compartilhadas, sem a qual, segundo Quéré, nenhuma interação é possível, “e não mais simplesmente [em] um cálculo de representações ou de estados a partir de índices” (QUÉRÉ, 1991, p.7).

Quéré evoca a teoria de George Herbert Mead para discorrer sobre a relação comunicacional. Mead foi a figura central da Escola de Chicago. Influenciado pelas ideias do

pragmatismo, estudou as formas de ação nas quais apenas a atenção aos objetos do ambiente não são suficientes para garantir o êxito na continuidade da ação (JOAS, 1999). Conforme Hans Joas (1999), Mead observou que, em situações sociais, os agentes são fontes de estímulo para os demais, então, precisam permanecer atentos às formas de ação, já que provocam reações e, assim, suas ações ganham continuidade. Neste tipo de ação, o autor chama a atenção não somente para a consciência, mas também a autoconsciência: “Mead desenvolveu as condições da possibilidade de auto-reflexividade a partir de uma teoria das origens da comunicação e sociabilidade humanas” (JOAS, 1999, p.139).

Em artigos escritos, aproximadamente, em 1910, Mead desenvolveu os fundamentos da teoria da interação simbolicamente mediada e se destacou por abordar questões relativas ao domínio dos problemas cognitivos, abarcando as condições de interação simbólica e da auto-reflexão (JOAS, 1999). De forma pioneira, Mead tematizou sobre “o espírito, o ser e a sociedade” para abordar temas da comunicação, opondo-se à ideia de que os agentes sociais reagem a estímulos pré-definidos.

O autor Quéré salienta que, conforme Mead, os agentes “produzem estímulos organizando seu ambiente por um trabalho de seleção e qualificação a partir de uma perspectiva determinada. Esta perspectiva resulta por sua vez da intencionalidade do curso da ação e de uma organização social de pontos de vista” (QUÉRÉ, 1991, p.15). Assim que são constituídos, os estímulos suscitam respostas pessoais ligadas às capacidades e disposições da ação já incorporadas no organismo. Quando ocorre uma atualização destas capacidades e disposições, há a mediação por meio de um controle reflexivo do agente, denominado “self”.

Dessa maneira, podemos compreender a teoria de Mead a partir do “conhecimento [que] tem como sítio natural a ação; ela é um componente essencial de uma atividade organizante, pela qual são determinadas, recíproca e simultaneamente, o sujeito e o objeto, o ambiente da ação e os sujeitos entre eles” (QUÉRÉ, 1991, p. 15).

Para Mead, o processo de pensamento ou reflexão utilizado para controlar uma ação retorna para o sujeito, estabelecendo uma relação de consciência do agente com ele próprio, que, na visão do autor, já tem uma natureza comunicacional.

Essa ação consiste em adotar o ponto de vista do outro sobre si, seja a do outro particular com quem se interage, ou do outro generalizado acessível pela imaginação. Este ponto de vista do outro generalizado não é mais do que uma organização social de perspectivas interdependentes, no qual a mais fundamental é aquela da comunidade de comunicação. Para Mead, como para todos os pragmatistas, é em uma intersubjetividade prática (primado da ação e da comunidade de comunicação) que são fundadas a objetividade e subjetividade, a individualidade e a sociabilidade (QUÉRÉ, 1991, p.15).

Assim, faz-se necessário discorrermos sobre o conceito de comunicação. O autor Dominique Wolton (2006) acredita que a comunicação é a busca da relação e do compartilhamento com o outro e está presente em variadas atividades do meio social: lazer, trabalho, educação. Representa, ao mesmo tempo, a liberdade, democracia, emancipação e modernidade. Para o autor, comunicar significa se expressar, mas não apenas isso, também demanda uma segunda condição: saber se a outra pessoa está ouvindo e se está interessada no que ouve. Assim, a expressão seria o primeiro tempo da comunicação, e a construção da relação seria o segundo tempo.

Na visão de Wolton, quanto mais as técnicas possibilitam a expressão, mais o retorno, o *feedback*, torna-se essencial. Ele destaca que os receptores das mensagens estão mais presentes, mas cada vez mais diferentes e exigentes em suas identidades, estilos e vocábulos. Dessa forma, a comunicação estaria na relação entre o eu e o outro, entre o eu e o mundo, mas também teria uma perspectiva ontológica e antropológica. Para o pensador francês, há três campos na comunicação que precisam ser considerados: o técnico (o mais visível), a economia e o que considera a dimensão social e cultural da comunicação, o mais importante ao longo do tempo, segundo o autor.

Wolton atenta para as diferenças existentes no uso das técnicas. “Não nos comunicamos do mesmo modo no Norte e no Sul, no Oriente e no Ocidente. Se as ferramentas são idênticas, os modelos culturais e sociais são diferentes” (WOLTON, 2006, p.17). Para o autor, enquanto havia poucas mensagens e técnicas rudimentares, a mensagem e os processos de comunicação eram mais “conectados”. No contexto de progresso técnico que vivemos na atualidade, o autor ressalta que as pessoas “se comunicam” bem mais facilmente que no passado, fazem trocas com maior facilidade, o que não quer dizer que haja uma intercompreensão proporcional à eficácia das técnicas. E essa “eficácia” observada por Wolton é relacionada aos códigos culturais: “Quanto mais códigos culturais comuns existirem entre os parceiros, mais se torna possível o compartilhamento” (WOLTON, 2006, p. 18).

Mesmo considerando a visão crítica de Wolton com relação às técnicas, percebemos que os jovens articulam o *smartphone* à comunicação, já que este aparato tecnológico representa uma maior possibilidade de interação com os amigos. Wolton assegura que, mais do que a Internet ou o computador, é o telefone celular que simboliza melhor a revolução da comunicação que envolve sempre o outro. “Este sucesso inédito, imprevisível em 1990 e hoje mundial, com mais de 1,7 bilhões de telefones celulares, lembra que *o principal da*

*comunicação humana é a troca individual* – que, neste caso, passa pela voz” (WOLTON, 2006, p.13, grifo nosso).

Saber usar as técnicas é, conforme Wolton (2006, p. 14), equivalente à emancipação e maior igualdade social para milhões de pessoas:

Posso, sei fazer, sou o senhor (em parte) de minhas relações e da relação com o mundo. Este domínio e este uso são valorizadores, tanto mais porque muito frequentemente dizem respeito àqueles que têm o sentimento de serem excluídos da sociedade.

Wolton (2006, p.14) afirma que a comunicação é “direito de cada um, uma espécie de serviço público da vida”. Quando perguntados sobre o que gostariam que houvesse em Murutucu, muitos dos jovens entrevistados não citaram serviços públicos como saneamento básico e distribuição de água potável, que inexistem na ilha, e sim a necessidade de ter uma área telefônica melhor para o acesso à Internet por meio do celular.

Para os jovens de Murutucu, comunicação é sinônimo de interação e está sempre relacionada ao uso do aparelho celular, como refletem os depoimentos a seguir: “Pra mim, o celular é bom pra comunicação” (Cléo); “O celular tem uma importância muito grande, porque não tem nem como explicar, que a comunicação é mais fácil, os amigos a gente não pode ver, mas tá falando pelo celular. Tudo se resume à comunicação” (Ana); “O celular me ajuda bastante para fazer trabalhos da faculdade e me ajuda a comunicar com a minha mãe, que fica de manhã e à tarde para Belém e eu só encontro à noite” (Joice).

É importante ressaltar que, no caso dos jovens de Murutucu que vivenciam um trânsito entre esses dois espaços, ou pelas particularidades da ilha em que vivem, o *smartphone* representa aproximação, interligação e interação com aqueles que se encontram distantes fisicamente. Ou seja, mesmo vivendo no mesmo espaço físico, considerando as configurações de Murutucu, o celular é o que relaciona os jovens com os outros indivíduos.

Porém, o acesso dos jovens ilhéus à área telefônica não ocorre de forma igual em todos os locais da ilha. Jéssica, por exemplo, reside com a irmã Cléo em uma casa situada ao sul de Murutucu, de frente para o rio Bijogó, e devido à localização ser mais afastada, o sinal da operadora de celular não tem potência suficiente para a navegação na web. A moradia das jovens foi a única que não captava o sinal da Internet em nenhum compartimento.

Nos momentos em que está na ilha e não tem a possibilidade de acessar o ambiente virtual, Jéssica relatou que gosta de tomar banho no rio, assistir à televisão e ouvir música no celular. De acordo com Cléo, quando ela e a irmã querem utilizar a Internet, vão à casa do avô, que mora do outro lado do rio Bijogó, “porque na ponte dele dá área”. Para pesquisar trabalhos



da faculdade, as irmãs costumam ir a um local, situado no Porto da Palha, que oferece pesquisa, impressão e cópia de documentos, serviços feitos apenas pela proprietária do estabelecimento. Portanto, o local não se configura como uma *lan house*, pois quem realiza as pesquisas no computador não são os jovens. A maioria dos entrevistados afirmou utilizar o mesmo ponto para procurar informações online e imprimir trabalhos escolares. Podemos visualizar o estabelecimento a seguir (Figura 31).



**Figura 31** - Estabelecimento utilizado para pesquisas dos jovens (Foto: Monique Igreja)

Constatamos a demarcação de diferenças entre o uso do celular e do computador nos depoimentos de alguns jovens: o celular é relacionado à interação com os amigos, já o computador ganha um cunho mais escolar. Os jovens que indicaram essa diferença apontaram a tela reduzida, a lentidão da Internet e a impossibilidade de escrever texto como dificuldades do celular. “O computador é melhor, porque às vezes a Internet do celular não ajuda, no computador é mais rápido. Só uso o cyber pra imprimir, pra pesquisa normal uso o celular e copio no caderno. Mesmo assim, ainda acho o computador melhor pra pesquisas”. Já outros entrevistados, como a jovem Thays, relatam fazer os trabalhos escolares no próprio *smartphone*: “No computador é mais rápido, mas a maioria dos trabalhos eu faço no celular. Quando é pra imprimir eu pesquiso na escola, mas quando não precisa, eu bato print<sup>28</sup>”.

---

<sup>28</sup> Print screen é uma tecla presente em computadores que permite a captura da tela ativa no monitor. A função também é disponibilizada nos smartphones, para os usuários “fotografarem” a imagem atual da tela de navegação.

Nesse contexto, percebemos que uso do *smartphone* gera novas práticas entre os jovens. Seja para o auxílio dos trabalhos escolares ou com a finalidade de conversar com os amigos, o aparelho atua como verdadeira extensão, inserindo-os em uma realidade mediada.

## 2.6 Realidade mediada

Durante a maior parte da história humana, a comunicação foi pautada pela relação face a face. As interações eram tecidas, em sua maioria, devido à aproximação e ao intercâmbio de formas simbólicas – ações que necessitavam de um mesmo espaço físico para serem compartilhadas. A sobrevivência das tradições orais era marcada por um contínuo processo de renovação, por meio de histórias e atividades relatadas no contexto face a face. “As tradições eram também relativamente restritas em termos de alcance geográfico, pois sua transmissão dependia da interação face a face e do deslocamento físico de indivíduos de um ambiente para outro” (THOMPSON, 2012, p. 119).

A utilização de meios técnicos pauta a interação considerada mediada, conforme o sociólogo John B. Thompson (2012), que envolve meios técnicos como papel, fios elétricos e ondas eletromagnéticas e permite que a informação e o conteúdo simbólico sejam transmitidos a indivíduos situados de forma remota no espaço, no tempo, ou em ambos. Dessa forma, os agentes sociais não compartilham da mesma referência espacial e temporal e não podem presumir que os outros sujeitos entenderão expressões denotativas.

Eles devem sempre atentar para o montante de informações contextuais que devem ser incluídas no intercâmbio – por exemplo, a localização e a data no cabeçalho de uma carta, a identificação inicial em uma conversa telefônica (THOMPSON, 2012, p. 121).

Niklas Luhmann (2005) afirma que as tecnologias de difusão de informações são formas de diferenciação autofortificada de um sistema dos meios de comunicação, já que poupam e excluem a interação direta entre as pessoas. Para Luhmann (2005), a escrita, de forma isolada, não teve essa consequência, pois, inicialmente, servia de apoio à memória para a comunicação oral. Apenas a partir da impressão de livros é que se tornou impossível uma interação oral e visual que envolvesse todos os participantes.

Com a interposição da técnica, a interação entre emissor e receptor ficou impossibilitada de ocorrer de uma forma direta. Essa interposição é relacionada por Luhmann (2005) com o conceito de meios de comunicação. Luhmann afirma que os meios de comunicação devem ser compreendidos como instituições da sociedade que utilizam meios técnicos de reprodução com

o intuito de difundir a comunicação. O autor reforça que o conceito de meios de comunicação está estreitamente relacionado à interposição da técnica, que impossibilita que a interação entre emissor e receptor se dê de forma direta.

Ao refletir sobre como o desenvolvimento dos meios de comunicação interferiu nos padrões tradicionais de interação social, Luhmann (2005) considera que eles criaram novas formas de interação pela mudança na ação social, como também novas maneiras de relacionamentos sociais, que passaram a se dissociar dos padrões de espaço e tempo. Fator que ocorreu na passagem da sociedade de massa para a pós massiva.

Com a revolução industrial do século XIX, houve o surgimento da sociedade de massa, que incentivou o estabelecimento de uma economia de mercado, o crescimento da classe operária, da aglomeração urbana e a origem tardia de uma sociedade de consumo, após variadas lutas sociais e duas guerras mundiais. As máquinas, multidões e cidades envolviam um fascínio pelo aclamado progresso, porém, resultaram em uma crise do laço social, com indivíduos submetidos a novas condições de vida que fragilizaram os laços primários, ligados à família, assim como tradições, pertinência religiosa e social (BORELLI; PEREIRA, 2014).

Borelli e Pereira (2014) observam que, nesse contexto, há um envolvimento das camadas populares que chegavam do campo com aspectos de consumo e da cultura hegemônica, que corrobora para a elaboração de teorias conservadoras elitistas destinadas a compreender o comportamento das massas e desenvolver formas de discipliná-las. As primeiras décadas do século XX foram dominadas por visões pessimistas sobre as massas, consideradas a partir da ideia de uniformização, irracionalidade e multidão, ideias estas que interferiram na forma de pensar os conteúdos das mensagens reproduzidas pelo rádio, jornais, publicidade e TV da época. Assim, valores, comportamentos e bens simbólicos inseridos nas mensagens produzidas pelos meios de comunicação passam a alcançar um alto número de pessoas e tornam-se centrais para a fixação de uma cultura de massa, que desencadeia mudanças nas formas de comunicação.

Martín-Barbero (2009) ressalta que, em 1930, a difusão do rádio passou a mediar tradição e modernidade, permitindo conectar o que vem das culturas camponesas com o mundo da sensibilidade urbana. A partir do surgimento da televisão, no final da década de 1950, o novo meio de comunicação cria e engendra uma nova dinâmica cultural. Com o advento da Internet, esse processo foi potencializado - houve a proveniência de uma sociedade da informação, que passou a ter acesso a variados suportes de interação, que influenciam de forma direta os processos comunicativos.

As chamadas novas tecnologias<sup>29</sup> de comunicação e informação surgiram em 1975, por meio da fusão da informática com as telecomunicações analógicas, permitindo que diversos formatos de mensagens fossem veiculados em um mesmo suporte, o computador. (LEMOS, 2013). Portanto, houve a passagem dos *mass media* (TV, rádio, imprensa, cinema) de funções massivas<sup>30</sup> para maneiras interativas, personalizáveis, que estimularam o consumo e a individualizadas de produção, difusão e estoque de informações, desenvolvendo funções “pós-massivas” (LEMOS; LÉVY, 2010).

As chamadas ‘novas mídias’, como a Internet, os telefones celulares, os microcomputadores, assim como os *softwares*, agentes e inúmeras ferramentas de comunicação, podem desempenhar funções não centralizadoras ou simplesmente massivas, mas abertas, colaborativas, interativas, distributivas (LEMOS; LÉVY, p. 47, 2010).

Lemos e Lévy (2010) ressaltam que não há uma substituição da indústria cultural de massa para a pós-massiva, e sim uma reconfiguração, na qual ainda existe o modelo “um para todos” das mídias massivas, mas a perspectiva “todos para todos” das mídias digitais e telemáticas tende a aumentar.

Para Castells (2009), as redes de comunicação digital se tornaram a “espinha dorsal” da vida em sociedade. A comunicação tem modificado profundamente a forma que as relações de poder operam devido ao advento das redes e às mudanças relacionadas às organizações e culturas. A mais importante transformação da comunicação dos últimos anos foi, para o autor, justamente a transferência da *mass communication* (comunicação de massa) para a *mass self communication* (autocomunicação de massa). O autor define o conceito de *mass self communication* como um processo de comunicação interativa que pode alcançar potencialmente uma audiência de massas, entretanto, a produção das mensagens é autogerada, a recuperação de mensagens é autodirecionada e a recepção de conteúdos gerados pelas redes de comunicação eletrônicas é auto-selecionada. A autocomunicação se tornou possível devido à Internet e às redes de comunicação móvel, que permitiram o desenvolvimento de uma comunicação descentralizada.

---

<sup>29</sup> Lemos (2013, p. 93) destaca que o adjetivo “novo” é de certa forma “abusivo”, devido à sua conotação ideológica: “parece-nos que esse adjetivo vem carregado de promessas de uma nova era tecnológica substancialmente diferente das ‘antigas’”.

<sup>30</sup> Os autores Lemos e Lévy (2010, p. 48) observam que as funções massivas são caracterizadas por terem: “[...] um fluxo centralizado de informação com o controle editorial do polo de emissão por grandes empresas em processo de competição, financiadas pela publicidade [...]. As mídias de função massiva são centradas na maioria dos casos em um território geográfico nacional (ou local) desempenhando o papel político de formação do público e da opinião pública”.

Esse novo modo de interação possibilitado pela flexibilidade das tecnologias digitais seria híbrido, multimidiático, formado por uma junção de aspectos da comunicação massiva, que opera no modo “um para todos” e tem a mensagem pautada a partir do polo emissor, assim como levaria em consideração uma rede de comunicação horizontal e interpessoal, centrada no formato dialógico e circular.

[...] horizontal networks of communication and traditional forms of unidirectional communications, such as television, radio and the print press are increasingly mixed, forming a hybrid communication system that uses the flexibility of digital technology to move from a unified, generic ‘hypertext’ to a diversified, individualized ‘mytext’ (my hypertext, my prime time, my self-selected composite of images and words) (CASTELLS, 2009, p.20)<sup>31</sup>.

Nesse contexto, uma nova forma de comunicação se constitui com a mudança do polo emissor, que passa a atuar na rede telemática de comunicação digital. A Internet possibilitou que todos os indivíduos pudessem ter sua publicidade pessoal, ao terem suas fotos, pensamentos e rotinas publicadas a qualquer momento em blogs e redes sociais<sup>32</sup>, o que não poderia ocorrer por meio das chamadas mídias de massa tradicionais. Apesar dessa transformação, Castells (2009) também atenta para o fato de ainda haver uma comunicação de massa no mundo, o que não significa que os receptores de mensagens foram ou ainda são passivos, pois eles interpretam mensagens com suas próprias categorias e percepções, e não necessariamente extraem as conclusões que os receptores da mensagem pretendiam. No entanto, os materiais trabalhados por indivíduos, em uma escala social, como imagens, sons e textos, são processados pelos meios de comunicação massa, que estão sob o controle de proprietários e burocratas. Essa lógica vem sendo quebrada pela comunicação horizontal, o que não significa que os usuários se tornaram totalmente independentes da comunicação massiva.

Com a ampliação da computação móvel e das novas tecnologias sem fio, o acesso à Internet, que era constituído pela presença de cabos, passa a ser estabelecido sem fio e se

---

<sup>31</sup> “[...] Redes horizontais de comunicação e formas tradicionais de comunicação unidirecional, como a televisão, o rádio e a imprensa estão cada vez mais misturados, formando um sistema de comunicação híbrida que usa a flexibilidade da tecnologia digital para se deslocar de um sistema unificado, genérico, ‘hipertextual’, a uma diversificada, individualizada ‘meu texto’ (meu hipertexto, meu horário nobre, meu compósito auto selecionado de imagens e palavras) (CASTELLS, 2009, p.20, tradução nossa).

<sup>32</sup> A Rede social é definida por Recuero (2009) como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Dessa forma, por meio de uma rede, podemos observar os padrões de conexão de um grupo social, conforme as conexões tecidas entre os variados atores. Uma rede social online é caracterizada como “uma presença do ‘eu’ no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. Essa individualização dessa expressão, de alguém ‘que fala’ através desse espaço é que permite que as redes sociais sejam expressas na Internet” (RECUERO, 2009, p.27).

expande para *smartphones*, fator que impulsiona a mobilidade nas relações sociais. A rápida propagação de acessos móveis e sem fios conferiu à Internet o status de ubíqua. Por meio da nova fase de desenvolvimento da informática, o acesso ao ciberespaço se integra aos dispositivos móveis, bem como a ambientes urbanos e infraestruturas de transporte. Essa incorporação possibilita que as interfaces de comunicação, captadores e órgãos de controle eletrônico das máquinas e objetos sejam interconectados sem fios, em tempo real (LÉVY, 2010).

Portanto, de suporte técnico ou tecnológico, o *smartphone* se torna uma importante mídia na vida dos jovens. Na visão de Hjarvard (2012), uma mídia corresponde aos meios para a comunicação, que articula um intercâmbio de significado entre duas ou mais partes. Assim, fica inviável considerarmos a mídia como algo separado da cultura e da sociedade, como observa Hjarvard (2012, p.54-55): “Ela é, ao mesmo tempo, parte do tecido da sociedade e da cultura e uma instituição independente que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais e coordena sua interação mútua”. Lembramos que as discussões tecidas pelo autor dinamarquês têm como cenário países altamente industrializados, entretanto, percebemos que em algumas localidades, como Murutucu, há uma alta centralidade da mídia (celulares) e que as relações passam a ser atravessadas e apropriadas pelos sujeitos a partir da midiaticização.

A midiaticização é definida por Hjarvard como um conceito central para compreendermos a importância intensa e mutante da mídia na cultura e na sociedade. Acreditamos que tal conceito nos ajuda a problematizar a inserção do *smartphone* nas interações dos jovens de Murutucu. O autor considera como midiaticização da sociedade o processo pelo qual “a sociedade, em um grau cada vez maior, está submetida a ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica” (HJARVARD, 2012, p.64).

Com isso, conforme Hjarvard, uma dualidade se faz presente: a integração dos meios de comunicação às operações de outras instituições sociais, ao mesmo tempo em que adquirem o status de instituições sociais em pleno direito. Ele apresenta como consequência da midiaticização a interação social realizada através dos meios de comunicação e discorre sobre o termo “lógica da mídia”, ligado ao modo de operação institucional, estético e tecnológico dos meios, que inclui as formas de distribuição de recursos materiais e simbólicos - que interferem no formato adquirido pela comunicação -, a natureza e as relações sociais.

A midiaticização é dividida por Hjarvard nas formas direta (forte) e indireta (fraca). Ambas são importantes, mas estabelecem relações diferentes na sociedade. A primeira se dá quando uma atividade não mediada passa a ser mediada, então, ocorre a partir da interação com um meio. Como exemplo, é abordada a transformação física do jogo de xadrez para uma versão



eletrônica, disponível no computador. Por meio de um *software*, a presença física dos participantes não se torna mais necessária. A mediação indireta, por sua vez, desenvolve-se a partir do momento em que uma atividade é cada vez mais influenciada pelos símbolos ou mecanismos midiáticos, no que tange sua forma, conteúdo ou organização. Por exemplo, Hjarvard cita a exposição de filmes ou animações em restaurantes de hambúrguer, onde os clientes ficam envolvidos pelo *merchandising* e é criado todo um contexto cultural relacionado à alimentação.

Ao abordarmos a mediação, além dos aspectos inseridos na atualidade, é importante considerarmos a sua perspectiva histórica. O filósofo argentino Eliseo Verón (2014, p.14) destaca que a mediação é o resultado de uma dimensão nuclear da espécie biológica, especificamente, de sua capacidade de semiose:

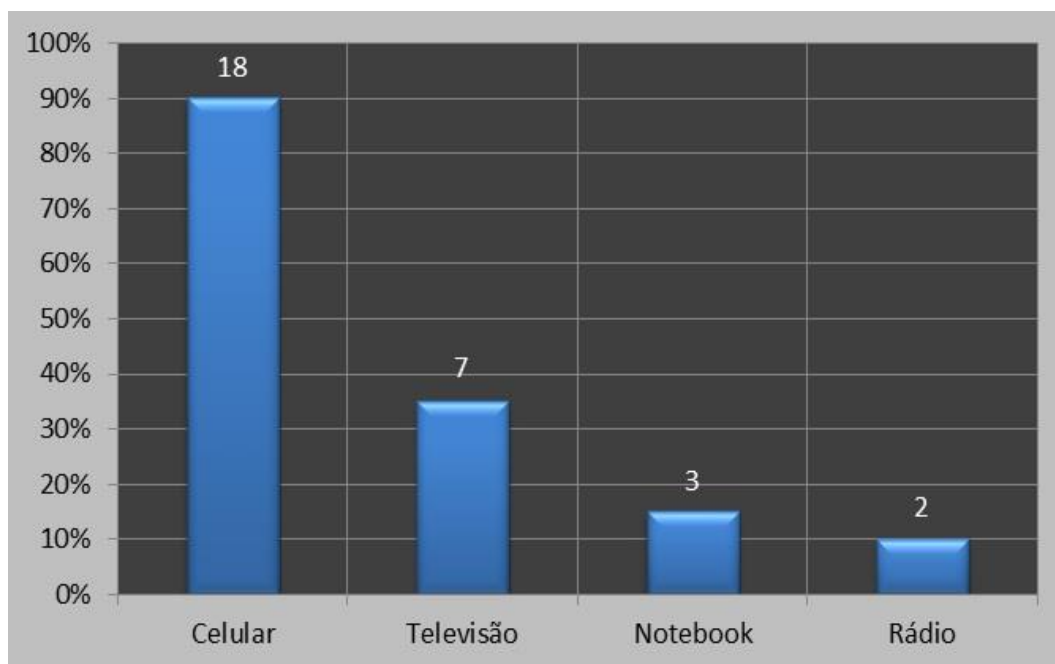
Essa capacidade foi progressivamente ativada, por diversas razões, em uma variedade de contextos históricos e tem, portanto, tomado diferentes formas. Entretanto, algumas das consequências estiveram presentes em nossa história evolucionária desde o início e afetaram profundamente a organização das sociedades ocidentais muito antes da modernidade.

Conforme Verón (2014), a capacidade de semiose da espécie humana se expressaria na produção de fenômenos midiáticos - apresentado como a exteriorização dos processos mentais na forma de dispositivos materiais -, que teve seu primeiro estágio com a produção de ferramentas de pedra, há dois milhões e meio de anos. A mediação seria, portanto, uma denominação que incorpora a longa sequência de fenômenos midiáticos institucionalizados na sociedade, tais como: a ascensão da escrita, o nascimento do livro, a revolução da imprensa, a ascensão dos jornais, até o surgimento de dispositivos técnicos que produzem imagens e sons, enquadrando e sequenciando o tempo.

A origem da mediação em cada momento histórico corresponde, a partir do pensamento de Verón (2014), à adoção de um dispositivo técnico-comunicacional, que teve seu uso estabilizado em comunidades humanas. Dessa forma, podemos relacionar o *smartphone* como o dispositivo técnico-comunicacional mais adotado na cultura contemporânea. O aparelho corresponde a uma maneira de mediação direta, ao permitir que a conversa, antes possível apenas presencialmente, possa ocorrer de uma forma mediada, configurando formas de uso diversificadas e exercendo um papel fundamental na ampliação das interações sociais. O consumo da mídia se dá por meio da televisão, Internet e rádio, já que os jornais impressos da capital não são distribuídos em Murutucu.

Na pesquisa realizada com os jovens ilhéus, observamos que o significado dos meios de comunicação foi reconfigurado com o uso dos *smartphones*. No questionário aplicado aos entrevistados, uma das questões indagava quais os meios de comunicação que havia na casa dos jovens. A grande maioria deles (18 dos 20 entrevistados) indicou ter celular, 7 afirmaram possuir aparelho de televisão, 3 responderam ter notebook e apenas 2 afirmaram possuir rádio, como visualizamos no Gráfico 02.

**Gráfico 02** – Meios de comunicação identificados pelos entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora

Por meio dessa pergunta, foi possível constatar que a maior parte dos entrevistados relaciona como meio de comunicação o celular. Um caso interessante foi o dos jovens Jéssica, Cléo, Thays, Caroline, Walter e Daniel, os quais responderam o questionário na própria residência. Observamos que na sala de estar de todos havia aparelho de televisão, porém, eles não relacionaram este aparelho como meio de comunicação. Na sala de Thays, a televisão dividia espaço com o aparelho de som e cestas de açaí, que havia acabado de ser colhido por seu padrasto, configurando uma cena peculiar da Amazônia (Figura 32).



**Figura 32** - Cestas de açaí dividem espaço com a televisão na sala de Thays  
(Foto: Monique Igreja)

A jovem Rayane foi entrevistada na residência dos irmãos, Daniel e Joice. Ela foi uma das jovens que respondeu que possuía apenas o celular, quando indagada sobre os meios de comunicação que havia em sua residência. Após sua resposta, perguntamos se ela tinha televisão em casa e a resposta foi afirmativa. Então, questionamos por que a jovem considerava apenas o celular um meio de comunicação. Ela lembrou do aparelho e rapidamente mudou sua resposta: “Eu acho que a televisão é um meio de comunicação, sim”. Para a jovem, um meio de comunicação significa “ver o que tá acontecendo em outros lugares distantes, é poder falar com alguém distante”. Quando perguntada se acreditava haver diferença entre o celular e a televisão, Rayane afirmou:

Acho que a televisão é um meio de comunicação, mas não é como o celular, porque o celular é mais importante do que a televisão. A televisão a gente não conversa, a gente não fala, a gente só vê o que tá acontecendo distante, acho que por isso o celular é mais importante.

O entrevistado Daniel foi taxativo ao ser perguntado sobre o que significava um meio de comunicação: “O meu celular. Se eu quiser falar com uma pessoa, aqui com ele [celular] eu posso falar, né?”. Para Daniel, o celular está mais avançado que a televisão: “A televisão ajuda, né? Mas com o celular a gente pode se comunicar. A TV só dá notícia, já o celular transmite a notícia e a gente pode transmitir também”.

Evanilson acredita que o significado de um meio de comunicação é “falar com a pessoa à distância”. Ele foi um dos jovens que identificou apenas o celular como meio de comunicação. Assim como Rayane, Evanilson mudou de resposta posteriormente, quando perguntado se via diferença entre a televisão e o celular:

Na verdade, a televisão é meio de comunicação sim, mas o celular é mais fácil, né? Por exemplo, pela televisão tu não podes falar com uma pessoa que tá do outro lado, o celular não, o celular você pode. Tem uma diferença. Se eu ficasse sem televisão, não sentiria tanta falta como se ficasse sem o celular.

A jovem Vanessa, por sua vez, relacionou os meios de comunicação com a palavra “atualidade” e afirmou que tanto o celular quanto a televisão são meios de comunicação, mas pontuou também a diferença entre eles:

Na televisão a gente apenas vê o que tá acontecendo, sabe o que tá acontecendo, no telefone não, a gente pode, além de saber das notícias, se comunicar, falar sobre um assunto, essas coisas [...] A gente pode fazer outras coisas, acessar a Internet, falar com outras pessoas, isso é mais importante.

Na visão de Joice, “um meio de comunicação é uma forma de saber as coisas que estão acontecendo no mundo todo”. A entrevistada foi a única a afirmar que a televisão era melhor que o celular.

Na televisão tem os jornais daqui de Belém, de fora de Belém, que falam do estado, essas coisas, e celular não mostra isso, a não ser que ele tenha televisão e tu queiras assistir. O celular serve pra gente se comunicar com outra pessoa que não esteja aqui, a gente liga pra saber da outra pessoa, pra isso a gente usa o celular. Pra televisão, mais vendo as reportagens, os acidentes, alguns casos que aconteceram. A televisão serve pra isso aí. Fulano não vai ligar pra dizer que aconteceu um acidente em Belém, pra falar: ‘aconteceu isso e aquilo’. Não vão ligar, mas a televisão vai mostrar aquilo, o repórter, essas coisas, tudinho pra fazer a matéria.

É interessante notar que, para a maioria dos jovens pesquisados, os meios de comunicação significam interação, e não informação. O celular se tornou um meio, na

concepção dos jovens, devido ao diálogo que possibilita. A televisão, por sua vez, ainda não permite o intercâmbio entre os espaços físicos e virtuais, fator que corrobora para que a maioria dos pesquisados não a considere um meio de comunicação, ou a relacione como atrasada, frente às inúmeras possibilidades de interação que o *smartphone* proporciona e devido ao fato de oferecer imediatividade e instantaneidade, vetores da mobilidade valorizados na sociedade da informação, na qual a rápida mobilidade é tida como ícone supremo (LEMOS, 2011).

## **2.7 A sociedade da informação e seus amplos contornos**

A mobilidade de pessoas, objetos, tecnologia e informação pauta novas práticas de sociabilidade e subjetividade nos tempos atuais. Lemos (2011) destaca três dimensões da mobilidade: do pensamento, física e informacional-virtual, que estão sempre produzindo efeitos umas sobre as outras. A mobilidade não é neutra, serve a estruturas de poder, pois permite o controle e monitoramento. Ela precisa ser vista como “potência de desempenho”, ao possibilitar um aumento de poderes, “pois quanto maior for a potência da mobilidade informacional-virtual, maiores serão a mobilidade física e o acesso a objetos e tecnologias” (LEMOS, 2011, p.17).

A mobilidade teve um processo histórico que decorreu primeiramente de um caráter tradicional, presente até o final do século XVIII, passando pelo territorial - com a origem do Estado-nação no século XIX -, o globalizado, com meios de transporte e comunicação do século XX, e o virtualizado de atualmente, executada por meio de dispositivos com conexão móvel e sem fio e redes telemáticas (Ibidem).

Lemos (2011) observa que as redes, o computador e celular têm criado uma nova espacialização, diferentes formas de territorializações e novos sentidos de lugar. O crescente intercâmbio entre mata, campo e cidade, articulado com as tecnologias, faz com que as três formas de mobilidade marquem profundamente a vida dos jovens de Murutucu e modifiquem as práticas sociais e modelos culturais compartilhados.

A sociedade passa por mudanças que não se limitam ao surgimento das chamadas novas tecnologias, e sim estão inseridas em um contexto mais amplo. Devido a isso, o sociólogo francês Alain Touraine apresenta a ideia de que as categorias sociais foram substituídas pelas culturais. Touraine defende que estamos vivendo uma mudança de paradigma, tanto na nossa representação coletiva quanto pessoal. Na concepção do autor, um paradigma não é apenas um instrumento usado pela ordem dominante, mas também a construção de defesas e críticas por parte do sujeito. “Todo paradigma é uma forma particular de apelo a uma ou outra representação daquilo que chamo de *sujeito* e que é a afirmação – cujas formas são variáveis – da libertação

e da capacidade dos seres humanos de criar-se e de transformar-se individual e coletivamente” (TOURAINÉ, p.13, 2007).

Touraine discorre sobre fatos relevantes que corroboraram para a criação da globalização<sup>33</sup>, dentre eles estão a mundialização de mercados, o crescimento de empresas transnacionais, a formação de redes e a difusão de bens culturais em uma sociedade de massa, “na qual os mesmos produtos materiais e culturais circulam em países com níveis de vida e tradições culturais muito diversos” (TOURAINÉ, 2007, p. 32). Mas, o autor destaca que a distribuição desses produtos não pode ser vista de uma forma padronizadora no consumo. Por meio do pensamento de Touraine, é possível fazer um link com o objeto central deste estudo. O *smartphone* se insere na vida dos jovens que moram na ilha de Murutucu, assim como daqueles residentes em Belém ou em qualquer outra cidade do mundo. Independente da realidade vivenciada, há a apropriação da tecnologia. Porém, os sentidos sociais provenientes do uso do aparelho são perfilados de maneira diferenciada.

O pensamento social adquiriu um relevante significado na análise de um novo tipo de sociedade, com contornos mais amplos que os da sociedade industrial, pós-industrial ou até mesmo da sociedade da informação, advinda do desenvolvimento da Internet e das redes financeiras. Conforme Touraine (2007), a sociedade da informação foi construída a partir de uma nova forma de conhecimento, novos investimentos e uma representação modificada dos objetos relacionados ao trabalho e à organização social.

Touraine ressalta que as sociedades que antecederam a sociedade da informação eram caracterizadas pela junção do modo técnico com o modo social de produção. O sociólogo exemplifica que a sociedade industrial era formada pela organização do trabalho - definida por Frederick Taylor e, posteriormente, por Henry Ford -, centrando-se na transformação do trabalho operário, para obter o maior lucro possível, e no trabalho por produção, no qual imperava a dominação de classe.

A modernidade é amplamente discutida por Touraine (2007, p.87) e é considerada a partir de dois componentes indispensáveis para existir. O primeiro deles seria a crença na razão e na ação social, a partir dos seguintes elementos: “ciência e a tecnologia, o cálculo e a precisão,

---

<sup>33</sup> Touraine caracteriza a globalização como: “uma rápida ampliação da participação nos intercâmbios internacionais e pela influência de um grande capitalismo cujos centros de decisão são o mais das vezes americanos” (2007, p.30). Na visão do autor, a globalização “não define uma etapa da modernidade, uma nova revolução industrial. Ela intervém no nível dos modos de gestão da mudança histórica. Ela corresponde a um modo capitalista extremo da modernização, categoria que não deve ser confundida com um tipo de sociedade, como a sociedade feudal ou a sociedade industrial” (TOURAINÉ, 2007, p. 36).



a aplicação dos resultados da ciência a domínios cada vez mais diversos de nossa vida e da sociedade, são para nós componentes necessários, e quase evidentes, da civilização moderna”.

O segundo fundamento da modernidade é tido por Touraine como o reconhecimento dos direitos dos indivíduos, que estabelece um universalismo de direitos a todos, independente de seus atributos econômicos, sociais e políticos. Na visão do sociólogo, essas duas características relacionadas à modernidade a torna o oposto do modelo comunitário, a distancia de uma forma de vida social, pois confere à sociedade um controle completo sobre ela própria.

O autor defende não haver um único caminho para a modernização, e sim um grande número de caminhos, que combinam modernidade com herança cultural ou sistema político, princípios universais com experiências históricas diversas. Nos tempos modernos, os sujeitos se relacionam com a tradição e o moderno ao mesmo tempo, com elementos universais e singulares, como enfatiza o sociólogo francês:

Já que a modernidade se define por princípios de alcance universal – o pensamento racional e os direitos do indivíduo – e toda modernização introduz a ideia de uma particularidade e mesmo da singularidade de cada sociedade em mutação, e já que as duas noções não podem ser nem confundidas uma com a outra nem separadas uma da outra, é também impossível definir uma sociedade como puramente universalista senão por sua pura singularidade (TOURAINÉ, 2007, p. 189).

Na ilha abordada neste estudo, observamos vários elementos que figuram nesse sentido. Os jovens entrevistados utilizam de forma incessante o *smartphone*, um dos artefatos tecnológicos e simbólicos da modernidade, mas valorizam as singularidades do lugar no qual estão inseridos, associadas a um modo de vida mais tradicional. Murutucu tem suas limitações: a dificuldade de acesso, a falta de distribuição de água potável entre os moradores, a ausência de hospitais e de um sistema sanitário, mas não é vista como opção de troca pela grande maioria dos jovens moradores entrevistados nesta pesquisa. Fatores relacionados ao ambiente que compõe a ilha são frequentemente destacados de forma positiva nos depoimentos, como a tranquilidade, a calma, o sossego, o silêncio, a ventilação. Elementos que podem ser relacionados a uma forma de vida tradicional, em contraposição ao modo de vida típico das grandes cidades, tidas como “modernas”, que envolve uma rotina mais movimentada e agitada. É possível observar esse grau afetivo de pertencimento de morar na ilha por meio dos depoimentos a seguir:

Eu amo morar aqui na ilha. Porque olha o silêncio... é bem ventilado... ah, eu gosto, e eu acho que também porque eu fui nascida e criada aqui, né? Então eu gosto, ainda mais agora que tem luz direto. Só é ruim assim, esse negócio do celular, que a área não dá muito boa pra entrar na Internet (Cléo).

Gosto de morar na Ilha, eu acho que o que mais gosto daqui é da tranquilidade, é muito calmo, eu gosto de ficar em lugar calmo, sem preocupação, sem barulho (Joice).

Gosto do silêncio, a convivência de lá também, porque todo mundo se conhece, é uma intimidade total (Ana).

Nesse contexto, referências do moderno e da tradição se misturam, mas os laços que unem os jovens de Murutucu ao local em que nasceram e viveram não são enfraquecidos pela chegada das tecnologias, em especial o *smartphone*. O aparelho permite uma ampliação nas relações sociais, ao oferecer inúmeras opções de interação com amigos, mas não estabelece uma ruptura com a preferência de um modo de vida mais calmo, como o que Murutucu pode proporcionar.

Com a ampliação do acesso às tecnologias de informação e comunicação, os sujeitos, segundo Touraine, vivem mais juntos no planeta, “mas é igualmente verdadeiro que por toda parte se reforçam e se multiplicam os grupos de identidade, as associações baseadas na pertença comum, as seitas, os cultos e os nacionalismos [...]” (TOURAINÉ, 2003, p. 10). Nesse contexto, é interessante destacarmos que os laços socialmente compartilhados pelos jovens moradores de Murutucu fazem com que, muitas vezes, a tecnologia seja usada para a aproximação entre os próprios jovens. Fator que pode ser exemplificado por meio da interação via *Whatsapp*. Boa parte dos entrevistados declarou conversar mais por meio do aplicativo com jovens que moram na ilha do que com aqueles que residem em Belém. Assim, o *smartphone* é utilizado, na maioria das vezes, para trocas interativas entre pessoas que agem e pensam como iguais. O fato de os jovens de Murutucu terem a possibilidade de alcançar, potencialmente, o acesso à interação virtual, não implica que essa interação se dê com o diverso, com jovens que pertençam a outras realidades diferentes da vivenciada na ilha.

Para abordarmos a riqueza e complexidade da forma que o *smartphone* se insere na vida dos jovens da ilha de Murutucu, analisaremos, no capítulo 3, os resultados obtidos a partir dos questionários, entrevistas e observação participante realizada, os quais possibilitaram que as características da realidade estudada fossem compreendidas de forma mais ampla.



# JOVENS DE MURUTUCU E SUAS DIVERSAS FORMAS DE INTERAÇÃO

"O celular tem uma importância muito grande, não tem nem como explicar... a comunicação é mais fácil. Os amigos a gente não pode ver, mas a gente tá falando pelo celular. Tudo se resume à comunicação. O celular ajuda em muitas coisas, ele tá comigo 24 horas" (Ana)

A presente pesquisa foi trilhada com o objetivo de desvelar de que forma o *smartphone* se insere nas interações comunicativas de jovens que residem na ilha de Murutucu. Compreendemos que diferentes pesquisas demandam aproximações diferenciadas e que a metodologia parte de uma sabedoria na tomada de decisões, que envolve o pesquisador em todos os momentos de sua investigação (BRAGA, 2011). A partir das variadas dinâmicas observadas, na medida em que havia uma maior aproximação com o objeto de estudo, percebemos a necessidade de utilizar variadas técnicas de coletas de dados.

Nesse sentido, o “enfrentamento da investigação no mundo empírico” (BRAGA, 2011) se deu por meio de uma pesquisa qualitativa, baseada em questionários semiestruturados, entrevistas e observação participante, que serão analisados neste capítulo. Mas, para abarcarmos as compreensões advindas da postura metodológica assumida, é necessário especificar em que contexto se deu o desenvolvimento de cada técnica mencionada.

### **3.1 Procedimentos metodológicos**

As variadas interações tecidas pelos jovens de Murutucu e as particularidades inseridas em sua realidade demandaram uma investigação qualitativa, que captasse as qualidades do fenômeno a partir das percepções dos próprios sujeitos que compõem esta pesquisa. Com o processo de indagação e exploração constantes do objeto, inerentes à perspectiva qualitativa (OROZCO; GONZALÉZ, 2011), foi possível estabelecer interpretações sucessivas a respeito das dinâmicas presentes no cotidiano dos jovens ilhéus.

Diante do exposto, procuramos observar não somente as interações estabelecidas entre os jovens por meio da tecnologia, como também as interações socioculturais e espaço-temporais. Ressaltamos que elas não se estabelecem separadamente, pois estão imbricadas, inter-relacionadas, e possibilitam a reconstrução do universo pesquisado. Assim, direcionamos um olhar holístico à pesquisa, com o objetivo de priorizarmos o “todo” do objeto de estudo, característica cara aos estudos qualitativos (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

O primeiro momento da pesquisa de campo foi composto pela aplicação de questionário, com perguntas abertas e fechadas, que contemplaram quatro eixos: identificação; a experiência de morar na ilha; o deslocamento a Belém; e a caracterização do uso do celular e da Internet. O questionário foi direcionado a 20 jovens residentes em Murutucu.

Após a coleta de dados realizada por meio do questionário, houve a necessidade de desenvolver entrevistas mais livres com alguns dos jovens, para confirmar informações e abordar questões que não havia observado no primeiro contato. Nas entrevistas, foram



abarcados aspectos como: as mudanças ocorridas na realidade dos jovens com a chegada da energia elétrica à ilha, a relação dos participantes da pesquisa com o aparelho de televisão, a concepção dos jovens a respeito do termo “meio de comunicação”, entre outras questões correlatas, que não estão ligadas diretamente à utilização do *smartphone*, mas interferem nas dinâmicas que envolvem o aparelho.

Braga (2011, p.10) ressalta que a reflexão metodológica implica na capacidade de observar o que se elabora, atenção que possibilita a revisão dos passos dados e ajustes, quando necessário, do andamento da pesquisa: “No momento da observação podemos perceber que as perguntas da pesquisa ainda não tinham depreendido todo seu potencial de descoberta – e uma revisão dessas perguntas pode permitir um desenvolvimento qualitativo da investigação”.

Assim, após o primeiro momento de aplicação do questionário, foram selecionados seis jovens (Daniel, Rayane, Joice, Tainara, Jamile e Evelyn), que apresentaram maior potencialidade de exploração para as entrevistas, pois alguns foram reticentes ao responderem o questionário, o que impossibilitou o desenvolvimento de um diálogo mais aprofundado. As entrevistas com os jovens citados foram realizadas em suas respectivas moradias. A Figura 33 registra uma das jovens, durante entrevista realizada em frente à sua residência.



**Figura 33** - Jovem durante entrevista (Foto: Monique Igreja)

### 3.2 Corpus de pesquisa

Os questionários foram direcionados a 20 jovens residentes em Murutucu. A seleção dos participantes se deu com o auxílio de Rayane, que é conhecedora de grande parte dos jovens locais. Ao ser informada sobre os critérios desta pesquisa - ser morador de Murutucu, ter entre 12 e 25 anos e possuir *smartphone* -, Rayane me conduziu às moradias de alguns dos jovens que correspondiam ao público estudado. Houve jovens que também responderam ao questionário na Praça Princesa Isabel e no barco-escola que realiza o deslocamento dos ilhéus estudantes das escolas públicas da capital, enquanto aguardavam o retorno à Murutucu. A seguir, identificamos os 20 participantes desta pesquisa a partir do nome, gênero e idade e local em que responderam ao questionário.

**Quadro 04** - Identificação dos participantes

Nome	Gênero	Idade	Local em que respondeu ao questionário
Taís	F	17	Residência própria
Tainara	F	15	Residência própria
Daniel	M	16	Residência própria
Amanda	F	14	Residência de Taís
Rayane	F	23	Residência de Joice
Aldair	M	18	Residência de Taís
Jamile	F	16	Residência própria
Evelyn	F	13	Residência de Jamile
Walter	M	15	Residência própria
Caroline	F	17	Residência própria
Jéssica	F	24	Residência própria
Luiza	F	18	Praça Princesa Isabel
Thays	F	21	Residência própria
Cléo	F	27	Residência própria
Joice	F	18	Residência própria
Evanilson	M	16	Barco-escola
Ana	F	15	Praça Princesa Isabel
André	M	18	Barco-escola
Breno	M	15	Barco-escola
Vanessa	F	16	Barco-escola

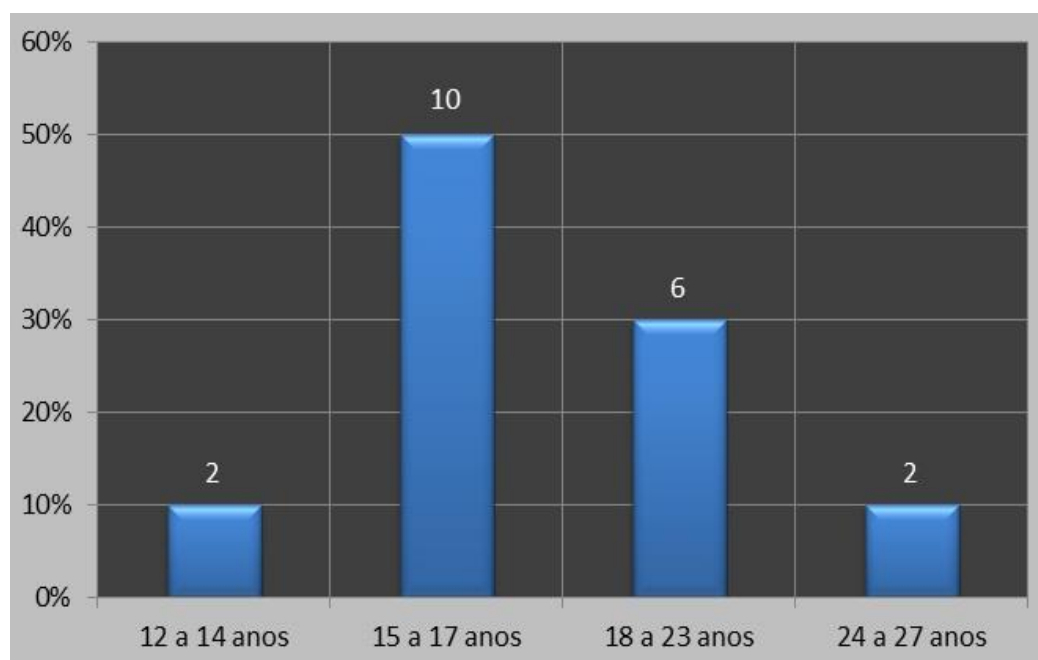
Fonte: Elaborado pela autora



O universo pesquisado foi composto por 14 jovens do gênero feminino e 6 do gênero masculino. Dos 20 entrevistados, 10 pertencem à faixa etária de 15 a 17 anos, 6 jovens têm de 18 a 23 anos, 2 têm de 12 a 14 anos e outros 2 estão inseridos na faixa de 24 a 27 anos. Uma das jovens que responderam ao questionário tem 27 anos, portanto, idade superior à faixa-etária determinada como critério de seleção dos entrevistados, que foi de 12 a 25 anos, porém, mantivemos o depoimento, pois destacou vários elementos significativos para esta pesquisa.

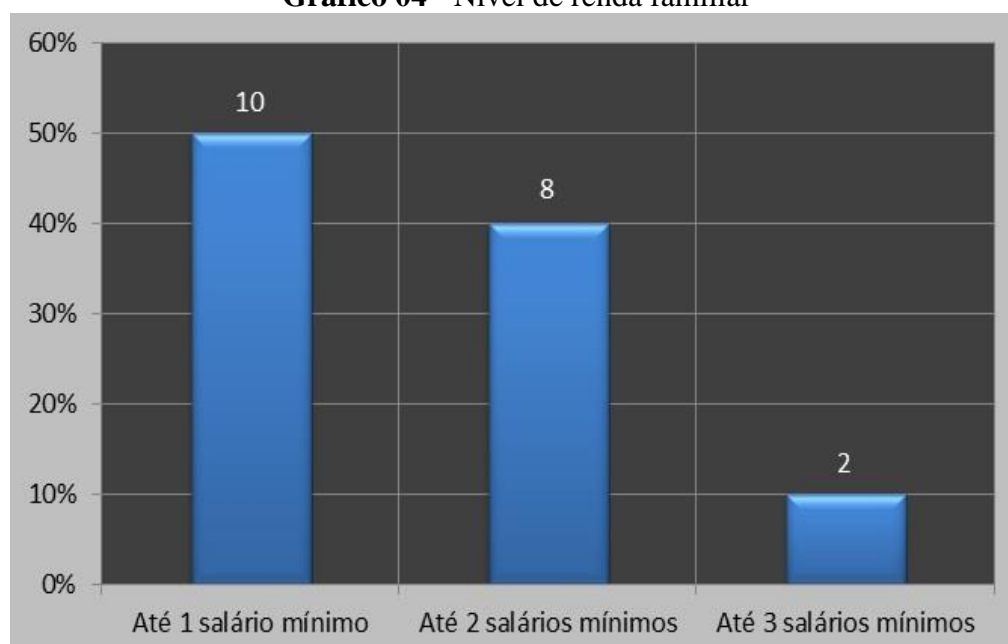
Com o objetivo de melhor sistematizar as informações, os dados etários foram inseridos no gráfico a seguir.

**Gráfico 03** - Faixa etária dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora

Com relação ao nível de renda, 10 jovens relataram que a família recebe até 1 salário mínimo, 8 entrevistados afirmaram receber até dois salários mínimos e apenas 2 jovens indicaram que a renda familiar gira em torno de 3 salários, conforme o Gráfico 04.

**Gráfico 04 - Nível de renda familiar**

Fonte: Elaborado pela autora

A maior parte dos participantes (12 jovens) reside às margens do rio Guamá, enquanto que 4 moram em casas situadas no Furo da Paciência, e 4 em residências às margens do rio Bijogó, localizado ao sul de Murutucu. 13 jovens afirmaram viver desde recém-nascidos na ilha. Os que correspondem a esse total relataram que, devido à falta de infraestrutura hospitalar de Murutucu, nasceram em hospitais localizados em Belém e retornaram, posteriormente, à ilha. Dos demais 7 entrevistados, 6 afirmaram que nasceram na capital paraense e se mudaram com a família para Murutucu, em média, dos 3 aos 6 anos de idade, e apenas uma jovem nasceu no Acará e passou a morar na ilha aos 12 anos.

No que se refere à escolaridade dos participantes, 8 cursam o Ensino Médio, 7 estão no Ensino Fundamental, duas jovens cursam Ensino Superior em Serviço Social e Gestão de Recursos Humanos, na Universidade Paulista – UNIP, uma é formada em técnica de enfermagem, outra jovem concluiu o Ensino Médio, mas não prosseguiu no Ensino Superior e uma entrevistada interrompeu os estudos no 2º Ano do Ensino Médio.

### 3.3 O contexto da pesquisa

Murutucu tem dinâmicas diferenciadas que interferem no cotidiano dos seus moradores. A ilha não conta com vias terrestres e é entrecortada por furos, fator que torna obrigatório o uso de embarcações para o deslocamento no próprio local, que tem suas residências localizadas distantes umas das outras. Apesar de se situar a apenas 9 km de distância da capital paraense, a

realidade da cidade não chega à Murutucu. A carência de acesso a variados serviços, principalmente os de estudo e assistência médica, insere os habitantes em um fluxo contínuo entre a ilha e Belém, cidade que supre as demandas da população ilhéu. Além desses fatores, a falta de espaços públicos de lazer que integrem moradores também é um ponto importante a considerarmos nesta pesquisa.

Nesse sentido, o contexto limitador de Murutucu adquire novos contornos com o uso do *smartphone* - ampliado, principalmente, a partir da chegada da energia elétrica na ilha, em 2011. Este aparato tecnológico permite o acesso a uma pluralidade de espaços no ambiente virtual e tem papel significativo no cotidiano dos jovens ilhéus, ao possibilitar uma fluidez de fronteiras entre a vida online e off-line.

Para compreendermos como se dão as interações mediadas pela tecnologia, também é necessário abarcarmos os demais aspectos que compõem a realidade vivenciada pelos jovens que participam deste estudo. Dessa forma, dividimos os aspectos observados em três formas de interação: sociocultural, espaço-temporal e tecnológica. Cada categoria de análise se expande para eixos que constituem a experiência de vida dos jovens ilhéus. É importante frisarmos que a interação sociocultural contempla as interações espaço-temporal e tecnológica. Nesse sentido, as dimensões de interação não são estanques, elas se atravessam, entretanto, para efeito de melhor entendimento e análise, serão abordadas separadamente. A figura a seguir destaca as perspectivas contempladas.



**Figura 34** – Dimensões de interação (Fonte: Elaborada pela autora)

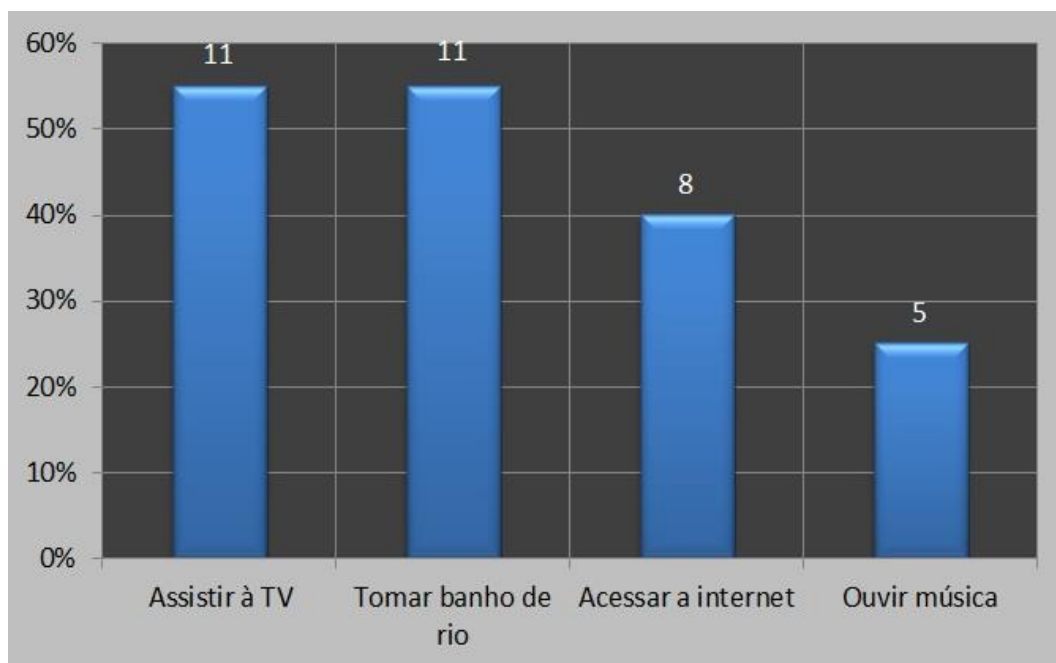
As análises foram realizadas contemplando essas três dimensões de interações. Ou seja, considerando o *continuum* híbrido vivido pelos jovens entre Belém e Murutucu.

### 3.4 Interação sociocultural

A interação sociocultural desta pesquisa contempla os eixos de trabalho, lazer e as identificações evocadas pela juventude de Murutucu. A partir dos questionários respondidos, constatamos que 17 participantes não trabalham. Os 3 entrevistados que têm atividade de trabalho são os jovens Aldair, Luiza e Caroline. Aldair afirmou que atua com extração de açaí junto ao pai, Luiza trabalha como babá e Caroline é “Jovem Aprendiz” no escritório de uma rede de supermercados. Os jovens Evanilson e Daniel relataram extrair açaí, mas não identificaram a atividade como trabalho.

Observamos, por meio dos questionários, que o desejo de trabalhar é mais nítido no depoimento daqueles que já concluíram o Ensino Médio e sentem a necessidade de ajudar os pais a custearem os estudos do Ensino Superior. É o caso das entrevistadas Joice, Jéssica e Cléo, que estão em busca de estágio ou emprego em Belém. Joice, por exemplo, relatou que seus pais são separados e a mãe da jovem custeia as despesas da família sozinha. Devido a essa situação, ela encontra-se à procura de alguma atividade remunerada, para que possa contribuir com as despesas relativas ao curso de Serviço Social, desenvolvido por Joice em uma instituição particular localizada em Belém, que compromete boa parte do salário mínimo recebido pela mãe.

Com relação ao lazer inserido na vida dos jovens ilhéus, percebemos que ele se constitui como um importante aspecto. Os momentos livres na ilha são divididos entre as atividades de assistir à televisão, banhar-se nas águas do rio, acessar a Internet, como também ouvir música (Gráfico 05). A navegação na Internet pelo *smartphone* não foi apontada por alguns dos jovens nesta questão, pois nem sempre eles têm crédito suficiente na operadora telefônica para a conexão. Entretanto, não deixam de utilizar seus aparelhos, pois também interagem por meio de mensagens SMS, quando possível.

**Gráfico 05** – Principais atividades praticadas nos momentos de lazer

Fonte: Elaborado pela autora

Percebemos que a televisão ainda ocupa um espaço importante no cotidiano dos jovens. Nas residências visitadas em Murutucu, a presença da tecnologia de aparelhos televisores de plasma contrastava com a estrutura simples das casas de madeira. A única moradia construída com alvenaria foi a das irmãs Tainá e Tainara. Percebe-se que a televisão estava situada na sala de estar das moradias, e não nos quartos, como registramos nas imagens a seguir.



**Figura 35:** Aparelhos de televisão e rádio, na sala de estar de Jamile (Foto: Monique Igreja)



**Figura 36:** Televisão na sala da residência das irmãs Tainá e Tainara  
(Foto: Monique Igreja)

A televisão ainda ocupa um espaço importante no cotidiano dos jovens. Grande parte dos participantes acompanha, principalmente, a programação de telenovelas, telejornais locais de Belém e os filmes exibidos na “Sessão da Tarde”. As telenovelas mais citadas foram: “Maria do Bairro”, transmitida pela emissora SBT, “Caminho das Índias”, “Totalmente demais” e “A Regra do Jogo”, exibidas pela Rede Globo.

Nos depoimentos dos entrevistados, observamos que os telejornais nacionais não costumam ser assistidos. Alguns dos participantes afirmaram que ainda gostam de acompanhar desenhos animados, como os transmitidos, no período da manhã, pela emissora SBT, no bloco de programação intitulado “Mundo Disney”.

Quando questionada sobre os momentos em que costumava assistir à televisão, Joice relatou acompanhar a programação televisiva durante o dia todo, nas férias de sua faculdade, intercalando com a interação nas redes sociais pelo seu *smartphone*. De acordo com a jovem, a família costuma se reunir para ver TV no final da tarde, horário que a mãe de Joice volta do trabalho: “Todo mundo fica no sofá vendo a televisão, mas cada um está com o seu celular, aí fica vendo a televisão e o celular até a hora de dormir”.

A jovem Rayane relatou que também tem o hábito de acompanhar a programação televisiva e conversar pelo aplicativo de mensagens no *smartphone*. Nos momentos em que está sem Internet no aparelho, ela ressaltou que assiste por mais tempo à televisão: “Quando

fico vendo TV, fico mexendo no celular, principalmente quando está nos intervalos da novela. Quando não tem Internet, eu assisto mais TV, mas o celular continua do lado”.

As atividades de jogar *videogame*, ir a um campo de futebol localizado na ilha do Combu e frequentar o banco de areia que se forma na confluência dos rios Guamá e Bijogó, chamado de “baixo”, para jogar bola, também foram citadas. Percebemos que, apesar de todos os entrevistados utilizarem constantemente o *smartphone*<sup>34</sup>, as atividades de tomar banho no rio e assistir à televisão ainda são bastante praticadas. Devido ao fato de a ilha não contar com espaços institucionalizados que agreguem os jovens, como praças, alguns deles costumam frequentar a casa de amigos. Porém, essa prática tem limitações, pois depende da autorização dos pais para utilizarem a rabeta. O depoimento de Joice expressa a necessidade de um local público de lazer em Murutucu: “Queria que tivesse uma pracinha, porque pessoas de várias ilhas iriam pra lá. Se tu não for na casa do teu amigo pra visitar ou tu não vires aqui, tu não fala com ele, não”.

É interessante notar que ao mesmo tempo em que Joice se ressentia de espaços de convivência, ela relatou que o aplicativo *Whatsapp* supre a necessidade de ver os amigos. Perguntamos se os jovens costumam ir a Belém para momentos de lazer e 10 entrevistados responderam que não têm esse hábito. No questionamento que envolvia respostas de múltipla escolha, 10 jovens afirmaram frequentar locais da cidade nos horários livres, 6 vão ao *shopping*, 2 ao cinema, 2 frequentam praças, 1 entrevistado relatou ir a pontos turísticos, 1 vai à padaria e 1 à pizzaria. Os locais citados são visitados, principalmente, quando as aulas dos jovens terminam cedo, devido à realização de provas ou por motivo de ausência de professores. Dessa forma, em geral, o deslocamento dos jovens a Belém apenas para atividades de lazer não se dá com frequência.

Os depoimentos a seguir expressam os motivos de alguns dos jovens não frequentarem Belém com o objetivo de usufruir de momentos de lazer: “Não vou no shopping. Não gosto de ir porque tem muita gente prosa<sup>35</sup>” (Cléo); “Quando não tenho que estudar nem comprar nada, não vou pra Belém, porque eu não gosto muito, tem o perigo do assalto, essas coisas” (Luiza); “Porque é difícil por causa da locomoção” (André).

Nesse contexto, o rio se torna protagonista nos momentos de lazer dos jovens com os amigos, principalmente nos finais de semana, como destaca Joice:

---

<sup>34</sup> Dos 20 entrevistados, 16 indicaram que acessavam a Internet quando tinham crédito no aparelho, 12 relataram realizar ligações telefônicas e 12 jovens também afirmaram enviar torpedos.

<sup>35</sup> A expressão “prosa” é uma particularidade do vocabulário paraense utilizada para referenciar uma pessoa convencida.



Ele [o rio] é importante pra tomar banho, acabar esse meu calor dentro do rio, ficar aí tomando banho com os amigos, comendo aquele churrasquinho. Domingo passado, nós tava (sic) todos na água. Eu trouxe uma amiga de Icoaraci com umas irmãs e a gente passou o dia todo na água. Eu só consigo ver esse rio só quando vem alguém pra cá, que eu fico o dia todo no rio.

Quando indagada se o banho de rio é mais utilizado para lazer quando está com os amigos, Joice respondeu que sim, pois “tu vai ficar no rio só tu lá pensando?! Não, dá logo o frio e tu vem embora. Não tem condições”. Os jovens de Murutucu também costumam se encontrar nas atividades promovidas pelas cinco igrejas evangélicas localizadas na ilha, nas noites de terças, quintas e domingos, que integram cultos e formações espirituais. A religiosidade é forte entre os moradores, e muitos jovens disseram que permanecem na igreja, após as reuniões, para conversar com os amigos.

Dos 20 entrevistados, apenas 3 afirmaram ir a festas “de aparelhagem”<sup>36</sup> que ocorrem nas ilhas localizadas nas adjacências da capital, como Boavista e Combu, quando os amigos vão buscá-los em suas embarcações. Os jovens de Murutucu que estudam em Belém se encontram diariamente no momento da travessia para a capital paraense. Após a chegada, os alunos se dirigem aos distintos estabelecimentos de ensino público pertencentes à esfera estadual. O deslocamento é de responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação, que terceiriza os serviços de transporte por meio de contrato firmado com a Associação dos Ribeirinhos, Barqueiros e Condutores das Ilhas do Município de Belém. O embarque dos jovens para Belém é realizado, tendo como opções: o encontro no trapiche, local denominado pelos ilhéus de “projeto” (Figura 37), onde são conduzidos, nas rabetas, pelos familiares ou a embarcação contratada pela prefeitura se desloca diretamente à residência do aluno.

---

<sup>36</sup>Segundo Costa (2012a, p.398-399): “Aparelhagens são empresas de sonorização voltadas especialmente para a realização de festas de brega e que surgiram com essa denominação a partir da década de 1970”.



**Figura 37** - Trapiche de embarque dos estudantes (Foto: Monique Igreja)

Os estudantes retornam à ilha quando, em horário fixo estipulado, encontram-se na Praça Princesa Isabel. Na Figura 38, visualizamos uma das jovens no barco-escola, aguardando a chegada dos demais estudantes para voltar à Murutucu.



**Figura 38** - Jovem aguarda no barco o retorno para a ilha de Murutucu (Foto: Monique Igreja)

No dia 02 de outubro de 2015, tive a oportunidade de realizar a travessia de Murutucu para Belém no barco-escola que transporta os alunos. Nessa mesma data, Rayane me conduziu à ilha de Rabeta, às 8h, para realizar entrevistas com as jovens Cléo, Jéssica e Thays em suas

residências. Ao final das entrevistas, Joice, irmã de Rayane, estava terminando de se organizar para ir à faculdade e me convidou para voltar à capital com ela, no barco-escola<sup>37</sup>. No período da tarde, o barco transporta os passageiros às 13h e retorna à ilha às 19h.

Joice perguntou ao condutor da embarcação escolar se eu poderia realizar o trajeto a Belém com os estudantes e ele autorizou. Acompanhei a travessia com cerca de 10 jovens naquela tarde nublada de sexta-feira - inclusive um dos presentes (André) já tinha sido entrevistado para esta pesquisa. O deslocamento durou 20 minutos. Percebi que durante todo o percurso, apenas eu e Joice conversávamos. Os demais jovens permaneciam com seus respectivos *smartphones* na palma da mão e com fones de ouvido. Notei que alguns deles estavam com a página do aplicativo *Whatsapp* aberta, enquanto escutavam música. Senti como se o fone de ouvido os blindassem dos acontecimentos que extrapolam o limite da tela de seus celulares. Ao meu lado, estava sentada uma jovem que escutava uma música tão alta que o som escapava de seu fone de ouvido. Pensei em entrevistá-la, mas em nenhum momento do traslado ela tirou o olhar da tela do celular e nem o fone do ouvido, fator que me fez desistir da conversa para não incomodá-la.

Compreendemos que o comportamento social em lugares públicos é regido por regras de conduta que expõem maneiras de organização social difusas (GOFFMAN, 2010). Há vários tipos de regulamentação que governam a forma que uma pessoa lida com si mesma e com os outros quando está na presença física deles, as quais são denominadas por Goffman (2010) como interações imediatas. Para o autor, quando os indivíduos estão conscientes de que certa atividade pode ser notada pelos presentes, tendem a mudar a atividade, desenvolvendo-a com sua dimensão pública em mente: “Há, então, um simbolismo do corpo, um idioma de aparências e gestos individuais que tende a evocar no ator aquilo que evoca nos outros, e ‘os outros’ aqui significa aqueles, e apenas aqueles, que estão imediatamente presentes” (GOFFMAN, 2010, p. 43-44).

Nesse sentido, diante do comportamento da jovem mencionada, compreendi que o simbolismo inserido no ato de ouvir música por meio do fone de ouvido e os seus gestos individuais, voltados apenas para a atenção ao *smartphone*, interferiram no contato presencial com a jovem, chamado de interação imediata por Goffman (2010). Ao invés de entrevistá-la,

---

<sup>37</sup> Joice relatou que precisou levar uma declaração da universidade particular em que estuda à Associação dos Barqueiros, para comprovar que cursa o Ensino Superior. De acordo com a jovem, o barco-escola apenas realiza o transporte dos alunos da rede pública municipal, devido a isso, o barqueiro responsável pelo deslocamento não tem obrigação de esperar Joice. Se ela não comparecer na Praça Princesa Isabel, no horário de retorno estipulado, o barqueiro segue o seu destino sem a jovem. Joice comenta esse fato: “Se a gente quiser ir pode ir no barco, se a gente quiser voltar, ele [o barqueiro] pode trazer, mas não que ele tenha que ficar esperando só a gente. Inclusive, quando os alunos não têm aula, se tiver só eu, o barco não vem me buscar, eu fico muito mordida com isso”.

preferi ficar observando, pois o uso do fone me deu a sensação de que aquele era um sinal de que ela não estava disponível para um diálogo e não queria ser interrompida em seu momento de conversa pelo *Whatsapp*.

A postura dos jovens durante a travessia de Murutucu até Belém remeteu à cena comum que costumamos ver em outros meios de transporte, principalmente nos ônibus urbanos: pessoas com suas cabeças inclinadas, olhares vidrados em seus aparelhos e percorrendo os polegares, sem interrupção, pelo celular. Cada um em seu mundo particular. Questionei Joice se os alunos costumavam se portar daquela forma no traslado entre a ilha e Belém e ela respondeu que sim. Em um momento de entrevista realizado com as irmãs Rayane e Joice anteriormente, no dia 15 de setembro de 2015, elas já haviam citado o rotineiro uso do celular no barco-escola. As jovens relataram que a utilização do *smartphone* perpassa, muitas vezes, uma questão de *status* social.

Eu acredito que, com o celular pra cá [para a ilha], eles [os jovens] ficaram muito hipnotizados, vamos dizer, muito viciados. Quando a gente vai no barco, tu não encontra ninguém sentado [faz mímica de pessoas conversando], todo mundo fica assim [a jovem inclina a cabeça para baixo e finge que está mexendo no celular] (Joice).

Eles podem ter uma casinha humilde, podem não ter investimento, mas eles têm celular imenso, o maior de todos. Aí a gente fica pensando: olha só fulano, tem aquele celular, a gente fica admirado de ver, porque eles podem não ter outra coisa, mas eles trabalham pra ter aquele tipo de celular (Rayane).

Acho que eles querem é... disputar, né? (Joice).

Esse negócio de *selfie*, todo mundo quer ter, a titia foi tirar um celular pro filho dela, aí ele disse: ‘eu quero aquele que bate *selfie* e tem flash na frente’. Então é assim (Rayane).

Os entrevistados Evanilson e Vanessa também destacaram o uso do *smartphone* durante a travessia dos alunos: “No barco, a maioria fica no celular, só alguns que ficam conversando” (Evanilson); “Cada pessoa fica no seu celular, só fala aquele tempo. Quando tem alguma coisa pra falar a gente fala, quando não, a gente tá cada um no seu celular ouvindo música, entrando na Internet” (Vanessa). Os sinais das operadoras de telefonia são captados melhor no rio Guamá do que em algumas residências de Murutucu, o que corrobora para que muitos dos jovens utilizem seus *smartphones* no momento do deslocamento à capital. Em meio às múltiplas opções oferecidas pelo dispositivo, a conversa presencial, muitas vezes, acaba se tornando coadjuvante.

Observamos que o uso do *smartphone* envolve uma disputa de valores, que desenvolvem relações de conflito, assim como negociações, conforme Carneiro (2012, p. 32):

[...] resulta em negociações que têm como referência um sistema de valores que combina o universo simbólico “tradicional” – mantido e atualizado pela família e pela localidade – e os valores da “modernidade” adquiridos na sociabilidade, na cidade ou na relação com os portadores do código urbano no próprio espaço rural.

Essas situações de conflito podem ser originadas em um núcleo familiar, por exemplo, quando os projetos individuais de jovens começam a se contrapor aos interesses coletivos da família, fato que origina diferentes articulações.

### 3.4.1 Conexões conflituosas causadas pelo celular

O uso excessivo do *smartphone* corrobora, muitas vezes, para o desenvolvimento de relações conflituosas, percebidas nesta pesquisa, principalmente, na esfera familiar. A jovem Caroline, por exemplo, relatou já ter tentado a conexão do *smartphone* em todos os pontos de sua residência e em apenas um conseguiu acesso: “Aqui em casa eu uso bem na beirinha da minha cama, é o único lugar que pega o celular. Fico todo o tempo nesse lugar pra pegar”. Ao ser perguntada sobre o que os pais acham dessa prática, a jovem afirmou que reclamam bastante, pedindo para que ela saia do lugar e pare de usar o aparelho.

Essa relação geracional conflituosa também pôde ser notada no depoimento de Tainara. A jovem, de 15 anos, é irmã de Taís, de 17 anos, e contou que a mãe, Dona Soldallice, não aprovava o seu relacionamento amoroso, proibindo-a de manter contato com o namorado. Quando descobriu que a jovem ainda conversava com ele, confiscou o celular e não devolveu mais. Mas, Tainara conseguiu um aparelho emprestado e continuou falando com o namorado pelo celular. Em uma conversa informal, na residência de Dona Soldallice, foi possível observar o caráter negativo conferido ao aparelho:

Eu nem queria que elas tivessem esse negócio de celular, aí o pai delas disse que ia dar. Quando eu peguei o celular, ela [Tainara] ficou doida, ela estava triste, chorando, aí o pai dela é que deu. Às vezes, tem muita coisa que isso daí traz que, pra mim, não é tudo de bom. Tem pessoas que usam e sabem usar, pra não deixar nada acontecer. Ele [o celular] é importante pra fazer trabalho do colégio, mas tem muita coisa que... não é certo. Ela fica muito no celular, eu tenho que ficar falando... E a Taís está esperando filho, é muito complicado, muito mesmo pra gente que é mãe. Porque é assim, a gente tenta dar uma coisa pro filho da gente, mas é pra pessoa fazer uma coisa que dê futuro, não uma coisa que não dê futuro. Ó essa aí, tá grávida, aí tu acha que isso, pra mim, é futuro?

No momento da entrevista com as irmãs Taís e Tainara, a relação delas com a mãe estava marcada por uma tensão, pois Taís havia descoberto, há poucos dias, que estava grávida. Dona Soldallice sugeriu que, sem a possibilidade de conversar pelo celular, a filha não teria um maior envolvimento com o namorado, que reside em Belém e, conseqüentemente, não teria engravidado. No final do ano de 2015, em uma das visitas realizadas à Murutucu, Rayane, que é prima das jovens Taís e Tainara, relatou que Tainara também estava grávida de seu namorado.

A entrevistada Evelyn também relatou que a mãe já confiscou seu celular, que é chamado pela jovem de “filho”, tamanha a sua ligação afetiva com o aparelho: “Ela pegou meu celular e disse que eu estava mexendo muito, porque eu tinha ganhado meu celular recentemente, e eu só queria estar com ele. De vez em quando, ela diz que vai pegar meu celular e jogar no meio do rio, aí eu falo: ‘Ah não! Meu filho!’ e faço o que ela está pedindo”.

Nos depoimentos colhidos junto aos entrevistados, percebemos que, por vezes, a necessidade de usar o aparelho se sobrepõe às necessidades básicas, como a alimentação, conforme acompanhamos no depoimento da entrevistada Jéssica. A jovem contou que, no período em que estava trabalhando como secretária em uma loja de Belém, costumava permanecer nos finais de semana em Murutucu e passava os dias da semana na casa que a família possui no Porto da Palha, pois facilitava o seu deslocamento ao trabalho. “Quando eu estava lá em Belém, eu estava bem magrinha, porque eu passava o dia no celular e esquecia de comer, esquecia de me alimentar, aí ela [a mãe de Jéssica] pegava no meu pé. Em Murutucu ela não briga, porque não dá área”, relatou.

Cléo, irmã de Jéssica, comentou o uso excessivo do celular pela irmã:

Ela é viciada no *Whatsapp*, aí a mamãe é obrigada a estar brigando com ela, pra ela ir se alimentar. Era só no celular direto, direto, direto mesmo, sabe o que é direto? Viciada... aí a mamãe brigava com ela porque ela passava o dia inteiro no celular, não procurava o que fazer, não se alimentava, estava ficando seca, agora é que ela tá mais ou menos porque a gente tá aqui [em Murutucu] e a área é muito ruim, mas quando a gente vai pra Belém, ela só chega da faculdade, se joga na rede e fica lá... Olha, ela vai almoçar, às vezes, duas horas da tarde.

A entrevistada Joice, por sua vez, relatou que não permite que o celular atrapalhe as atividades de sua rotina, mas apontou que o irmão, Daniel, não impõe limites ao uso do aparelho, o que faz com que a mãe, Dona Janice, chame a sua atenção constantemente. Joice comentou um fato que é alvo de discussão entre mãe e filho: quando Daniel está conduzindo alguém de rabetá, às vezes, manuseia o celular e se distrai, o que acarreta riscos tão graves

quanto o uso do celular ao volante de carros. A jovem contou um episódio que ocorreu devido à mistura perigosa entre celular e a direção: “Quando ele está levando alguém na rabetta, fica usando o celular, não olha pra frente. A gente tem que ficar gritando: ‘Olha pra frente!’”. Teve um dia que ele ficou com medo, porque ele ia passando por cima de um povo que estava remando naqueles caiaques”.

Durante conversa informal realizada com Dona Janice, em sua residência, ela apontou que, às vezes, também fica chateada com Daniel, pois o filho não costuma fazer as tarefas do cotidiano que ela solicita: “Eu digo: ‘Olha, meu filho, vai fazer tal coisa, aí ele fica... demora pra fazer as coisas porque tem que olhar o celular, aí eu fico aborrecida com ele por causa disso”, destacou. Percebemos que o ambiente vivido pelos jovens exige que eles estejam inseridos em atividades rotineiras, como manutenção da área de colheita do açaí, extração do fruto, principalmente no caso dos meninos; e, com relação às meninas, limpeza da residência e preparo das refeições. Os pais também costumam solicitar que os filhos os acompanhem nas idas a Belém, para compras de mantimentos. Esses hábitos cotidianos, por vezes, são alterados devido ao uso do celular, que atrai a atenção dos jovens em boa parte do dia.

Outro fator de desentendimento entre mãe e filho tem relação com o uso da Internet. Dona Janice afirmou que é adepta do *whatsapp* e interage com a família por meio de um grupo no aplicativo. Quando não está com crédito no celular e, conseqüentemente, não tem acesso à Internet, pede que Daniel ligue o roteador de seu aparelho, para que possa compartilhar a rede com a mãe, mas ele não atende à solicitação, para que a velocidade da sua conexão não seja reduzida: “Às vezes, ninguém tem crédito, aí ele não quer ligar a Internet dele. Eu não gosto, porque tenho grupo no *whatsapp*, aí, às vezes, quero falar alguma coisa, um boa tarde, boa noite”.

Alguns dos jovens também comentaram que o uso do celular alterou o rendimento escolar. É o caso de Evanilson. Ele afirmou que o aparelho interferiu nos estudos, pois passou a tirar notas baixas devido ao seu uso contínuo:

Os meus pais ficam “mordidos” quando tiro nota vermelha e culpam o celular, o papai principalmente, porque ele me vê o tempo todo com o celular. Aí, ele ameaça bater e tirar o celular: “Olha, se tu não passar de ano, eu vou tomar o celular, vou te dar uma surra”. É isso que ele fala.

Dessa forma, percebemos que os pais, muitas vezes, confiscam o *smartphone* dos filhos como uma medida punitiva. Devido ao fato de os pais não terem vivenciado essa relação íntima com a tecnologia quando eram jovens, observamos que eles não conseguem administrar e



ponderar a relação com o *smartphone*, para que o aparelho seja utilizado de forma adequada pelos filhos, agindo de maneira extrema ao proibir seu uso.

### 3.4.2 *Smartphone*: a praça virtual dos jovens de Murutucu

As tecnologias exercem um papel importante no cotidiano dos jovens de Murutucu, pois os espaços de lazer não são frequentados de forma rotineira, e sim esporadicamente. O único local visitado diariamente é a Praça Princesa Isabel, já que os alunos precisam esperar o barco-escola nesse ponto para retornarem à ilha. Dessa forma, a praça se configura como um local de interação obrigatória e não de uma interação que promova um diálogo espontâneo. Nesse sentido, a tecnologia se estabelece como a única forma de interação rotineira dos jovens, ao aproximar os amigos da ilha e de Belém, criando laços interacionais entre eles.

Estive presente na Praça Princesa Isabel no dia 16 de setembro de 2015. Nesta data, havia marcado com Rayane para me conduzir à ilha. Quando atracou sua rabeta no Espaço Náutico, ponto de encontro rotineiro, Rayane informou que alguns estudantes estavam na praça, aguardando a chegada dos demais alunos, pois teriam saído cedo da aula, já que estavam em período de avaliação no colégio. Aproveitei a oportunidade e pedi que fôssemos até o local. Quando chegamos, foi possível perceber vários grupos de estudantes reunidos, com seus *smartphones* na palma da mão. Alguns estavam sentados nos bancos da praça e outros se encontravam no barco-escola, que já estava atracado. Rayane visualizou alguns conhecidos e os abordou, perguntando se poderiam fazer parte da pesquisa. Nessa oportunidade, as jovens Ana e Luiza responderam ao questionário na praça e Breno e Andre no barco-escola. As figuras a seguir ilustram a chegada na praça Princesa Isabel e dois dos jovens entrevistados.



**Figura 39:** Chegada na Praça Princesa Isabel (Foto: Monique Igreja)



**Figura 40** - Ana utiliza seu *smartphone* (Foto: Monique Igreja)



**Figura 41** - André espera retorno à Murutucu no barco-escola (Foto: Monique Igreja)

Ao visitarmos os únicos locais de interação presencial obrigatória entre os jovens (o barco-escola e a praça), provocados pela ida à escola, foi possível observar que, ao mesmo tempo em que eles têm oportunidade de manter um diálogo, não necessariamente o fazem, pois permanecem manuseando os celulares, ou então conversam, mas com o aparelho em mãos, mesmo que não o estejam utilizando. O *smartphone*, assim, é uma verdadeira extensão do corpo ou auto imputação, nos termos de McLuhan (1964), que perfila novas relações.

Os depoimentos a seguir versam sobre a espera do horário do retorno à ilha pelos alunos, na praça. Apenas dois jovens comentaram que gostam de aguardar no local, pois é o único momento que podem interagir presencialmente com os amigos que moram na ilha e também estudam em Belém, enquanto que outros entrevistados têm uma opinião contrária.

Sim, costumo ver mais eles [os amigos] aqui [na praça]. Os amigos são mais da ilha (André).

É um pouco chato e cansativo. Não gosto muito. Sempre tem que esperar todo mundo sair (Ana).

Assim como observamos no depoimento de André, que enfatiza que seu ciclo de amizades é composto por moradores da ilha, percebemos que uma parcela dos entrevistados tem uma relação de proximidade maior com os jovens de Murutucu do que com aqueles que residem em Belém. Alguns deles apontaram que a intimidade com os jovens da ilha é maior, pois os conhecem há um período de tempo superior se comparado aos da capital, como demonstram as falas a seguir: “A convivência de lá [de Murutucu] é melhor, porque todos se conhecem, é uma intimidade total” (Ana); “Acho que sou mais acostumada com eles lá [da ilha]. Eu tenho alguns contatos de Belém, mas é difícil eu falar com eles” (Luiza). Da mesma forma, Cléo e Breno apontaram que interagem com muitos jovens que pertencem à Murutucu e outras ilhas, e apenas falam com alguns de Belém.

Também observamos que parte dos entrevistados se relaciona de forma mais intensa com os jovens da capital paraense. Eles ressaltam a convivência proporcionada pela escola e a limitação imposta por Murutucu, para encontros presenciais, como argumentos que justificam a proximidade com os amigos da cidade:

Pelo celular, costumo falar mais com o pessoal de Belém, porque tenho uma amiga que mora em Icoaraci e falo muito com ela. Minhas amigas são mais de Belém, eu acho que por causa da escola, a cada série ia conhecendo novos amigos. Os da ilha são os mesmos desde criança (Joice).

São mais os [amigos] de lá [de Belém] do que os daqui [da ilha], é por causa, eu acho, que da igreja [Igreja Quadrangular, que a jovem frequenta em Belém]

e da faculdade também, que a gente acaba conhecendo mais pessoas. Aí aqui, como eu não saio quase de casa, eu não tenho esse contato com os jovens daqui (Jéssica).

Porque eu não saio quase aqui [na ilha], né?! Aí eu não tenho aquele contato quase, só quando tem alguma festividade, alguma coisa da igreja, aí eu vou. E mais por causa dele [do filho da jovem], eu não costumo sair quase (Thays).

Os amigos são mais os da minha turma, porque convivo junto, estudo na mesma sala. Na ilha é difícil pra se encontrar pra conversar (Evanilson).

Nas falas dos entrevistados que têm um contato mais próximo com os jovens de Belém há a constatação da dificuldade de encontrar os amigos de Murutucu: já que a ilha não conta com espaços públicos de lazer, a maioria dos jovens não costuma sair para encontrar os colegas, devido à dificuldade do território, que os limita. Outro fator que corrobora para que parte dos entrevistados não tenha tanto contato com os jovens de Murutucu é a dificuldade inserida no deslocamento, pois alguns deles relataram que os pais não permitem que saiam sozinhos de rabeta. Assim, muito ilhéus não mantêm o contato com os amigos de Murutucu, apesar de os conhecerem desde criança.

A interação que surge entre os jovens da ilha e os de Belém, ocasionada pela matrícula dos alunos no Ensino Fundamental, faz com que eles tenham laços de sociação feitos e desfeitos (SIMMEL, 2006), constituindo uma fluidez de relacionamentos e experiências, como percebemos nas falas de Evanilson e Breno:

Quando eu vim pra Belém estudar, achei diferente o modo de ensino, ficou mais difícil, lá era mais fácil. A convivência com as pessoas também mudou, consegui mais amigos. Me tornei mais maduro, porque lá [na ilha] eu era muito moleque ainda, tinha uns 9 anos, aí pra cá [Belém] peguei mais um pouco de prática, conheci as pessoas, as brincadeiras mudaram também (Evanilson).

Ficou melhor [quando mudou de escola], porque eu ficava só lá naquela escola lá, era só um pouco de aluno, não era bacana (Breno).

Observamos que, com a mudança de colégio para Belém, diferentes formas de sociabilidade ganham contorno na vida dos jovens. Simmel (2006) articula a sociabilidade como um fenômeno de sociação, que engloba os sentimentos e satisfações de o indivíduo se inserir no grupo. As falas dos jovens retratam a satisfação de terem aumentado seu ciclo de amizades, que permanecia limitado enquanto estudavam na escola Acaimu. Com a ida rotineira à capital, os participantes desta pesquisa são colocados frente a novos diálogos e vivências.

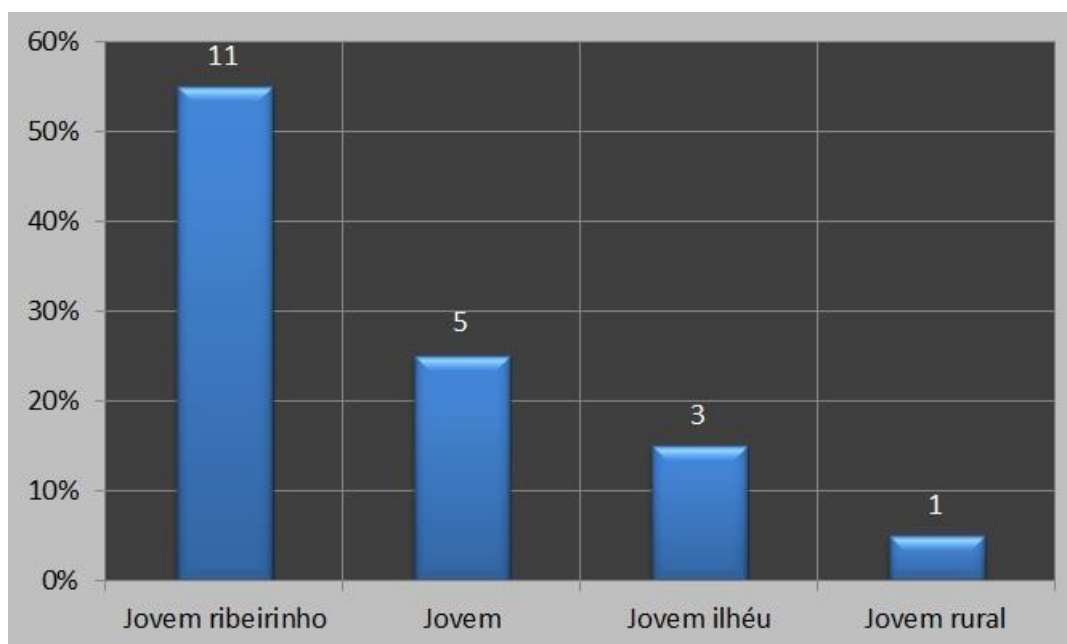
Assim, as experiências compartilhadas pelos jovens de Murutucu respondem aos ecos de sua intersubjetividade e resultam na produção de marcadores de enunciação, que moldam as formas da identidade cultural vivenciadas por eles. Nesta pesquisa, compreendemos as identidades culturais nos termos de Boaventura de Sousa Santos (1993), que as relaciona como processos de identificação, transitórios e fugazes, os quais estão sempre em constante transformação. As identidades seriam, então, identificações em curso. Apresentaremos, a seguir, as identificações relacionadas aos jovens de Murutucu.

### **3.5 Jovens e processos de identificação**

As situações vivenciadas resultam na produção de discursos, que moldam as formas de identificação, na medida em que atravessamos e somos atravessados pelas realidades experienciadas. Assim, os discursos sobre nós mesmos são construídos a partir de nossas experiências, transformadas em memória (MARTINO, 2010).

Quando dizemos quem somos, construímos um percurso entre os fatos e acontecimentos ocorridos no passado e presente, criando-se um discurso dentro de uma história: “Não [criamos] a ‘nossa’ história no sentido de uma narrativa verdadeira, com todos os fatos de nossa vida, mas ‘nossa’ no sentido de que é o discurso escolhido e montado por nós para representar um ‘eu’ diante dos outros” (MARTINO, 2010, p.12). Nesse sentido, as identificações são, ao mesmo tempo, reflexivas e autorreflexivas. As pessoas se definem em relação a elas próprias e aos outros, aos grupos que pertencem, às situações políticas, sociais e econômicas que estão inseridas.

Para compreendermos de que forma os jovens de Murutucu se veem melhor representados, lançamos o questionamento: “Você se identifica como: Jovem ribeirinho, jovem ilhéu, jovem rural, jovem urbano ou apenas como jovem?”. Dos 20 participantes, 11 afirmaram que se identificam mais com a categoria “jovem ribeirinho”, 5 com a classificação “jovem”, 3 com a denominação “jovem ilhéu” e apenas 1 com a categoria “jovem rural”, como demonstrado no Gráfico 06.

**Gráfico 06** – Identificação dos entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas evidenciam a forte ligação dos jovens com o ambiente em que estão inseridos, pois a maioria dos entrevistados se identifica com a categoria “jovem ribeirinho”. Poucos participantes se relacionam com a classificação “jovem”, visto que é mais generalizada, em função dos demais segmentos que demarcam o espaço no qual estão inseridos. Aparentemente, a identidade ribeirinha não coloca conflitos à sua auto identificação, pois há uma incorporação da categoria no próprio linguajar dos ilhéus.

Entretanto, por vezes, os discursos produzidos pelos habitantes da cidade são carregados de representações e relacionam os ilhéus como inferiores. Nesse sentido, frente às novas sociabilidades que emergem com a constante interação dos jovens com os alunos da capital paraense, também se descortinam relações que, por vezes, são permeadas pelo conflito. Grande parte dos participantes deste estudo indicou já ter vivenciado situações de preconceito por morar na ilha.

Por mais que Murutucu esteja localizada próxima a Belém e pertença a esta capital, observamos que o fato de os participantes da pesquisa serem moradores de uma ilha<sup>38</sup> é visto com preconceito por muitos estudantes que residem na capital. Tainara relatou a forma que foi tratada pelos jovens de Belém quando iniciou os estudos na cidade.

<sup>38</sup> O sentido de ilha na Amazônia é carregado de uma representação diferenciada da que costuma ser utilizada para referenciar ilhas em demais contextos. Por exemplo, nas Bahamas, uma ilha remete à ideia de refúgio, contemplação. Na Amazônia, por sua vez, os discursos dominantes inserem uma condição de atraso e marginalização à região insular.

Eles ficavam chamando que o pessoal da ilha são caboquinho, um monte de coisa... nada a ver. Porque, tipo, lá eles falam, entendeu? Que a gente é da ilha... aí eles falam quando a gente vai passando: ‘ah, lá vai as caboquina, e tal’. A gente só fica olhando, né? Não posso fazer nada, não posso brigar no colégio. Isso só era no começo, agora não. Mas meus amigos de verdade são mais os daqui da ilha, tô mais acostumada.

Segundo Ana, que cursa o 8º Ano na Escola Estadual Monsenhor Azevedo, muitos dos discursos preconceituosos são proferidos quando os alunos das ilhas passam a estudar nos colégios públicos da capital:

Hoje já é uma coisa normal, porque estuda mais gente da ilha lá, mas quando vinham tirar essas brincadeiras [sobre morar na ilha] eu cortava logo o mal pela raiz. [Eles falavam] “Ah, ribeirinho, caboquinho”, falavam assim, aí eu falava: sou ribeirinha com muito orgulho e com muito amor.

Com relação aos jovens da cidade a chamarem de “caboquina”, Ana afirma:

Acho *bullying*, uma falta de respeito, uma falta de consideração, porque eles não colocam a mão na consciência deles que morar em ilha é melhor que morar em cidade, por causa da tranquilidade. Eles não sabem o que eles tão perdendo. Eu gosto, é legal.

As jovens Cléo, Thays e Jéssica relataram que também já vivenciaram situações de preconceito:

As pessoas da cidade ainda costumam ter preconceito com gente da ilha, que elas dizem que são caboquinhos, que é tudo abestado. Elas tratam assim com indiferença. Não falaram diretamente, mas entre aspas falaram, e a gente entende porque a gente não é abestado como elas falam. Elas tratam assim com diferença, como quem quer dizer: ‘Ah, essa aí não sabe nada porque é do interior, tipo assim’ (Cléo).

Muito, muito preconceito. O povo é muito preconceituoso com relação à gente que mora aqui, né? Porque tipo assim, quando a gente fala: ‘Ah, eu moro lá do outro lado’, aí o povo pensa logo assim: ‘Ah, é aquela coisa primitiva, ah eles são tudo caboco, não sabem de nada’. Assim, eu acho que ainda tem muita gente que pensa assim, muita gente, entendeu?! (Thays).

Já senti [preconceito], tanto que logo no início, quando eu comecei a ir pra Belém, eu não gostava de falar que eu era daqui, aí começavam a dizer: ‘Ah, ribeirinho’, começavam a ter preconceito realmente, tratavam a gente diferente. Qualquer coisa [falavam]: ‘Ah, caboquinho, não sabe de nada’. Era estranho, até pra fazer trabalho em grupo, quando geralmente tinha que reunir lá, eles deixavam a gente de fora, por a gente ficar aqui e não poder estar lá pra reunir com eles, aí era chato, muito chato isso (Jéssica).



Os depoimentos das jovens evidenciam a problemática que envolve o termo “ribeirinho”, o qual, muitas vezes, vem atrelado à palavra “cabquinho” e carrega um sentido de inferioridade, relacionando o morador das margens dos rios como um indivíduo desprovido de inteligência. O conhecimento da experiência dos ilhéus não é considerado importante a partir dos preceitos de muitos dos jovens da cidade. Percebemos que há uma valorização do contexto relativo aos habitantes de Belém, em detrimento dos elementos que condizem à realidade dos ilhéus. É o típico pensamento do colonizador, que demarca a diferença entre colonizador e colonizado. Segundo Bhabha (1998, p.111), “o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução”.

No caso do caboclo, esse rótulo engloba estereótipos como preguiçoso, indolente, passivo, criativo e desconfiado, além de se referenciar à ideia de primitivo e pobre (LIMA, 1999). Bhabha (1998) ressalta que o estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, estabelecendo-se como ponto primário no processo de subjetificação no discurso colonial.

O depoimento da jovem Thays, apresentado a seguir, expõe a posição narcísica e agressiva destacada por Bhabha (1998) como postura que costuma ser adotada pelo colonizador perante o colonizado:

Teve uma vez que o professor tava falando de antigamente, sobre os europeus que faziam a troca de mercadorias e não sei o quê mais, aí um menino falou assim mesmo: ‘Ah, é que nem a ilha do Combu, quando o povo vai, eles trocam coisa por comida, o povo de lá traz alimentos e o povo daqui dá frutas, ou alguma coisa assim’, aí eu falei: ‘Acho que você tá pensando errado, o povo de lá vive tão bem quanto o daqui’. Aí o menino falou assim mesmo: ‘Mas não parece, porque quando a gente vai de lancha pra lá, o povo fica olhando, tudo olhando pra gente, porque a gente só toma whisky, não sei o que...’, aí eu falei: ‘Ah, é engraçado, tu tem dinheiro pra pagar whisky, pra pagar lancha, mas tu não tem dinheiro pra pagar uma escola particular pra ti, tá aqui no Zacarias’, aí ele se calou, não falou mais nada (Thays).

O relato de Thays expressa os marcadores sociais presentes no discurso estereotípico produzido pelo estudante de Belém. Nele, o jovem da capital se vale de um aspecto histórico, o escambo que envolvia a troca de mercadorias por outros produtos entre indígenas e europeus no século XVI, para relacionar as populações das ilhas a partir de uma condição inferior. Elas são representadas fora dos padrões sociais tidos como superiores pelos cidadãos, que têm acesso a lanchas e bebidas, como se referiu o estudante da cidade.

Observamos que grande parte do preconceito direcionado aos jovens de Murutucu ocorre no ambiente escolar, espaço de socialização primária no qual processos discriminatórios costumam acontecer, pois, nas instituições, muitas vezes os jovens são reduzidos a estereótipos construídos em relação a eles, e que podem originar conflitos (SALLES; SILVA, 2008).

Percebemos que o diminutivo do termo caboclo, o “cabquinho” utilizado por alguns cidadãos para se estabelecerem como classe superior frente aos ilhéus, é rejeitado pelos entrevistados, pois claramente se sentem incomodados ao discorrerem sobre o tema, apesar de uma das jovens ter declarado não se importar com a nomenclatura. Deborah Lima (1999) aponta que, no discurso coloquial, a categoria social caboclo é complexa e está relacionada a um estereótipo negativo, já na antropologia, seu uso se dá para abordar os camponeses amazônicos e distinguir os habitantes tradicionais daqueles recém-chegados de outras regiões do Brasil.

A categoria caboclo envolve aspectos geográficos, raciais e de classe. Conforme Lima (1999), ela é reconhecida como um dos “tipos” regionais do Brasil, que inclui gaúchos, baianas e sertanejos, diferenciados de acordo com a geografia, história da colonização e origens étnicas. Dessa forma, os caboclos são considerados pelos brasileiros como o tipo humano característico da zona rural da Amazônia.

O termo também é utilizado para designar o indivíduo nascido da mistura entre indígena e branco. Mas, diferente das demais categorias raciais, como mulato e cafuzo, o nome caboclo é usado também como classificação social. “Embora a associação entre os conceitos coloquiais de raça e classe não seja sempre real ou precisa, ela é usada na construção de uma representação de classe superior amazônica como *branca*, enquanto se faz referência à classe baixa rural como *cabocla*” (LIMA, 1999, p. 7, grifos da autora).

Na Amazônia, a utilização do termo também passa por um aspecto relacional, ao se remeter a pessoas que estão em uma posição social inferior se comparada ao locutor.

Os parâmetros utilizados nessa classificação coloquial incluem as qualidades rurais, descendência indígena e ‘não civilizada’ (ou seja, analfabeta e rústica), que contrastam com as qualidades urbana, branca e civilizada. Como categoria relacional, não há um grupo fixo identificado como caboclos. O termo pode ser aplicado a qualquer grupo social ou pessoa considerada mais rural, indígena ou rústica em relação ao locutor ou à locutora (LIMA, 1999, p. 7).

Lima (1999) destaca que o nome caboclo é uma categoria social, portanto, é uma abstração que foi criada justamente para representar uma unidade de um sistema de classificação social, com o objetivo de retratar as diferenças entre indivíduos em sociedade por meio de rótulos de identificação. A autora atenta para a nomenclatura como uma maneira de poder:

“uma forma de expressar dominação de uma classe sobre outra é o exercício do poder de dar nomes” (LIMA, 1999, p.27).

Observamos que o ato de dar nomes, por vezes, também parte dos jovens ilhéus. Tainara relatou que os jovens de Belém frequentadores das festas que acontecem nas ilhas localizadas nas adjacências da capital são chamados de “importância” pelos jovens de Murutucu, pois “tem pessoas de Belém que são muito metidas, sei lá, se acham demais. Quando eles chegam lá nas festas são tudo (sic) metido e falam: ‘Ai, o que é isso?’, ‘Não sei o que é...’. É muita frescura. Alguns têm aquela cara de nojo”. Assim, Tainara se vale de um termo (importância) utilizado pelos próprios jovens de Belém, pra fazer uma crítica social: se eles se acham importantes, quer dizer, então, que os da ilha não são.

A partir dos depoimentos e pela auto identificação dos jovens ilhéus, que acreditam estar melhor representados por meio do termo “jovem ribeirinho”, compreendemos que a problemática não está no uso da nomenclatura “ribeirinho” em si, mas no tom, na forma utilizada para mencioná-la, pois, no discurso dos jovens de Belém, o emprego da palavra “ribeirinho” não acontece para abordar aspectos geográficos dos moradores ou para referenciar os camponeses amazônicos, e sim para designar características como “primitivo” e “inferior” a eles.

Percebemos que a proximidade física com a cidade se constitui um marcador espacial importante na vida dos jovens de Murutucu. O fácil acesso entre Belém e a ilha torna constante a comparação pelos jovens entre ambos. Dessa forma, a questão espaço-temporal se configura como um dos elementos primordiais desta pesquisa.

### **3.6 Interação espaço-temporal**

O geógrafo britânico David Harvey, em seu livro “Condição pós-moderna”, aborda o tempo e o espaço na vida social, com o objetivo de esclarecer os vínculos presentes nos processos político-econômicos e culturais. Ele ressalta que o tempo e o espaço são categorias básicas na existência humana, mas que raramente são discutidas, por terem definições estabelecidas no senso comum. Harvey (2002) aponta que, enquanto a passagem do tempo é regida por dias, horas, minutos e segundos, o espaço tem aspectos mais complexos, como direção, área, forma, padrão e volume, que o conferem um caráter objetivo. Na sociedade moderna, os sentidos do tempo e espaço são múltiplos. Conforme o autor, a experiência subjetiva pode levar “a domínios de percepção, de imaginação, de ficção e de fantasia que

produzem espaços e mapas mentais como miragens da coisa supostamente ‘real’” (HARVEY, 2002, p.188).

Assim, as concepções relativas ao tempo e espaço são originadas por meio de práticas e processos materiais que variam de acordo com os elementos geográficos e históricos: “Em suma, cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço” (HARVEY, 2002, p. 189). Segundo o autor, as práticas espaciais e temporais somente têm sentido se pertencentes a ações derivadas de relações sociais. Nesse sentido, pretendemos compreender os significados atribuídos ao tempo e ao espaço da cidade de Belém e da ilha de Murutucu, a partir das interações articuladas pelos jovens ilhéus.

Abordar o espaço como territorialidade significa apreender as formas de ler e interpretar a cultura situada entre o espaço e a comunicação (FERRARA, 2008). Nesse sentido, pretendemos desvelar as representações sociais sobre os espaços de Belém e Murutucu, incorporadas pelos jovens que fazem parte desta pesquisa. Quando questionados a respeito da possibilidade de morar definitivamente na ilha, a maioria (12 entrevistados) respondeu que não, por acreditar que Murutucu não possibilita opção de estudo, nem ascensão profissional.

Não pretendo ficar na ilha, porque eu pretendo trabalhar, né? Aí tô fazendo a faculdade. Eu morei pra lá [Belém] ano passado, uns cinco meses, então eu já tava acostumada com toda facilidade, tudo que a gente quer vai ali na frente da rua comprar, aí quando eu voltei pra cá [ilha] eu já estranhei essa dificuldade, de a gente querer uma coisa e não ter, então eu quero voltar pra lá (Jéssica).

Porque assim, eu tenho vontade de fazer uma faculdade, de trabalhar, entendeu? E aqui [na ilha] o transporte ele é meio ruim, aí eu quero ir trabalhar e não tem como. Tipo, aqui tem uma empresa que leva os alunos, que tem obrigação de levar os alunos, mas só de escola, entendeu? Aí como eu já vou terminar a escola, eu vou fazer um cursinho, uma faculdade, alguma coisa assim, aí pra quem mora pra cá [para a ilha] fica difícil. Tudo fica difícil, então eu pretendo ir pra lá (Thays).

Porque em algumas partes [morar na ilha] é bom por causa do silêncio, não é perigoso, é mais sossegado. E pra cá [Belém] por causa de emprego, estudo, curso, essas coisas. Quero me mudar pra procurar a minha melhora, no caso (Ana).

É muito difícil, olha, quando eu comecei meu estágio, que foram quatro meses, eu me mudei pra lá pra Belém, porque o acesso assim de manhã muito cedo. Eu tinha que tá cedinho, 7h nos hospitais, aí 5 da manhã eu já tinha que tá saindo daqui, aí ficava muito difícil pra mim, aí eu me mudei pra lá por isso (Cléo).

Eu acho um pouco difícil continuar na ilha, porque eu pretendo me formar, estudar mais, ser alguém na vida (Aldair).

Ah... não tem nada divertido, tipo Internet, não tem (Evelyn).

As falas de grande parte dos jovens expõem a dificuldade de deslocamento a Belém, para atividades de trabalho e estudo, como fator primordial para não continuarem morando na ilha. É importante ressaltar que o desejo de não permanecer no local está presente, principalmente, nos jovens que têm uma idade mais elevada e que já tiveram experiências de estágio e trabalho em Belém, como as irmãs Cléo, de 27 anos e Jéssica, de 24. Assim, percebemos que há uma relação de proximidade e estranhamento, do gostar e não gostar desse mesmo espaço, que é seguro e tranquilo, mas ao mesmo tempo não oferece melhorias no aspecto financeiro, que Belém pode oportunizar.

A capital paraense é vista como um local de oportunidade e desenvolvimento profissional, elementos não inseridos na realidade de Murutucu, que tem baixo investimento em educação e políticas públicas insuficientes para a geração de emprego e renda. Foi possível observar que nenhum dos entrevistados considera, no futuro, atuar com a produção extrativista de açaí, atividade da maioria dos pais dos jovens, devido às dificuldades inseridas, como as safras e entressafras, que não garantem uma renda fixa.

Muitos dos jovens que afirmaram não pretender morar definitivamente em Murutucu destacaram que gostam de viver no contexto insular e que, se não existisse a dificuldade de se empregar e estudar, continuariam residindo na ilha. Percebemos que os participantes não são insatisfeitos com o local em que habitam, pois os depoimentos não relacionam a ilha como um espaço ruim para se viver, mas como um espaço limitado de crescimento profissional.

Nenhum dos entrevistados considerou a falta de espaços institucionalizados de lazer como um fator motivador para deixar de morar na ilha. Dessa forma, os jovens de Murutucu se diferenciam dos demais jovens rurais, abordados no estudo de Carneiro (1998, p.257). A autora afirma que muitos veem a cidade como um local privilegiado para atividades, como festas: “a ausência de espaços de lazer é responsável, entre outros fatores, pela avaliação negativa do campo em relação à cidade e pelo desejo de migração”. Entretanto, esse fator não é considerado pelos entrevistados, pois não articulam a falta de locais de lazer a partir de um aspecto negativo e não percebem o lazer como uma necessidade. Aparentemente, o espaço virtual proporcionado pelo *smartphone* supre a necessidade do encontro presencial, já que uma parcela dos jovens declarou não haver diferença entre falar presencialmente e pela Internet com os amigos.

Dos 8 entrevistados que afirmaram pretender continuar morando em Murutucu, sete pertencem à faixa etária de 14 a 18 anos. Dessa forma, constatamos que a maior parte dos jovens que têm idade inferior a 18 anos descarta a possibilidade de mudança da ilha para Belém, pois ainda não priorizam o trabalho como realização pessoal. Ressaltamos elementos que justificam a permanência em Murutucu:

Eu gosto mesmo porque aqui tem muitas árvores e eu gosto de árvore (Jamile, 16 anos).

Eu gosto do silêncio, porque não gosto muito de barulho. Acho que aqui é tudo de bom (Tafís, 17 anos).

Claro, quero ficar na ilha, com certeza. Eu não pretendo sair daqui. Principalmente porque é calmo, sem esse movimento, assim, sem barulho... tu é doido?! Totalmente diferente de Belém (Tainara, 15 anos).

Ah, é tranquilo e acho que porque eu já tô acostumada lá [na ilha], e eu gosto muito de lá (Luiza, 18 anos).

Sim, é perto mesmo de Belém... gosto de ficar lá (Breno, 15 anos).

Pretendo [continuar morando na ilha]. Adoro! Gosto do ambiente, de estar no meio de tranquilidade, da natureza, do rio principalmente (Rayane, 23 anos).

Observamos que, mesmo frente às dificuldades inseridas no contexto ilhéu, a tranquilidade e a natureza presentes em Murutucu são apontadas pelos entrevistados como fatores primordiais para a permanência no local, em detrimento à vida agitada da cidade. Dos 20 jovens, 17 responderam que gostam de morar na ilha, apenas um relatou não gostar, assim como um jovem respondeu “mais ou menos” a essa questão e outro afirmou que gosta “um pouco”.

Quando perguntados sobre o que mais gostam do lugar em que moram, os jovens evocaram elementos característicos da ilha como fatores significativos da experiência de morar em Murutucu, tais como a tranquilidade, calma, sossego, silêncio, segurança e as atividades realizadas no rio, que interligam os entrevistados a um modo de vida diferente do relacionado a Belém, como expõem os depoimentos a seguir:

Eu amo morar aqui na ilha. Porque olha o silêncio... é bem ventilado. Ah, eu gosto. E eu acho que também porque eu fui nascida e criada aqui, né? Então eu gosto, ainda mais agora que tem luz direto. Só é ruim assim, esse negócio do celular, que a área não dá muito boa pra entrar na Internet (Cléo).

Gosto de tudo: gosto do rio, do silêncio (Amanda).

Eu acho que o que mais gosto daqui é a calma, o sossego (Caroline).

Gosto de tudo: tomar banho no rio, tirar açaí, brincar de bola (Evanilson).

Eu gosto da tranquilidade daqui, até porque é mais seguro, porque Belém tá tão perigoso (Jéssica).

Gosto de morar na ilha, eu acho que o que mais gosto daqui é da tranquilidade, é muito calmo, eu gosto de ficar em lugar calmo, sem preocupação, sem barulho (Joice).

Eu gosto de morar aqui em partes, porque eu gosto do silêncio, não tem muito perigo, mas não gosto com relação ao transporte (Thays).

Gosto da tranquilidade, é muito mais calmo do que aqui em Belém, mais tranquilo pra lá [Murutucu] (André).

Também questionamos, aos 20 participantes, sobre os elementos menos atrativos do local em que moram. Dessa totalidade, 14 apresentaram aspectos como a falta de água potável, de um sistema de saneamento, de coleta de lixo, a maresia (que limita os horários de locomoção pelo rio), a baixa qualidade da área de operadoras para o acesso à Internet pelo celular e o fluxo contínuo de lanchas que transitam em alta velocidade também estiveram presentes na fala dos entrevistados. Foi possível constatar que não há uma hierarquia de importância nos serviços apontados, pois os jovens classificaram tais necessidades como pertencentes a um mesmo patamar de prioridade. Os demais entrevistados (6 jovens) se esforçaram para apontar argumentos negativos, afirmando, posteriormente, desconhecer algo que não os agrada no local:

O que eu menos gosto? Não tem... (Cléo)

Acho que não tem nada que eu menos goste (Taís)

Ah, essa foi boa. [risos] O quê que eu não gosto daqui? Agora não tem nada. Gosto de tudo. O que faltava já tem que é a energia (Tainara).

O que eu menos gosto? Acho que pra mim não tem (Luiza).

Fica evidente a realidade de carência de alguns serviços básicos não disponibilizados aos moradores de Murutucu, como exemplo, a utilização de água potável, que necessita ser adquirida por meio de comerciantes que se deslocam em suas embarcações pelas margens do rio, oportunizando, assim, a aquisição de galões de água mineral pelos ilhéus. Por vezes, tal aquisição também é realizada em estabelecimentos comerciais localizados em Belém.



O lixo produzido pelos ilhéus, por sua vez, é queimado pela maioria dos moradores em seus quintais. No período das cheias, a água invade os terrenos e leva todo o lixo queimado, poluindo os rios. A questão sanitária também é problemática, pois não há sistema de esgoto. Dessa forma, os dejetos também são jogados nos rios, sendo a mesma água utilizada para o banho dos habitantes.

Hilton Silva (2006) destaca o descaso do poder público com as populações caboclas, “devido às suas características genética e culturalmente mestiças e a sua pouca organização político-social, o que faz deles um segmento da população brasileira definido por alguns autores como ‘invisível’” (SILVA, 2006, p.324). Essa invisibilidade também pode ser notada por meio de um fato relatado pela jovem Jamile, que reside no Furo da Paciência. Ela declarou que muitas pessoas dirigindo lanchas e *jet skis* passam em alta velocidade em frente às residências situadas no Furo, a qualquer hora, parecendo não se importar com a população e interrompendo a tranquilidade que costumava envolver o local. A imagem a seguir registra o movimento de embarcações (Figura 42).



**Figura 42** - Trânsito de embarcações no Furo da Paciência (Foto: Monique Igreja)

O movimento se dá principalmente aos finais de semana, quando moradores de Belém, que possuem um padrão de vida elevado, utilizam seus *jet skis* e lanchas para desfrutarem momentos de lazer. O Furo da Paciência dá acesso a restaurantes situados na ilha do Combu, fator que corrobora para que o fluxo nas redondezas seja intenso.

O movimento é quase todo dia, a qualquer hora do dia e da noite (Jamile).

Sem falar que, às vezes, eles passam até... tendo relacionamentos sexuais. Já vi várias vezes (Evelyn).

Eu já vi mulheres fazendo *strip-tease*, já vi várias coisas. E passam escutando músicas altíssimas, eles passam aí na maior velocidade num rio muito pequeno, pode acontecer um acidente. Já aconteceu várias vezes de eles estarem aí na maior velocidade, bêbados, dirigindo, e bate ali na frente (Jamile).

Além da poluição sonora, a exposição de relacionamentos sexuais nas embarcações também causa revolta nas jovens, pois consideram uma “falta de respeito” com as pessoas que moram ao longo dos rios. Os depoimentos das jovens evidenciam que o sossego do entorno da ilha está comprometido, causando indignação, pois o silêncio e a tranquilidade de Murutucu são tidos como os maiores trunfos do local.

Constatamos que ao mesmo tempo em que os ilhéus desejam a preservação de características tradicionais de Murutucu, como o silêncio e a tranquilidade, eles se ressentem de aspectos da modernização que ainda não atendem suas necessidades, dentre elas, a ampliação da área de telefonia, para que a Internet seja captada com melhor qualidade em seus *smartphones*. O fato de os jovens terem um acesso facilitado entre Murutucu e Belém possibilita que eles estabeleçam diferenças entre os dois espaços, como exemplo, a segurança presente na ilha e a violência da capital paraense. Evelyn relata como essa diferença interfere no uso do *smartphone*:

Aqui não é igual lá em Belém, que a gente sai e tem que esconder o celular na roupa. Aqui não, tu pode sair, pegar o celular, bater [foto], pode tirar pra mexer. Lá em Belém não, se tu tirar tu já fica olhando e pensando ‘Meu Deus, vou ser assaltada’. Quando a gente sai daqui, a gente já tem que preparar um lugar na roupa pra colocar o celular. Aí eu prefiro aqui.

A jovem Jamile complementa essa questão: “Só em alguns lugares em Belém que a gente acha que tá seguro por causa das câmeras, mas a gente sabe que a gente não tá”. A relação entre o barulho de Belém e o silêncio da ilha também foi outro ponto bastante citado pelos entrevistados:

Hoje em dia, muita gente tá procurando um lugar sossegado pra morar, não quer um lugar agitado pra morar, aí pra lá [Murutucu] é bom porque não tem barulho, trânsito, tiro, polícia passando toda hora. Na realidade, nem tem polícia pra lá. Aí não tem barulho toda hora como pra cá [Belém]. Gosto disso. Não trocaria a ilha por nenhum lugar (Ana).

Eu, particularmente, não gosto de estar pra Belém, porque eu não me acostumo, acho muito barulho, muito quente, e eu me sinto presa. Aqui eu

saio, posso não sair por aí, mas eu saio, ando por ali, e lá é só dentro de casa, pq eu tenho medo, à noite eu não saio. Além de ter medo, eu não gosto mesmo (Cléo).

Em Belém é muito corrido, é muita agonia, é muito calor e muito movimento (Daniel).

Lá [em Belém] é som pra todo lado, é aquela coisa, pra cá não, é bem mais calmo (Jéssica).

Não gosto de Belém, é muito, sei lá... Toda vez que vem pra cá tão roubando a gente. Quase toda tarde roubavam celular aí na praça, era só chover que os moleque vinham aí sozinho com o celular e sempre roubavam (Breno).

Apesar de a capital paraense ser vista como um espaço de oportunidade de trabalho e estudo, ela é representada a partir de um viés negativo, como um lugar barulhento e inseguro. É importante ressaltar que a Praça Princesa Isabel é um dos espaços tidos como referência para os ilhéus em Belém, já que eles transitam pelo local todas as vezes que frequentam a escola. Joice afirma que os jovens estão expostos ao perigo na praça. Percebemos que a preocupação com a segurança envolve, principalmente, o roubo do celular:

Eu não costumava levar o celular pra aula porque o local que o barco fica esperando a gente é muito perigoso, mas se não fosse isso levaria o celular normal. Já entraram no barco e assaltaram os jovens, porque eles veem que os alunos levam. Não tem nenhum aluno que deixe o celular em casa nesse barco, aí eles roubam mesmo. Sempre ficam uns só olhando, aí às vezes param o aluno e ameaçam logo que vão matar se não derem o aparelho. É só o que eles pedem (Joice).

Localizado no bairro da Condor, a praça Princesa Isabel tem altos índices de violência, por estar situada próxima ao rio Guamá e ter vários portos em suas adjacências, o que a torna pouco movimentada e alvo constante de assaltos, como relatou Joice. Nos depoimentos dos jovens, percebemos que as características de Murutucu e Belém estão bem demarcadas. Apesar de haver definições diversas entre as realidades urbana e rural, Belém não é percebida como um outro lugar, mas sim como um “continuum” (WANDERLEY, 2001), marcado pela proximidade útil. Há uma integração nas relações entre os dois espaços, entretanto, essas mudanças não ocasionam o fim do polo rural.

Assim, a mobilidade física reconfigura as percepções dos jovens sobre a realidade que vivem na ilha e a que observam em Belém, nas idas cotidianas à escola. Para compreendermos os marcadores pessoais de espacialidade, lançamos o questionamento aos entrevistados: “Belém é longe para você?”. Dos 20 participantes, 18 indicaram que a capital não é longe da ilha. Apenas Breno e André acreditam que Belém é distante de Murutucu. É importante ressaltar

que eles residem no Furo da Paciência, local que tem residências com um acesso mais limitado se comparado aos moradores que vivem às margens do rio Guamá.

Nesse sentido, as TICs despontam como uma ferramenta de controle da espacialidade e da temporalidade. Todos os jovens entrevistados concordaram com o fato de que seus *smartphones* permitem uma intensificação, no tempo e no espaço, de seu contato com os amigos. Porém, a tecnologia não resulta em igual experiência espaço-temporal das realidades vivenciadas.

Para abordar o aspecto de temporalidade, lançamos aos entrevistados uma questão presente no senso comum referente à percepção do “passar do tempo”: “Você sente diferença entre o passar do tempo em Belém e Murutucu? Por quê?” Em resposta, os entrevistados relacionaram o passar do tempo ao transcorrer das horas, em que três jovens citaram não sentir diferença no passar do tempo nas duas localidades e outros quatro apontaram que o tempo demora a passar em Belém. A maior parte dos participantes (13 jovens) afirmou ter a impressão de que o tempo costuma passar mais rápido na cidade, como demonstra o gráfico a seguir.

**Gráfico 07-** O passar do tempo na visão dos jovens



Fonte: Elaborado pela autora

Os jovens que indicaram sentir que o tempo passa mais lento em Belém apresentaram, como justificativas para essa sensação, a espera para o retorno à Murutucu, na Praça Princesa Isabel, e o fato de não gostarem da cidade:

Parece que custa mais para escurecer. Quando dá cinco horas em Belém, parece que ainda tá claro, claro, e aqui não, quando dá cinco horas, já tá à tardinha, o sol já sumiu. Por isso que eu não gosto de lá... não sei se é também porque eu não gosto de ficar pra lá, aí parece que o tempo custa a passar (Cléo).

Quando eu tô aqui [em Murutucu] parece que passa mais rápido do que quando eu tô lá [em Belém]. Parece que lá é uma eternidade para passar a hora (Jamile).

Lá em Murutucu sinto que passa mais rápido do que aqui em Belém, não sei explicar isso. Todo dia é assim, eu não gosto de ficar esperando o barco, talvez seja por isso que em Belém passa mais lento (André).

Lá [em Belém] demora mais. Porque, geralmente, quando eu vou pra Belém, é mais quando eu vou pra escola, aí eu já saio cedo e fico no barco, aí espera, espera aluno (Evelyn).

Paes Loureiro (2001, p. 67) destaca o caráter sensível do tempo: “[...] o tempo dos homens é como algo acontecendo sensivelmente, visivelmente em derredor”. A passagem do tempo é relacionada por André e Evelyn à espera do barco que realiza o transporte de Belém para Murutucu. Cléo e Jamile, por sua vez, declararam que não gostam de ir à cidade, devido ao seu grande movimento e barulho. Os depoimentos dos entrevistados evidenciam o aspecto subjetivo da temporalidade. Ela está imbricada na relação do sujeito com o espaço que habita. Dessa forma, o tempo não se configura como um processo real, mas nasce da relação do indivíduo com as coisas. (MERLEAU-PONTY, 1994).

Na Amazônia, o tempo tem um lugar específico no espaço, como demonstra Paes Loureiro (2001, p.102): “Traduz uma forma de existência profunda ligada ao sentido de origem perene das coisas. Para viajar, para plantar, para pescar e coletar, para o nascer e o morrer, o tempo serve de referência, enquanto que o espaço se torna difuso”. O aspecto temporal também está presente na relação com os rios, que, com seus períodos de cheias, pautam o tempo que os jovens ilhéus podem se locomover entre a ilha e Belém.

A rapidez do passar do tempo na capital paraense foi apontada por 13 entrevistados, que ressaltaram o agito e a movimentação da cidade como fatores para a sensação de diferença no passar das horas. A utilização do celular também foi destacada como facilitadora para a percepção de que o tempo passa mais rápido na cidade, já que em Belém os jovens têm acesso a uma qualidade melhor da Internet. Destacamos alguns dos relatos:

Parece que aqui [em Belém] o tempo passa mais rápido, porque na verdade é mais correria, aqui é mais, assim, tudo passa mais rápido, menos quando eu tô no colégio, parece uma eternidade. Acho que passa mais rápido por causa do

modo de vida, até porque lá na ilha não tem tantos habitantes assim, é uma casa longe da outra, é bem diferente daqui (Vanessa).

Quando eu fico na casa da minha tia aqui em Belém, eu vejo que pra mim o tempo passa mais rápido aqui, pra lá [na ilha] eu acho que demora mais... acho que eu não tô acostumada pra cá, já tô acostumada com o tempo de lá (Luiza).

Ontem eu fui pra lá [Belém], eu tinha um exame pra fazer três horas e atravessei 10 horas. Foi tão rápido que eu queria dar uma relaxada e não podia porque já tava em cima. Eu acho que se eu tivesse aqui em casa eu poderia dar um cochilo e tanto... muito rápido, de verdade. Não sei explicar, acho que porque a gente tá acostumado aqui [na ilha] com essa natureza, parece que não sai aqui, o tempo não se anima, a gente fica olhando pra cá. E lá não, lá tem um movimento, tem pra onde tu sair, tem várias coisas pra ti fazer e quando tu vê já tá em cima da hora, o tempo já passou. Acho que deve ser porque a gente tá acostumado, aqui é um lugar calmo. A gente sai de um lugar calmo pra ir pra um lugar movimentado, isso é muito estranho, né? (Joice).

A experiência espacial e temporal dos jovens do Murutucu respondem aos ecos de sua intersubjetividade. Apesar da proximidade com Belém, os jovens têm consciência sobre a diferença da experiência espacial e tópica vivenciada em Murutucu e na cidade. Por vezes, o rápido passar do tempo na capital paraense é conferido ao seu agito e a lentidão é relacionada à Murutucu com a falta de atividades inseridas em seu contexto.

Também observamos que a questão do espaço e do tempo está inserida na relação com o *smartphone*, que produz temporalidades diferenciadas e espaços diversificados, na medida em que comprime o tempo, dilui fronteiras e redefine o espaço (LEMOS, 2011). Percebemos, no depoimento de Jéssica, que o uso do *smartphone* produz novas sensações de realidade, pois a jovem articulou o rápido decorrer do tempo à possibilidade de acessar a Internet pelo aparelho: “Acho que o tempo passa mais rápido lá [em Belém], porque eu fico no celular o dia todo, aí eu nem vejo o tempo passar, aí quando eu tô aqui [na ilha], eu fico lendo alguma coisa ou dormindo, porque não pega a Internet”. Dessa forma, os *smartphones*, e os processos de midiatização decorrentes do seu uso, produzem uma nova metafísica do espaço e do tempo, articulando sociabilidades e formas de interação diferenciadas junto aos jovens de Murutucu, as quais serão contempladas a seguir.

### 3.7 Interação tecnológica

Na realidade dos jovens pesquisados, percebemos que o significado do *smartphone* é representativo, pois os ilhéus estão limitados fisicamente, visto que as residências de Murutucu são localizadas distantes umas das outras, não possuindo ruas. Dessa forma, não é possível

percorrê-la através de meios de transporte terrestres, pois é entrecortada pelos denominados furos. Assim, a locomoção é dificultosa. Muitos participantes relataram que seus pais não deixam eles se deslocarem sozinhos de rabeta, e alguns dos jovens afirmaram que a família não possui embarcação. Nesse contexto, boa parte das interações ocorre no ambiente virtual, através do *smartphone*.

Outro fator importante para a pesquisa é que os jovens não possuem computadores, pois, segundo Joice, a prestação dos serviços de energia elétrica é constantemente interrompida:

Por causa da queda de energia, que vai e queima tudinho, muita gente pra cá não tem computador que dê pra imprimir. Sempre cai energia, todos esses dias nós estamos sem energia por causa da chuva, e às vezes a queda é muito forte e queima tudo. É por isso que tem que ter um notebook, sem ligar fio nenhum.

Dessa forma, o acesso à Internet se dá por meio da aquisição de planos de Internet móvel, contratados junto às operadoras de telefonia, que possibilitam a conexão 3G no *smartphone*, pois os jovens não usufruem de conexão via *wireless*, que transmite dados de rede sem fio.

Durante pesquisa de observação realizada com Joice e Rayane, foi possível perceber algumas dinâmicas que envolvem o *smartphone* e os jovens de Murutucu. Mas, para apresentá-las, primeiramente será abordado o contexto em que se deu a pesquisa.

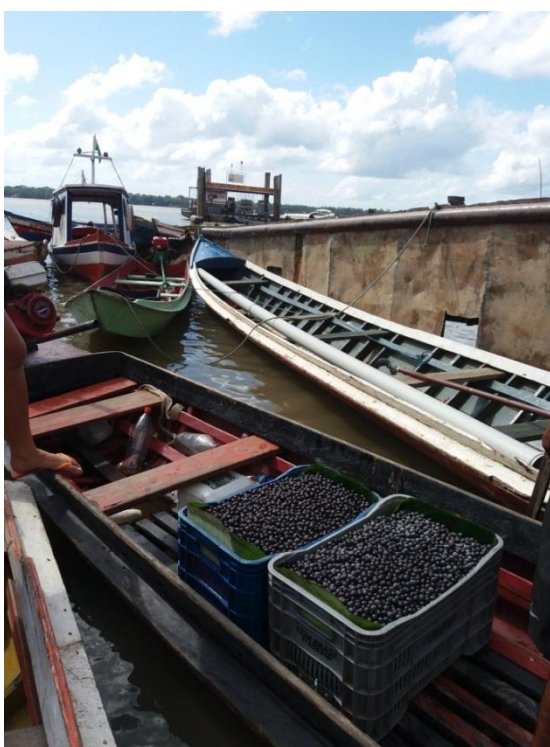
A partir de agendamento prévio, pude acompanhar Rayane em suas atividades diárias. Em uma manhã de sexta-feira, às nove horas, a jovem me conduziu de rabeta ao Porto da Palha, onde costuma adquirir produtos para a elaboração das refeições. Chegando ao local, deparei-me com um aglomerado de embarcações (Figura 43), que impossibilitava o acesso direto à rampa de entrada do Porto. Foi preciso muita habilidade para que, de salto em salto, pudéssemos passar pelos barcos que estavam atracados às margens do Porto.





**Figura 43** - Aglomerado de rabetas na entrada do Porto da Palha (Foto: Monique Igreja)

Durante todo o período em que permanecemos no Porto, calculado aproximadamente em trinta minutos, observei grande movimentação de comerciantes que chegavam com cestos repletos de caroços de açaí (Figura 44 e 45).



**Figura 44** - Chegada de açaí no Porto da Palha (Foto: Monique Igreja)



**Figura 45** - Transporte dos cestos de açai (Foto: Monique Igreja)

Após adquirir os alimentos necessários para o preparo do almoço da família, Rayane me conduziu à residência de sua mãe, Dona Janice, que mora na companhia dos filhos Daniel e Joice, local em que foi servida a refeição. Rayane é casada, tem um filho, e sua casa encontra-se localizada bem próxima a de sua mãe. Há uma prática presente em muitas das famílias de Murutucu: ao se casarem, os filhos costumam construir moradias em áreas pertencentes aos de seus familiares. O trajeto percorrido do Porto da Palha até a residência de Dona Janice foi de, aproximadamente, 20 minutos. Ao chegarmos à moradia, a sua pintura verde destacava-se em meio ao verde do cenário da natureza (Figura 46).



**Figura 46** - Chegada na residência de Dona Janice (Foto: Monique Igreja)

Tive o privilégio de participar desse almoço em família, que foi servido juntamente com açaí extraído por Daniel e preparado naquele momento por Joice. Durante a refeição, Joice relatou que havia adquirido um celular novo, o Samsung Galaxy Gran Prime, comentando, com propriedade, a respeito dos mais diversos modelos de *smartphone* disponibilizados no mercado, bem como seus respectivos recursos e funções.

Joice indagou se meu *smartphone* pertencia ao modelo Samsung Galaxy J5 e respondi que sim. Ela, então, elencou as qualidades do celular e comentou que gostaria de adquirir tal aparelho. Logo após, questionou ainda se poderia utilizar meu *smartphone* como roteador Wi-Fi para compartilhar os dados da Internet com o seu aparelho, pois não havia inserido créditos da operadora de telefonia, impossibilitando, assim, o acesso à rede.

Logo que a conexão com a Internet foi estabelecida no *smartphone* de Joice, várias notificações de mensagens do aplicativo *Whatsapp* foram recebidas. Ao ouvir os sons de recebimento de mensagens no celular de Joice, Rayane, que se encontrava próximo, proferiu um sonoro: “Ah, eu também quero Internet no meu celular”, pois também estava sem créditos no aparelho. Antes de os *smartphones* das jovens estarem conectados, notei que elas não manuseavam seus aparelhos. Estabelecida a conexão, enquanto estávamos na cozinha, Rayane se alimentava com uma mão, e com a outra enviava mensagens. Joice, por sua vez, nem havia se servido. Em um determinado momento, Dona Janice chamou a atenção da filha. “Joice, larga esse celular e come”, exclamou. Após o pedido da mãe, ela iniciou a refeição, porém, com os olhos voltados constantemente para o celular, que estava ao lado do prato.

Durante o almoço, Joice comentou sobre o bloqueio do aplicativo *Whatsapp*, ocorrido a partir das 0h do dia 17 de dezembro de 2015, em razão da medida cautelar que foi imposta pela 1ª Vara Criminal de São Bernardo do Campo, no Estado de São Paulo, após um pedido do Ministério Público, sendo a decisão estipulada pela vigência de 48 horas. Tal situação foi motivo de alvoroço entre os usuários do aplicativo e, segundo Joice, alterou em grande proporção a rotina de interação com o aparelho. A jovem comentou que, nessa data, o irmão não fez questão de levar o *smartphone* para a aula: “O Daniel não levou o celular dele pra Belém, ficou tudo aí descarregado no guarda-roupa, ninguém usou o celular. O Daniel falou: ‘Por que eu vou levar o celular se tá sem *Whatsapp*?’”. Percebemos que os usos sociais do celular estão imbricados ao acesso à Internet, pois, na rede, diferentes formas de socialização podem ser pautadas.

Joice relatou que ficou impressionada com a mudança de hábito dos usuários de telefonia móvel, decorrente da suspensão do *Whatsapp*. Na data em que ocorreu o bloqueio do



aplicativo, ao se deslocar em um ônibus, no centro de Belém, a jovem logo notou que os passageiros não estavam manuseando seus aparelhos de celular:

Não tinha pessoas no celular quando eu entrei no ônibus. Não sei, parece que eles estavam todos doentes. Quase eu digo: “Todo mundo sem *Whatsapp*, né?”. Mas eu fiquei com vergonha. Ai eu fiquei pensando, como são as coisas, né? Às vezes a gente vê todo esse povo... acho que se tivesse alguma coisa pra fazer o mal com essas pessoas, só pelo *Whatsapp* já conseguia, porque todo mundo é conectado pelo *Whatsapp*. Se tivesse alguém, sei lá, pra roubar a alma daquele povo através do *Whatsapp* roubava de todo mundo, porque não tinha ninguém que não tivesse celular sem *Whatsapp*. E ontem não, eles estavam todos libertos.

Durante todo o período da tarde em que estive na residência, Rayane e Joice utilizaram a internet na sala de estar, conectada por meio de meu aparelho, para que pudessem interagir no *Whatsapp*. As mensagens enviadas e recebidas com maior frequência eram as de um grupo do aplicativo que reunia os familiares das jovens, dentre os assuntos, o principal girava em torno da organização do amigo invisível a ser realizado na noite de Natal, bem como eram comentadas as fotos enviadas pelo participantes. Por meio do *Whatsapp*, é possível perceber de forma nítida a natureza da conversação, constituída, conforme Simmel (2006), pela habilidade dos participantes mudarem rapidamente de assunto e agregarem conteúdos comuns, que envolvem uma fluidez.

A televisão da sala estava sintonizada na emissora Rede Globo, que transmitia um filme de desenho animado na “Sessão da Tarde”, mas as jovens mal olhavam para o televisor. Enquanto Rayane permanecia no sofá, Joice se encontrava sentada no chão da casa, encostada na porta principal da residência, o lugar preferido para utilizar seu *smartphone* (Figura 47).



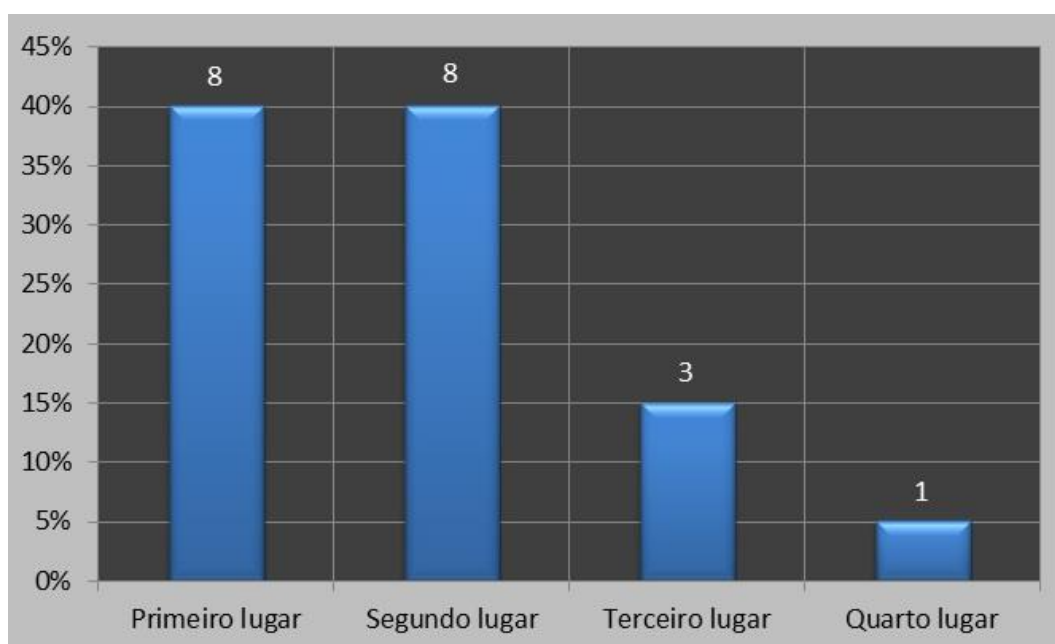
**Figura 47:** Joice conversa pelo *Whatsapp* (Foto: Monique Igreja)

Por volta das 16h, após o término de uma chuva intensa, manifestei o desejo de voltar a Belém e, prontamente, Rayane se dispôs a me levar. Então, brincando, Joice lamentou: “Poxa, não vai ainda, senão vou ficar sem Internet”. Quando estava embarcando na rabeta, Joice pediu para que eu esperasse um pouco para ela enviar uma última mensagem no *Whatsapp*. Esperei e, concluída a conversa, partimos rumo à capital paraense. No meio da travessia, Rayane recebeu uma ligação telefônica do presidente da Associação dos Ribeirinhos, a qual é filiada e, em razão do acentuado ruído proveniente do motor da embarcação, ela o desligou, para que pudesse ouvir claramente a chamada. E daquela forma ficamos por alguns minutos: à deriva, embaladas pelas águas do rio (Figura 48).



**Figura 48** - Momento em que o motor da rabeta foi desligado (Foto: Monique Igreja)

Dessa forma, o *smartphone* assume uma posição central na vida dos entrevistados, já que o acesso à internet se dá, principalmente, por meio desse dispositivo. Para perceber a relevância do *smartphone* frente a outros equipamentos, solicitamos que os participantes numerassem, por ordem de importância, os seguintes aparelhos: televisão, rádio, geladeira, celular e computador. O celular foi escolhido em primeiro lugar por 8 jovens, outros 8 entrevistados elegeram o aparelho como o segundo mais importante, 3 acreditam que o celular está em terceiro lugar e apenas 1 jovem apontou que o celular ocupa a quarta posição, como observamos no gráfico a seguir.

**Gráfico 08** – Posição da ordem de importância do celular

Fonte: Elaborado pela autora

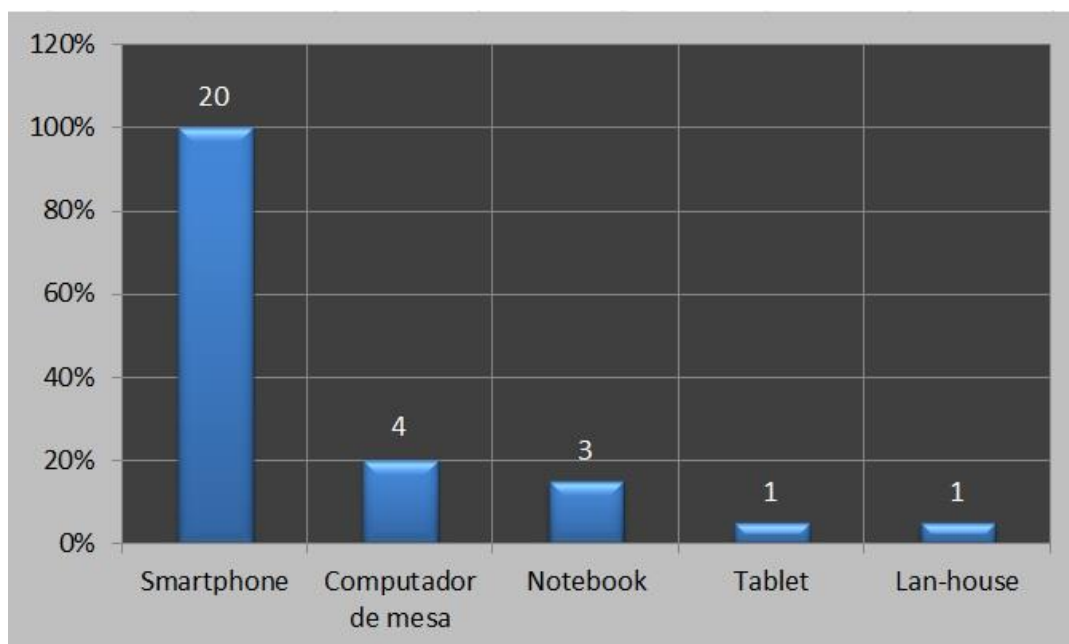
Apesar de os entrevistados não possuírem computador, esse equipamento eletrônico foi escolhido como o mais importante por 5 jovens, enquanto que 4 participantes elegeram o aparelho de televisão em primeiro lugar e apenas 3 consideraram a geladeira como primordial. Nenhum entrevistado classificou o rádio como o mais significativo. Dentre as opções de aparelhos disponíveis, o rádio foi numerado em último lugar por 12 jovens. Por meio das respostas desta questão, o celular foi o item que mais obteve destaque - 16 jovens o classificaram como primeiro e segundo aparelho mais importante. Assim, percebemos a preferência da mídia móvel pelos participantes, pois com ela as possibilidades de consumir, produzir e distribuir informações foram ampliadas, corroborando para que, com a mobilidade física, ganhasse força (LEMOS, 2011).

Com o *smartphone*, enviar mensagens e postar fotos nas redes sociais são atos que exemplificam a relação de sinergia entre as mobilidades física e informacional-virtual, que não ocorriam por meio dos meios de comunicação de massa, como destaca Lemos (2011, p.20): “Com estes era possível apenas o consumo em mobilidade (ouvir rádio no carro, ler um livro no avião ou revistas e jornais no ônibus), sendo rara a capacidade produtiva e impossível a de distribuição imediata”.

Quando perguntados sobre como se conectavam ao ambiente virtual, todos os jovens indicaram utilizar o *smartphone* com essa finalidade. Somente 4 entrevistados relataram que navegam na internet pelo computador de mesa, sendo que 3 deles utilizam o computador do laboratório de informática de seus respectivos cursos e 1 acessa pelo computador pertencente a

um membro da família. Dos 3 participantes que indicaram acessar a Internet por meio do *notebook*, apenas a jovem Tainara afirmou que utiliza seu *notebook* pessoal, o qual capta a Internet por um *modem* externo. Os demais acessam por meio do *notebook* de amigos e familiares. Apenas a entrevistada Jéssica apontou que frequenta *lan-house* para navegar virtualmente e a jovem Luiza relatou se conectar pelo *tablet* (Gráfico 09).

**Gráfico 09** - O acesso à Internet pelos jovens



Fonte: Elaborado pela autora

Percebemos que a maioria dos entrevistados (11 jovens) acessa a Internet exclusivamente pelo *smartphone*. Esse fato reflete a facilidade de acesso possibilitado pelo dispositivo, que permite uma maior inclusão digital, já que tem um custo inferior se comparado a computadores, *notebooks* e *tablets* e pela função que o próprio celular exerce. Com o *smartphone*, jovens pertencentes a localidades rurais, como a ilha de Murutucu, passaram a ter possibilidades de conexão da mesma forma que jovens de áreas urbanas. O *smartphone* se torna uma presença marcante na vida dos jovens, sendo extensão de suas comunicações e manifestações<sup>39</sup>. Estão em qualquer lugar com os jovens, independente do espaço físico em que vivem.

Com relação à renda mensal familiar dos entrevistados, constatamos que 10 dos 20 entrevistados pertencem a famílias com orçamento de até um salário mínimo, enquanto que 8

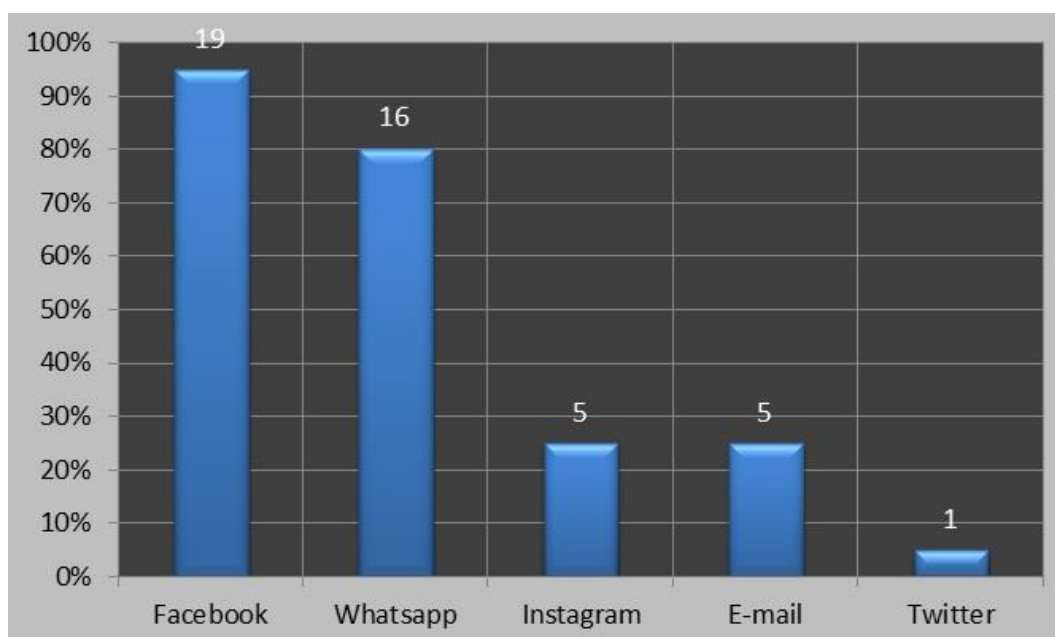
<sup>39</sup> Percebemos que há o predomínio dos aparelhos das marcas LG (45%), Samsung (40%), Motorola (10%) e Sony (5%) entre os jovens de Murutucu.



participantes vivem com uma renda mensal de até dois salários e 2 entrevistados têm famílias com orçamento maior de 3 salários. Apesar de viverem com um baixo recurso financeiro, é interessante notar a presença maciça do *smartphone*, usados principalmente pelos jovens ilhéus, que costumam adquirir seus aparelhos por meio do cartão de crédito de familiares, forma que facilita as condições de pagamento, com o parcelamento do valor total da compra.

Sobre o acesso à internet pelo *smartphone*, 14 entrevistados declararam utilizar a web sempre, 5 apontaram que acessam de vez em quando e 1 afirmou que navega raramente no ambiente virtual. Quase a totalidade dos jovens (18 deles) relatou utilizar a internet para acessar as redes sociais, 8 participantes acessam com o objetivo de pesquisar trabalhos e 3 costumam fazer o *download* de músicas e filmes<sup>40</sup>. Percebemos que apenas 2 jovens afirmaram não acessar as redes sociais, entretanto, eles declararam que têm conta ativa no *Facebook*. Com relação aos aplicativos que costumam usar no *smartphone*, quase todos os entrevistados (19 deles) citaram o *Facebook*, 16 participantes mencionaram o *Whatsapp*, 5 apontaram o aplicativo do *Instagram*, 5 indicaram o *e-mail* e 1 o *Twitter* (Gráfico 10).

**Gráfico 10** - Aplicativos utilizados no *smartphone*



Fonte: Elaborado pela autora

É interessante notar a popularidade do *Facebook* entre os jovens. A respeito das formas de uso dessa rede social pelo *smartphone*, 16 entrevistados indicaram que curtem publicações,

<sup>40</sup> Ressaltamos que essa questão oferecia opção de múltipla escolha, devido a isso, a somatória de respostas ultrapassa 100%.

11 têm o hábito de publicar fotos, 3 conversam pelo *chat* e somente 1 compartilha textos. Uma entrevistada também apontou que visualiza notícias por meio da rede social. Percebemos que a prática de curtir publicações e postar fotos são as mais desenvolvidas pelos ilhéus. As conexões, com a mediação da Internet, podem ser individualizadas e personalizadas, adquirindo contornos variados e possibilitando, como exemplo, que os indivíduos tenham centenas de conexões, mantidas com o suporte de ferramentas técnicas (RECUERO, 2009).

Dessa forma, os jovens de Murutucu constroem variados laços de associação no ambiente virtual e têm a possibilidade de tecer cotidianamente interações com diversas finalidades: agendar encontros para a realização de trabalhos da escola, interagir com amigos de Belém e da região das ilhas, programar atividades de lazer, que envolvem, muitas vezes, a reunião de amigos para banhar-se nas águas do rio.

Os *smartphones* se inserem cada vez mais na vida dos jovens na sociedade atual. O aparelho representa um processo de midiaticização que os torna, muitas vezes, dependentes das lógicas presentes nesta forma de mídia. Para compreendermos o significado do *smartphone* na vida dos jovens, lançamos o questionamento: “Qual a importância do celular para você?” A relação interativa dos jovens com o aparelho é facilmente observada. Conforme Simmel (2006), as interações são tecidas a partir de impulsos ou determinadas finalidades. Com o uso do *smartphone*, percebemos que as interações mediadas assumem variados contornos, como o de companhia, distração nos momentos de ócio, auxílio na elaboração de trabalhos, interação com amigos e familiares, ajuda em situações de emergência, como expõem as falas a seguir:

Eu acordo e pego no celular. Gosto de ficar escutando música, jogando jogo também. Como lá [na residência de Evanilson] é ruim de área, eu não uso tanto o *Whatsapp* e *Facebook* assim, uso mais quando eu vou pra casa da minha avó, lá é melhor de área, fica na ilha mesmo, e quando vou pra Belém (Evanilson).

O celular me ajuda bastante para fazer trabalhos da faculdade, me ajuda a comunicar com a minha mãe, que fica de manhã e à tarde para Belém e eu só encontro à noite. Além do *Facebook* e *Whatsapp* pra distrair (Joice).

É importante pra comunicação, claro. É muito importante pra você se comunicar com alguém, numa urgência, assim (Rayane).

O celular é tudo, eu não vivo sem ele pra falar com os amigos quando eu tô pra cá pra ilha, né? Eles vivem me ligando. Eu não consigo ficar sem o celular de jeito nenhum. Se eu esquecer ele em casa eu não consigo fazer nada. Ah, eu piro! (Jéssica).

É um meio de comunicação que ultimamente a gente mais se utiliza pra conversar, se comunicar com as pessoas, e eu acho ele importante (Luiza).

Pra tudo serve o celular. Tem que ter (Jamile).

Eu uso mais pra me comunicar com minhas amigas da igreja, o pessoal da ilha mesmo, por mensagem. Pra pedir passagem pra ir pra igreja... então, eu acho que eu sentiria falta sim [se ficasse sem celular], porque eu já tentei ficar sem olhar o celular, mexer, sabe, por uma semana, mas eu não consegui nem dois dias, e é porque eu gosto também de estar ouvindo música nele, eu gosto mais de ouvir nele, porque eu não incomodo ninguém, escuto o que eu quero (Cléo).

Acho que se eu ficar sem celular, parece que eu tô doente, sei lá, não consigo viver sem (Caroline).

Tu é doido? Pra mim ele é muito importante, até porque eu tenho que falar com o garoto [o namorado]. Pra mim, o celular é mais pra falar com ele. Quando eu vou dormir, durmo segurando nele (Tainara).

O celular tem uma importância muito grande, porque não tem nem como explicar... a comunicação é mais fácil. Os amigos a gente não pode ver, mas a gente tá falando pelo celular. Tudo se resume à comunicação. O celular ajuda em muitas coisas, ele está comigo 24 horas (Ana).

Ah, o celular é superimportante, eu não consigo viver sem ele. Fiquei um tempo sem celular, porque o meu antigo molhou, eu estava com ele no bolso e pulei na água, aí ele não prestou mais, aí eu fiquei uma semana sem e quase que eu fico louca, foi como se fosse um ano. Parece que nada faz sentido sem falar com os amigos. (Thays).

O *smartphone* e sua múltipla funcionalidade é tido como essencial na vida dos jovens, sendo a solução para todos os problemas, bem como observamos no depoimento de Jamile. Percebemos que, por vezes, a ausência do celular é comparada com falta de lucidez e doença, tamanha é a importância atribuída ao aparelho. É relevante observarmos que a maioria dos jovens - 14 deles - também leva o *smartphone* à sala de aula. Ao comentarem a resposta desta questão, alguns jovens disseram que não levam o aparelho quando se deslocam até a escola, pois têm receio de o mesmo ser roubado em Belém.

Nas pesquisas de campo realizadas, os jovens atribuem uma relação de dependência com a tecnologia, como demonstra o depoimento de Tainara. Ela recebeu de presente do pai o primeiro *smartphone* e depois não conseguiu mais viver sem o uso do aparelho:

A mamãe que fala: “Olha, toma cuidado!”, porque o meu vive caindo. Toda hora, todo celular que eu tenho é rápido pra dar fim. Eu quebrei o [aparelho] Moto G, tá até aí, aí quando foi no outro dia eu falei: “Ah, mãe, tem que comprar outro”. Não consigo ficar sem. Aí eu emprestei um dela, fiquei usando, aí foi que o papai mandou tirar esse daqui pra mim. Mas eu não consigo ficar sem, não tem quem faça.

Tainara relata como foram os dias em que utilizou o celular da mãe, que apenas ligava e enviava mensagens SMS, portanto, não era *smartphone*:

Égua, eu ficava doidinha, não sabia o que eu fazia. Tipo, só ficava olhando os números, não tinha nada pra fazer, só ligar mesmo. Não consigo. Só sei que eu estava mal. Eu falava: “Mãe, vou ficar doente”. Até que ela falou: “Tá bom, bora logo tirar”. Aí uma amiga dela tirou parcelado no cartão (Tainara).

Na entrevista realizada com a jovem Joice, no dia 15 de setembro de 2015, ela relatou que havia vendido seu *smartphone* Samsung Galaxy S2 para ajudar a mãe a pagar a faculdade e porque queria comprar um aparelho mais moderno, o Samsung Galaxy Gran Prime<sup>41</sup>:

Logo que saiu ele [o Galaxy S2], eu fiquei louca por ele e comprei, mas assim, depois que eu comecei a ver o Gran Prime eu fiquei mais interessada ainda, porque o S2 já estava ficando lá embaixo, já tinha lançado um bocado de Samsung. Mas eu parei nesse [risos], acho que tá bom esse que eu tô.

É possível observar uma relação entre o consumo e o poder de sedução no lançamento contínuo de *smartphones* por empresas, que sempre acoplam funções inovadoras para seduzir os consumidores, instigando a compra e ocasionando a sensação de que os modelos fabricados anteriormente tornaram-se obsoletos. Assim, os jovens de Murutucu também estão inseridos nessa lógica.

No primeiro momento em que foi entrevistada, Joice estava há 15 dias sem o *smartphone* e contou como estava sendo essa experiência:

Tá ficando um pouco difícil, já estava acostumada no *Whatsapp*, *Facebook*. Logo no oitavo dia eu nem... mas aí comecei a ficar sentada sem ter nada pra distrair, pesquisar alguma coisa não tem como, aí não adianta emprestar deles [dos irmãos], porque eles estão colados [no celular], não ajudam. Aí eu falei com uma colega da minha mãe que vai tirar um pra mim sexta-feira (Joice).

O depoimento de Joice destaca um dos sentidos mais presentes no uso do celular: a distração, pois, com o *smartphone*, qualquer espera se torna menos cansativa e os momentos de ócio passam a ser preenchidos pelas interações no ambiente virtual. A jovem também ressaltou como se estabeleceu a relação com os amigos quando estava sem o aparelho:

Meus amigos falaram: “Ah, eu mandei mensagem pro teu *Whatsapp*”, e eu respondi: “Tô sem *whatsapp*”, e eles perguntaram: “O quê? E agora?” Aí eu disse: “Agora eu não sei”. Eles perguntavam: “Como eu vou falar contigo?”

---

<sup>41</sup> O aparelho Samsung Galaxy S2 apresenta, em média, o valor de R\$ 500,00 no mercado, enquanto que o Samsung Galaxy Gran Prime tem custo aproximado de R\$850,00.

Porque eu tô com um celular, mas não pega *Facebook*, *Whatsapp*, só para colocar o chip mesmo. Aí eu falava para mandarem SMS e eles diziam “Ah, SMS é coisa de pobre”. Quando mando SMS, meus amigos não respondem. Só respondem no *Whatsapp*, aí eu vou no *cyber* e mando mensagem pelo *Facebook*. Aí é difícil. Não costumo ligar porque acho melhor ficar teclando. Quando a gente fica falando, a gente fica sem assunto... quando manda mensagem a gente vai criando assunto, aí recomeça, se tu não encerrar logo, fica o dia inteiro conversando. Agora, se fosse por ligação, eu ia ficar enjoada logo, ah... desliga e pronto. Eu tô um pouco excluída, me excluíram porque tô sem celular, acho que ninguém lembrou de mim, mas só isso, não vou morrer por causa de celular (Joice).

Percebemos que a conversa por meio da ligação telefônica é abordada por Joice de uma forma equivalente ao falar pessoalmente: desperta uma timidez que a interação pela mensagem de texto mascara. Também é possível observar os marcadores de diferenciação pessoal presentes na posse do aparelho celular: os aplicativos *Whatsapp* e *Facebook* apenas podem ser acessados por *smartphones*, que têm um custo bem superior se comparados aos celulares que não possibilitam o acesso à internet.

Assim, o *smartphone* se estabelece como importante gerador de sentidos nas práticas sociais dos jovens de Murutucu. A partir das entrevistas e observações realizadas, constatamos que as interações sociocultural, espaço-temporal e tecnológicas se manifestam de forma intensa na experiência cotidiana dos jovens ilhéus e adquirem diferentes apropriações. Com o uso do *smartphone*, os sujeitos que compõem esta pesquisa, pertencentes às novas ruralidades, encontram-se em um processo de mobilidade cultural, que possibilita a inserção em processos comunicativos mais abrangentes, geradores de novas maneiras de interação e sociabilidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória percorrida nesta pesquisa permitiu o direcionamento de novos olhares à juventude de Murutucu. Meu pensamento estava treinado a perceber o contexto vivido pelos jovens ilhéus de uma forma cartesiana, reificada, a partir de uma relação de exotização com as populações das ilhas de Belém, identificadas, até então, como se tivessem uma essência imutável. A cada visita que realizava à Murutucu, novas interpretações eram tecidas, juntamente à minha orientadora, sobre a socialização e interação de seus jovens moradores, que estão em constante articulação entre elementos da cultura local e a dinâmicas originadas com a apropriação das TICs. As entrevistas e pesquisa de observação realizadas junto aos jovens fizeram com que os enxergasse de maneira diferente da minha percepção inicial e propiciaram meu amadurecimento, como pessoa e pesquisadora. Passei a compreendê-los a partir da atuação constante no ambiente virtual, e não apenas como sujeitos pertencentes a um universo tradicional, que não usufruem de tecnologias.

Aos poucos, o rio, que era apenas motivo de contemplação, passou a fazer parte de minha rotina, com os recorrentes traslados de rabeta realizados para a ilha. A partir da intensificação de contato com os jovens locais, as barreiras que pareciam existir entre pesquisador e pesquisados, no início da pesquisa, foram se rompendo, e passei a construir vínculos de amizade com alguns ilhéus, como foi o caso das irmãs Joice e Rayane, que sempre se manifestaram solícitas ao auxílio deste estudo e se tornaram pessoas importantes na minha trajetória.

A possibilidade de desenvolver um contato mais intenso com os jovens de Murutucu reavivou em mim a compreensão da importância de estarmos abertos ao “outro”, que sempre carrega um universo particular consigo. A busca de relação de compartilhamento com o outro traduz o sentido da comunicação (WOLTON, 2006) e deve se tornar ainda mais presente quando os sujeitos pertencem ao local em que estamos inseridos, como é o caso dos jovens de Murutucu e da população que reside na região das ilhas de Belém em geral. Estes agentes sociais se encontram tão próximos da espacialidade física da cidade, porém, distantes, muitas vezes, de um olhar mais atento dos moradores da cidade e do poder público.

Os processos decorrentes do constante intercâmbio entre as práticas sociais e os modelos culturais dos ambientes rural e urbano configuram uma nova ruralidade, pautada não apenas pela produção de bens materiais, mas fonte de bens simbólicos, que tem a natureza como principal aglutinador (CARNEIRO, 2012). No contexto da Amazônia, a fronteira entre urbano e rural se torna ainda mais tênue, pois seu espaço é composto por diferentes territorializações,

caracterizando-se, assim, a partir de um *continuum* de relações. Dessa forma, as subjetividades referentes à população jovem ultrapassam a dicotomia presente nos conceitos de rural e urbano e se expressam na pluralidade das interações sociais tecidas entre os jovens.

É possível perceber que, mesmo não se apropriando das categorias urbano e rural, os jovens possuem marcadores nítidos relacionados aos espaços da ilha e de Belém. Murutucu é considerada como um local detentor de elementos essenciais em seu modo de vida, tais como a segurança, a tranquilidade e o silêncio, que revelam sentidos de intenso vínculo e pertencimento ao local de origem. Assim, os jovens permanecem conectados aos seus *smartphones*, mas também à natureza: os rios, principalmente, exercem um significado representativo em suas vidas. Essa constatação coloca em xeque um aspecto presente no discurso dominante que, por vezes, é tomado como óbvio no senso comum: o fato de a tecnologia desconectar os sujeitos de seus locais de origem.

Apesar de os participantes da pesquisa se ressentirem do acesso a serviços básicos, como sistema de saneamento, água potável, serviços de saúde, educacionais, e a própria falta de qualidade na área de cobertura de telefonia para o acesso à internet (aspecto articulado como necessidade básica pelos entrevistados), eles não relacionaram a ilha a partir de uma condição de atraso, como também, não teceram comentários negativos ao seu respeito. A única reclamação recorrente articulada à Murutucu era o desconhecimento e dificuldade do nome que a intitula, causador de embaraços ao ser pronunciado.

Para os jovens, a identidade ribeirinha não se configura como conflito à sua autoidentificação, pois a maior parte deles acredita ser melhor representado dessa forma. Porém, preferi não utilizar tal nomenclatura para caracterizar os componentes da pesquisa durante o trabalho, considerando que a utilização do termo também perpassa um aspecto relacional, ao se remeter a pessoas que estão em uma posição social inferior se comparada ao locutor. Esse sentido conferido ao termo “ribeirinho”, que muitas vezes vem atrelado ao “caboquinho”, esteve presente em muitos depoimentos dos jovens, ao relatarem as diversas situações de preconceito que vivenciaram quando passaram a estudar na capital paraense.

Foi possível perceber que as relações dos jovens com a espacialidade de Belém é repleta de representações negativas: há uma resistência às dinâmicas do urbano, como o barulho, a grande movimentação e insegurança. As únicas vantagens elencadas para uma possível mudança à capital foram as oportunidades de trabalho e estudo.

Com o acesso à energia elétrica, a partir de 2011, Murutucu se transformou, o que não significa, necessariamente, que a ilha tenha se desenvolvido. A mudança teve um caráter simbólico e não físico. Os depoimentos dos jovens destacaram as melhorias decorrentes da



chegada da energia, que ampliou o consumo de eletrodomésticos e popularizou o uso do celular entre os habitantes, possibilitando a mediação das ações do cotidiano.

Com relação à percepção sobre o decorrer do tempo, notamos o caráter sensível que o configura: apesar da proximidade a Belém, os jovens de Murutucu percebem uma diferença nítida no “passar do tempo” em ambos os locais. Na capital, o tempo é configurado de maneira mais acelerada para a maioria, devido ao agito e à possibilidade de melhor acesso à área da Internet na cidade. Já aqueles que indicaram ter a sensação de lentidão do tempo em Belém, apresentaram como justificativa a espera do barco-escola para retornar à ilha após as aulas.

As funções de conectividade proporcionadas pelo *smartphone* estimularam o consumo e, principalmente, a produção de informações entre os jovens de Murutucu. Este dispositivo tecnológico transpõe as limitações presentes no território da ilha e se configura como uma “praça virtual”, um espaço de desdobramento de socializações, que tem dificuldades de serem praticadas em Murutucu, visto que não há espaços públicos institucionalizados de lazer em seu território. Dessa forma, a juventude costuma interagir com maior intensidade no ambiente virtual do que no presencial, apesar de Murutucu ser uma localidade pequena. Assim, o virtual é compreendido não a partir de um sentido ficcional, como oposto do real, mas é tomado como o próprio real. Esse fato é corroborado por meio dos depoimentos de muitos dos jovens ilhéus, que afirmaram não haver diferença entre falar presencialmente e pela internet com os amigos. É possível inferir, portanto, que o espaço virtual proporcionado pelo *smartphone*, por vezes, supre a necessidade do encontro presencial entre a juventude.

Na visão dos jovens de Murutucu, o *smartphone* é sinônimo de comunicação. Quando os entrevistados mencionavam a comunicação, apenas o aparato tecnológico era associado - em nenhum momento a ideia de se comunicar foi articulada ao contato presencial. As falas dos participantes desta pesquisa enfatizaram o diálogo e o significado de falar com alguém distante no celular, os quais determinaram que o aparelho fosse considerado um meio de comunicação. Para os ilhéus, um meio de comunicação representa interação e não informação, devido a isso, a televisão muitas vezes não foi identificada como um meio, já que sua configuração não possibilita um diálogo.

A utilização do *smartphone*, para alguns dos jovens, apenas tem sentido com o uso da Internet, que possibilita a interação via *Whatsapp* e *Facebook*, enquanto que, para outros ilhéus, o celular ainda se configura como importante, apenas com os recursos de SMS e ligação telefônica, como é o caso dos jovens que não têm acesso, em suas residências, a uma área de telefonia de qualidade.

O *smartphone* se insere nas interações comunicativas dos jovens de variadas maneiras, como verdadeira extensão do corpo humano. O aparelho adquire sentidos de uso diferenciados: supre a necessidade de conexão à Internet; aproxima os amigos distantes, tanto da ilha quanto de Belém; adquire status de companhia - o qual, anteriormente, era conferido na sociedade apenas à televisão -; auxilia na realização de pesquisas escolares; ocupa os momentos de ócio, dando a eles utilidade; e, muitas vezes, adquire um sentido de remédio, ao impossibilitar que a doença e a loucura acometam os jovens, pois ambas foram relacionadas à ausência do aparelho, já que “parece que nada faz sentido sem falar com os amigos”, como relatou Thays.

Os depoimentos dos jovens reverberaram, em quase a sua totalidade, aspectos favoráveis do modo como a tecnologia transformou a experiência cotidiana, porém, é importante ressaltar as tensões existentes na relação com o *smartphone*. A primeira delas concerne à esfera familiar: os depoimentos destacaram os conflitos entre gerações, devido ao uso exacerbado da tecnologia.

Certas vezes, os pais não conseguem compreender a relação íntima com o *smartphone*, a qual faz com que os filhos fiquem posicionados, estrategicamente, em um ponto específico da residência, para o acesso à Internet, como a jovem Caroline, que utiliza o celular “bem na beirinha da cama”, pois é o único ponto que permite o acesso ao sinal da operadora. Ou, então, não veem sentido no fato de os filhos esquecerem de se alimentar, tamanha é a atenção voltada ao aparelho; e, até mesmo, conferem ao celular um caráter facilitador para a gravidez de uma filha, por meio do contato intenso possibilitado pelo *smartphone* da jovem com o namorado, como foi o caso de Dona Soldallice, mãe de Taís.

Esta pesquisa não se aprofundou na dinâmica das famílias dos jovens entrevistados, para conhecer até que ponto a tecnologia interfere na relação familiar, porém, foi possível perceber que os pais, acostumados a uma dinâmica mais tradicional, que envolve atividades profissionais tradicionais, como o extrativismo, por vezes, não compreendem o nível elevado da interferência tecnológica na vida dos filhos e ficam insatisfeitos com o tempo dispensado no uso do *smartphone*. Observamos que, algumas vezes, a tecnologia produz um afastamento familiar, como destacou o depoimento de Joice sobre a diferença de relação interpessoal com seus familiares antes e depois do episódio em que faltou energia elétrica em sua residência.

As entrevistas e observações realizadas demonstraram que a figura materna é representativa na vida dos jovens. Nas ocasiões em que as moradias de Murutucu foram visitadas, a mãe sempre estava presente, já que a maioria das mães dos entrevistados exerce a função de dona de casa, enquanto que o pai se encontrava trabalhando.

Durante o contato com os jovens que compõem esta pesquisa, observei que alguns deles tinham dificuldades em manter um diálogo, devido à timidez, e eram monossilábicos nas respostas. Nesse sentido, a tecnologia pode ser utilizada como um subterfúgio, uma forma de premeditar e desviar os riscos que são expostos diante da interação imediata. Mesmo considerando as dificuldades de acesso à internet na ilha de Murutucu, a interação entre os jovens pelo ambiente virtual, aparentemente, é maior que os momentos de interação face a face. Assim, é possível constatar que a tecnologia produz um distanciamento presencial entre os jovens, que já é favorecido pelo território físico em que estão, uma vez que supre a necessidade da interação imediata para muitos deles.

Para os sujeitos que compõem esta pesquisa, a tecnologia é tida como uma verdadeira redentora, que traz a salvação da manutenção de suas relações interpessoais, mas não é utilizada para reverberar as problemáticas existentes em Murutucu, que não tem acesso a serviços que satisfaçam as necessidades humanas básicas, como educação, saúde, sistema hídrico e de saneamento. Os jovens se apropriam da Internet, principalmente, para acessar o *Whatsapp* e curtir publicações no *Facebook*, e não para expor as carências presentes em Murutucu nas redes sociais. Talvez, essa ausência de crítica seja configurada devido aos jovens não gostarem de abordar as perspectivas negativas relacionadas à ilha, levando em consideração o fato de a sua imagem já ser representada com um caráter negativo por grande parte dos moradores de Belém. O uso social da Internet, por meio do *smartphone*, perpassa um caráter individual, e não coletivo. Assim, as tecnologias produzem novas territorialidades entre os indivíduos, mas elas, sozinhas, não são capazes de modificar a realidade do local em que eles estão inseridos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: PERALVA, Angelina Teixeira; SPÓSITO, Marília Pontes (Org.). **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 5-6, p. 25-36, maio/dez. 1997.

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Revista de Economia Aplicada**. São Paulo, v.4, n.2, p. 379-397, abr./jun., 2000.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARENZ, K. H. **Filhos e filhas do Beiradão: A formação sócio-histórica dos ribeirinhos da Amazônia**. Santarém: Faculdades Integradas do Tapajós, 2000.

ARTOPOULOS, Alejandro. Notas sobre a cultura juvenil móvel na América Latina. In: BEIGUELMAN, Giselle; LA FERLA, Jorge (Org.). **Nomadismos tecnológicos**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

BELÉM, Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão. **Anuário Estatístico do Município de Belém**, v. 17, 2012. Disponível em: <<http://www.belem.pa.gov.br/app/c2ms/v/?id=2&conteudo=4485>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORELLI, Silvia; PEREIRA, Simone. Cultura de massa. In: CITELLI, Adilson et al. (Org.). **Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Brasília, v.14, n.1, p. 1-33, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/665/503>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 22 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Juventude**. Lei nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acesso em: 22 jul. 2015.

CARDOSO, Ana Cláudia D.; LIMA, José Júlio F. Tipologias e padrões de ocupação urbana na Amazônia Oriental: para que e para quem? In: CARDOSO, Ana Cláudia D (Org.). **O rural e o urbano na Amazônia: diferentes olhares em perspectivas**. Belém: EDUFPA, 2006.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n.11. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ruralidades Contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Communication power.** Oxford e N. York: Oxford University Press, 2009.

CASTRO, Edna (Org.). **Belém de águas e ilhas.** Belém: Cejup, 2006.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: CASTRO, Edna (org.). **Cidades na floresta.** São Paulo: Annablume, 2009a.

\_\_\_\_\_. Urbanização, pluralidade e singularidades das cidades amazônicas. In: CASTRO, Edna (Org.). **Cidades na floresta.** São Paulo: Annablume, 2009b.

CHAVES, Mariana. **Jóvenes, territories y complicidades: una antropología de la juventud urbana:** Espacio Editorial, 2010.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos 1950. **Revista Brasileira de História**, v. 32, n. 63. São Paulo, 2012a. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v32n63/18.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

COSTA, Francisco de Assis. Lugar e significado da gestão pombalina na economia colonial do Grão-Pará. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v.20, n.1, jan./abr. 2010.

\_\_\_\_\_. Mercado de terras e trajetórias tecnológicas na Amazônia. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 2 (45), p. 245-273, ago. 2012b. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ecos/v21n2/a02v21n2.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DIEGUES, A. C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada.** 6. ed. São Paulo: Hucitec: Nupaub-USP/CEC, 2008.

DOSI, G. Technological paradigms and technological trajectories. **Revista Brasileira de Inovações**, v. 5, n. 1, p. 17-32, jan./jun.. 2006.

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará. **Orientação garante a qualidade do açaí desde a coleta do fruto.** Disponível em: <<http://www.emater.pa.gov.br/destaque/56>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

ERTHAL, Ana Amélia. **O telefone celular como produtor de novas sensorialidades e técnicas corporais.** Contemporânea, n. 8, p. 58-65, 2007.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Comunicação Espaço Cultura.** São Paulo: Annablume, 2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Meu namoro de 4 anos terminou por Whatsapp**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2015/07/1655326-meu-namoro-de-4-anos-terminou-por-whatsapp-veja-casos-de-fim-virtual.shtml>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

FREIRE, Jacqueline C. da S. **Juventude ribeirinha: identidade e cotidiano**. Dissertação (Planejamento do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Imaginários urbanos**. 4. ed. Buenos Aires: Eudeba, 2010

GOFFMAN, Erving. **Os Momentos e os seus Homens**. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

\_\_\_\_\_. **Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Os quadros de experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GUERRA, Gutemberg. A expansão do território de Belém para as ilhas. In: Simpósio Amazônia, Cidades e Geopolíticas das Águas, 2003, Belém, **Anais...** Belém: NAEA/UFGPA, 2003.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HASTE, Helen. The role of mobile phones in young people's lives. **Nestlé Social Research Programme: 2005**. Disponível em: <<https://www.ipsos-mori.com/Assets/Docs/Archive/Polls/nestlesrp3.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

HJARVARD, Stig. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, jan./jun., 2012.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População estimada do município de Belém em 2014**. Brasília: IBGE Cidades, 2014. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150140>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENSEN, K.B.; JANKOWSKI, N.W. **Metodologias cualitativas de investigacion em comunicacion de masas**. Barcelona: Bosch, 1993.

JOAS, Hans. Interacionismo Simbólico. In: GIDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). **Teoria Social Hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

JR., Saint-Clair C da T.; AMARAL, Márcio D. B.; SANTOS, Emmanuel R. C. Estado, políticas urbanas e gestão do espaço na orla fluvial de Belém. In: CASTRO, Edna (Org.). **Belém de águas e ilhas**. Belém: CEJUP, 2006, p. 59-84.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEMOS, André. Cultura da mobilidade. In: BEIGUELMAN, Giselle; LA FERLA, Jorge (Org.). **Nomadismos Tecnológicos**. São Paulo: Senac, 2011.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 6.ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. A mutação inacabada da esfera pública. In: LEMOS, Andre; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, D. M. A construção histórica do termo caboclo: Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. **Novos Cadernos NAEA**. Belém, v. 2, n. 2, p. 5-32, dez. 1999.

LIMA, N. et al. A informação ambiental na ilha do Murutucu Belém-PA, 2009-2010: Um estudo de caso da relação urbano e rural. In: I Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, 2010, Bauru, **Anais...** Bauru: IBEAS, 2010. Disponível em: <<http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2010/I-002.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2015.

LOS ANGELES TIMES. **Acai has gone from staple of the Amazon to global wonder-berry**. Disponível em: <<http://www.latimes.com/world/la-fg-acai21-2008sep21-story.html#page=1>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, S. H.S.; FILHO, J. F. (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Comunicação & identidade**: quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MELO, José Marques de. Introdução - Metodologia da Pesquisa em Comunicação: Itinerário Brasileiro. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOREIRA, Eidorfe. **Belém e sua expressão geográfica**. Belém: Imprensa Universitária, 1966.

MORIN, E. **Cultura de massa no século XX**: o espírito do tempo 1 – Neurose. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.



NAVEGANTES, Rodival. **Entrevista concedida à pesquisa**. Murutucu, PA: 2015.

NIELSEN IBOPE. **Pesquisa Mobile Report**. Disponível em: <<http://www.nielsen.com/br/pt/press-room/2015/Brasileiros-com-internet-no-smartphone-ja-sao-mais-de-70-milhoes.html>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

OLIVEIRA, R. Culturas juvenis na metrópole: cultura audiovisual, formas de expressão e consumo simbólico. In: FREITAS, M. (Org.). **Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo: Cortez, 2006.

OROZCO, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. **Una coartada metodológica: \_abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias**. México: Productora de Contenidos Culturales, 2011.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **João de Jesus Paes Loureiro: obras reunidas: poesia I**. São Paulo: Escrituras, 2001

PARÁ, Governo do Estado do Pará. **Mulheres lideram a produção e colheita de açaí na região das ilhas**. Disponível em: <[http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id\\_ver=109528](http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id_ver=109528)>. Acesso em 04 jul. 2015.

PRENSKY, Marc. Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. **On the Horizon**. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, 2001.

QUARESMA, Helena D. de A. B.; PINTO, Paulo M. O turismo insular em Caratateua/Outeiro. In: CASTRO, Edna (Org.). **Belém de águas e ilhas**. Belém: CEJUP, 2006. p. 219-246.

QUÉRÉ, Louis. **De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico**. Trad: Vera Westin; Lúcia Lamounier. Original: D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique. Réseaux, n. 46/47. Paris: Tekhné, mar/abril, 1991.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Bruna Gomes; CARDOSO, Ana Cláudia D.; BEZERRA, Fabiola N. C. A dualidade do ambiente natural/urbano e suas perspectivas em Cotijuba-Pa. In: III Seminário Nacional sobre o Tratamento de Áreas de Preservação Permanente em Meio Urbano e Restrições Ambientais ao Parcelamento do Solo, 2014, Belém. **Anais...** Belém, 2014: UFPA. Disponível em: <<http://www.appurbana2014.com/anais/ARQUIVOS/GT2-315-127-20140601225003.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 6. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RICCI, Magda. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840**. Revista Tempo [online], vol. 11, n. 22. Niterói, 2007, p.5-30. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042007000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042007000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 02 jun. 2015.

SALLES, L. M. F.; SILVA, J. M.A.P. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n.30, p.149-166, jan./jun. 2008.

SAMPIERI, R.; COLLADO, C.; LUCIO, P. **Metodologias de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS. Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social**, São Paulo, v. 5, n.1-2, p.31-52, nov. 1993.

SELLTIZ et al. **Métodos de pesquisas nas relações sociais**. São Paulo, E.P.U.: São Paulo, 1974.

SERRES, Michel. **Récits de Humanisme**. Paris: Le Pommier, 2006.

\_\_\_\_\_. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, Hilton. Sócio-ecologia da saúde e doença: Os efeitos da invisibilidade nas populações caboclas da Amazônia. In: ADAMS, C.; MURRIETA, R.; NEVES, W. (Org.). **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006.

SILVA, R. S. da; SILVA, V. R. da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792011000300013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000300013)>. Acesso em: 22 jul. 2015.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009, p. 51-61.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TOURAINE, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VASCONCELLOS, Ana Maria de Albuquerque. **Espaço social e populações tradicionais na Amazônia: conflito e resistência**. Belém: UNAMA, 1999.

VELOSO, Nircele da S. L.; MENDES, Ronaldo L. R. Água da chuva e desenvolvimento local: o caso do abastecimento das ilhas de Belém. In: **VI Encontro Nacional da ANPPAS**. Belém, PA: 2012. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro6/anais/ARQUIVOS/GT9-966-844-20120630232259.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015>.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiaticização: uma perspectiva semiantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n.1, jan./jun., 2014.

WALTER. **Entrevista concedida à pesquisa**. Murutucu, PA: 2015.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001, p.31-44.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

**ENTREVISTAS**

ALDAIR. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

AMANDA. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

ANA. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

ANDRÉ. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

BOTELHO, Lucilene. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

BRENO. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

CAROLINE. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

CLÉO. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

DANIEL. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

EVANILSON. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

EVELYN. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

JAMILE. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

JANICE. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015

JÉSSICA. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

JOICE. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

LUIZA. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

RAYANE. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

SOLDALICE. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

TAINARA. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

TAÍS. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

THAYS. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

VANESSA. **Entrevista concedida à pesquisa.** Murutucu, PA: 2015.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS JOVENS

1- Sexo: F ( ) M ( )

2-Idade: 15 a 17 ( ) 18 a 20 ( ) 21 a 23 ( ) 24 a 26 ( ) 27 a 29 ( ) 30 ou mais ( )

3-Nível de renda familiar: Até 1 SM ( ); Até 2 SM ( ); Até 3 SM ( ); Mais de 3 SM ( )

4-Escolaridade: Cursa E. F. ( ); Cursa 1º ano EM ( ); Cursa 2º ano EM ( ); Cursa 3º ano EM ( )  
Cursa Faculdade ( )

5-Você se identifica como: Jovem ribeirinho ( ); Jovem ilhéu (da ilha) ( ); Jovem rural ( ); Jovem urbano ( ); Jovem ( ); Outro \_\_\_\_\_

6-Você nasceu na ilha de Murutucu? Sim ( ) Não ( )

7-Se não nasceu na ilha, desde qual idade mora na ilha? \_\_\_\_\_

8-Pretende morar definitivamente na ilha? Sim ( ) Não ( )

9-Você gosta de morar na ilha? \_\_\_\_\_

10-O que você mais gosta do lugar onde mora? \_\_\_\_\_

11-O que você menos gosta do lugar onde mora? \_\_\_\_\_

12-Você trabalha? Sim ( ) Não ( )

13-Se sim, faz qual atividade? Pesca ( ) Extração de açaí ( ) Estabelecimento comercial ( )  
Roça ( ) Transporte fluvial ( ) Outros ( ) \_\_\_\_\_

14-A sua atividade de trabalho é remunerada? Sim ( ) Não ( )

15-Os seus pais trabalham? Com o quê?

Pai \_\_\_\_\_

Mãe \_\_\_\_\_

16-Você vai a Belém para fazer o quê? Banco ( ); Estudar ( ); Comprar ( ); Vender ( ); Usar serviço de saúde ( ); Outros ( ) \_\_\_\_\_

17-O que costuma fazer nos momentos de lazer em Murutucu? Praticar esportes ( ); Assistir televisão ( ); Tomar banho de rio ( ); Acessar Internet ( ); Ouvir música ( ); Outros ( ): \_\_\_\_\_

18- E em Belém?

Ir ao cinema ( ); Outros ( ) \_\_\_\_\_

19- Quais os meios de comunicação que há na sua casa?

Televisão ( ) Rádio ( ) Jornal impresso ( ) Outros ( ) \_\_\_\_\_

20-Você tem celular? Sim ( ) Não ( )

21-Qual a marca e modelo do celular? \_\_\_\_\_

22-Qual é a importância do Celular para você?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

23- Para quê costuma usar o celular? Ligar ( ) Passar SMS ( ) Acessar a Internet ( )

Outros ( ) \_\_\_\_\_

24-Você costuma levar o celular para a sala de aula? Sim ( ) Não ( )

25-Numere por ordem de importância os aparelhos abaixo:

( ) Televisão

( ) Rádio

( ) Geladeira

( ) Celular

( ) Computador

26-Você acessa a Internet? Sim ( ) Não ( )

Como? Computador de mesa( ); Tablet ( ); Notebook ( ); Celular ( ); Lan-house ( )

27- Se acessa a Internet do celular, qual a frequência que costuma acessar?

Sempre ( )                      De vez em quando ( )                      Raramente ( )

28-Usa a Internet para quê? Pesquisar trabalhos da escola ( ); assistir a vídeos ( )

baixar músicas ou filmes ( );      acessar redes sociais ( );      Outros ( ) \_\_\_\_\_

29-Você tem Redes Sociais? Quais? \_\_\_\_\_

30 – Quais os aplicativos que costuma usar no celular?

Whatsapp ( )      Facebook ( )      Instagram ( )      E-mail ( )

31-Como usa Facebook pelo Celular?

Compartilhar fotos ( );      Compartilhar vídeos ( );      Compartilhar textos ( );

Curtir publicações ( );      Outros ( ) \_\_\_\_\_

32-A conexão é boa?      Sim ( );      Não ( )

33-Belém é longe para você?      Sim ( );      Não ( )

34 - Se sim, por que é longe? \_\_\_\_\_

35-Você sente diferença entre o passar do tempo em Belém e Murutucu?

Por quê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

36-Tem contato com adolescentes de outras comunidades?      Sim ( )      Não ( )

Quais? \_\_\_\_\_

37-Tem contato com adolescentes de Belém?      Sim ( )      Não ( )

38-Você vai a Belém quando não é para estudar e trabalhar?      Sim ( )      Não ( )

Se sim, para fazer o quê? \_\_\_\_\_



**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –  
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA**

---

Igreja, Monique Feio, 1989-

Tecnologia e interação na Amazônia paraense : um estudos com jovens da ilha do Murucutu/Belém-Pa / Monique Feio Igreja ; Orientadora, Alda Cristina Silva da Costa. — 2016.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, Mestrado em Ciências da Comunicação, Belém, 2016

1. Comunicação e tecnologia - Amazônia. 2. Interação social. 3. Tecnologia – Aspectos sociais. I. Título.

CDD-22.ed. 303.4833

---